Humberto Fonsêca de Lucena

A FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA SERRA DE ARARUNA

A UNIÃO

Copyright © 2000 I

SUMÁRIO

A Antiga Capela de Nossa Senhora da Conceição **13**

A criação da Freguesia **23**

A construção da nova Igreja Matriz **35**

Três sacerdotes araranenses **55**

Padre Francisco Bandeira Pequeno **63**

Padre Severino e Padre Epaminondas **77**

Padre Joaquim de Sousa Simões **97**

O primeiro decênio do paroquiato do Padre Joaquim **121**

O longo paroquiato do Padre Joaquim de Sousa Simões **135**

Capelas e padroeiros **155**

O Padre Christian Muffler e o caminhar de uma nova Igreja **171**

As obras de recuperação e os melhoramentos introduzidos na igreja matriz **179**

PREFÁCIO

O Padre Francisco Lima, em três volumes, reuniu os dados necessários para se escrever a vida do primeiro Bispo e Arcebispo da Paraíba, D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques. Foi fruto de uma pesquisa paciente e pertinaz, que lhe custou anos e anos de trabalho.

Agora, neste final do ano 2000, um outro pesquisador obstinado, levado por um profundo amor à sua terra natal - Humberto Fonsêca de Lucena - está publicando a história da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Serra de Araruna. No Brasil, a devoção a Nossa Senhora da Conceição começou com os franciscanos e portugueses, desde o século XVI. Segundo Pedro Calmon, já em 1600 havia dezenas de igrejas dedicadas à Virgem da Conceição.

Os primeiros habitantes de Araruna também herdaram a devoção e o carinho para com a Mãe de Jesus, ao lado da devoção a outros santos, como Santo Antônio e Santa Escolástica. Quando a povoação cresceu e se tornou freguesia, para padroeira do povo cristão daquela tranqüila localidade serrana foi escolhida N. S. da Conceição.

O livro de Humberto Lucena é um manancial de preciosas informações. Junta documentos escondidos em cúrias diocesanas e arquivos paroquiais. Apresenta dados esquecidos sobre antigos vigários. Relembra os preconceitos de um antigo vigário, quando era membro da Assembléia Provincial, atacando as Casas de Caridade do Pe. Ibiapina. Descreve as várias reformas da matriz, culminando com a que foi realizada este ano, tornando-se um templo mais alegre, onde os fiéis participam do culto sagrado com mais unção. Não falta uma palavra de compreensão e amizade para com o atual vigário - Pe. Cristiano Muffler - que vem renovando as atividades pastorais da Paróquia de Araruna.

Humberto Lucena que, em publicações anteriores, já havia focalizado outros ambientes e aspectos de Araruna, mostra neste livro a sua

capacidade e persistência em pesquisar e unir elementos para a história da sua cidade e município. Com uma linguagem precisa e direta, vai tornando o leitor interessado nos depoimentos e informações que se sucedem, nos vários capítulos.

Como seria bom e útil, se as freguesias mais antigas tivessem um pesquisador inteligente e dedicado, que se desse ao trabalho de recuperar a memória esquecida dos seus pastores, dos seus vultos mais salientes, das suas festas, da sua caminhada cristã e social! A Paróquia de Araruna já tem o seu historiador. Como o único ex-vigário ainda vivo, fico feliz, agradeço a Humberto e louvo a Deus.

D. Epaminondas Araújo

A antiga Capela de Nossa Senhora da Conceição

A construção da capela. As divergências sobre a data de sua construção. Seu construtor e o surgimento do povoado de Araruna. Aspectos da arquitetura da capela. Inventário do acervo da atual Igrejinha de Santo Antônio.

Uma questão que logo se apresenta a quem busca as raízes da história da Freguesia de Araruna diz respeito à falta de informações sobre a construção da antiga Capela de Nossa Senhora da Conceição, atual Igrejinha de Santo Antônio, em torno da qual surgiu o povoado que, por sua vez, deu origem à freguesia. A história de ambos, freguesia e povoado, se confunde no seu início. Aliás, constitui regra, quase geral, a formação de nossas cidades a partir de uma igreja. E Araruna não constitui exceção.

Aceitando-se a versão divulgada por Coriolano de Medeiros[1], a povoação de Araruna foi fundada por Feliciano Soares em 1845, data da construção da capela, marco inicial do povoamento.

Em anotação feita no Livro de Tombo da Freguesia de Araruna, o Padre Severino Cavalcanti de Miranda[2] informa que a construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição se deu em 1840.

---

[1] MEDEIROS, João Rodrigues Coriolano de: *Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba*. Paraíba: Imprensa Oficial, 1914.

[2] Padre Severino Cavalcanti de Miranda, vigário de Araruna entre 1940 e 1952. Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, p. 51v.

Em artigo publicado no jornal O NORTE, de 12 de agosto de 1953, o Padre Epaminondas Araújo[3] nos fala da capela *que já estava concluída em 1830.*

Uma outra anotação nos vem de D. Nazinha Câmara[4], que costumava passar, para seus cadernos, informações sobre a história de Araruna. Vejamos o que anotou D. Nazinha:

> *O fundador da cidade de Araruna chamava-se Feliciano Soares, já falecido, pai de Rita Maria Cavalcante, também falecida no ano de 1927, aos noventa anos, casada com João Bezerra Cavalcante.*
>
> *Consta que a cidade foi fundada em 1845, segundo conta o senhor Manoel Bezerra Cavalcante por ouvir dizer por boca de sua mãe, D. Rita Maria Cavalcante, filha do fundador da cidade, que estava com cinco anos quando seu pai, isto em 1824, foi a Olinda, sede da Diocese, pedir ao Bispo uma imagem para a Capela de Nossa Senhora a fim de pagar uma promessa a referida santa por ter ficado bom de grave doença.*
>
> *Morava Feliciano Soares em Jacu dos Órfãos, no Estado do Rio Grande do Norte, onde se achava doente, por conselho de seu irmão de nome João de Deus, veio construir a capela da Serra de Araruna; dizem até que Feliciano saiu com um maracatu angariando auxílio para a construção da aludida capela e esta foi concluída em 1845.*

Há uma certa dificuldade de interpretação das datas citadas por D. Nazinha:

Se D. Rita Maria Cavalcante contava cinco anos de idade quando

---

[3] Padre Epaminondas José de Araújo. Vigário de Araruna entre 1952 e 1953.

[4] D. Emília Câmara, conhecida por Nazinha Câmara. Nasceu em Tacima, em 1891. Suas anotações nos foram gentilmente cedidas pelo ararunense Desembargador Almir Carneiro da Fonseca.

o pai viajou para Olinda, o ano dessa viagem teria sido 1842, pois ela morreu em 1927, aos noventa anos. Essa data se aproxima do ano de 1845 (data aceita por Coriolano de Medeiros), quando teria sido concluída a capela.

. Por outro lado, se a viagem à Olinda se deu em 1824, como ela se referiu, a versão do Padre Epaminondas de que *a capela já estava concluída em 1830* é mais aceitável, e, para nós, mais convincente.

Nunca nos convencemos de que a data 1845, divulgada por Coriolano de Medeiros, fosse correta. Sempre nos pareceu muito pequeno o lapso de tempo entre a construção da capela (1845) e a criação da freguesia (1854), considerando-se o lento crescimento dos nossos povoados naqueles tempos. Já o lapso entre 1830 e 1854 é mais consentâneo.

O certo é que há divergências quanto à data da construção da capela. Os relatos acima pecam pela falta de alusão aos documentos nos quais se basearam os informantes. Por outro lado, os manuscritos de D. Nazinha se baseiam em informações orais, passíveis de grandes equívocos, principalmente quando se referem a datas distantes no tempo.

Não encontramos, nos arquivos da Arquidiocese da Paraíba, nem nos outros da Arquidiocese de Olinda e Recife, documento que comprovasse a data da criação a que nos referimos. Permanecerá a dúvida até que surja a prova documental esclarecedora.

Outra questão diz respeito à própria construção da capela. Parece ter havido uma primeira capela que, no decorrer dos anos, foi ampliada e melhorada até adquirir a forma que ainda hoje ostenta. É o que se deduz dos sinais de emendas nas paredes entre uma parte de taipa, correspondente à parte mais baixa e mais ao fundo, e uma outra em alvenaria, parte da frente, de maior porte.

Em frente à porta principal da citada capela, dela distante uns vinte metros, mais ou menos, levantava-se um cruzeiro de madeira montado em base de alvenaria, com dois batentes superpostos.

De cada lado do cruzeiro, no sentido perpendicular à capela, formaram-se duas filas de casas, deixando, no meio, um largo, o Largo da Igrejinha, que compôs a primeira paisagem urbana de Araruna. Em 1966, o

cruzeiro foi retirado dali para dar lugar a um parque infantil da municipalidade. Atualmente, o local está ocupado por um colégio estadual de 1º grau, uma clara "interferência no traçado urbano original", conforme assinalaram técnicos da Fundação Casa de José Américo, ao fazer um estudo em Araruna para o projeto RESGATE ARQUITETÔNICO DA REGIÃO DO CURIMATAÚ[5]. No livro O VELHO MERCADO DE ARARUNA E SEUS ARREDORES[6], já havíamos feito referência à impropriedade daquela construção naquele local.

Marco inicial da fundação da cidade, a antiga Capela de Nossa Senhora da Conceição, atual Igrejinha de Santo Antônio, representa, por si só, um patrimônio de inestimável valor histórico e estético, refletindo, na singeleza de suas linhas, o estilo barroco da arquitetura rural religiosa do século XIX.

Embora se apresente, ainda, íntegra na sua originalidade, ela está a merecer reparos na cobertura e na sua aparência externa e interna.

Acompanhamos muito de perto, ajudando com informações sobre a história local, o trabalho desenvolvido pela Fundação Casa de José Américo[7], quando da elaboração de um documento solicitando, aos órgãos competentes, o tombamento daquela antiga edificação. A propósito, o Governador José Targino Maranhão, pelo Decreto nº 20.472, de 12 de julho de 1999, homologou a Deliberação nº 0019/99 do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais - CONPEC, de 02 de julho de 1999, declaratória do Tombamento da Igreja de Santo Antônio, na cidade de Araruna-PB.

Vejamos parte do documento elaborado pela equipe de técnicos

---

[5] Projeto *Resgate Arquitetônico da Região do Curimataú* - Governo do Estado da Paraíba - Secretaria de Educação e Cultura - Fundação Casa de José Américo. Apoio Ministério da Cultura, 1998.

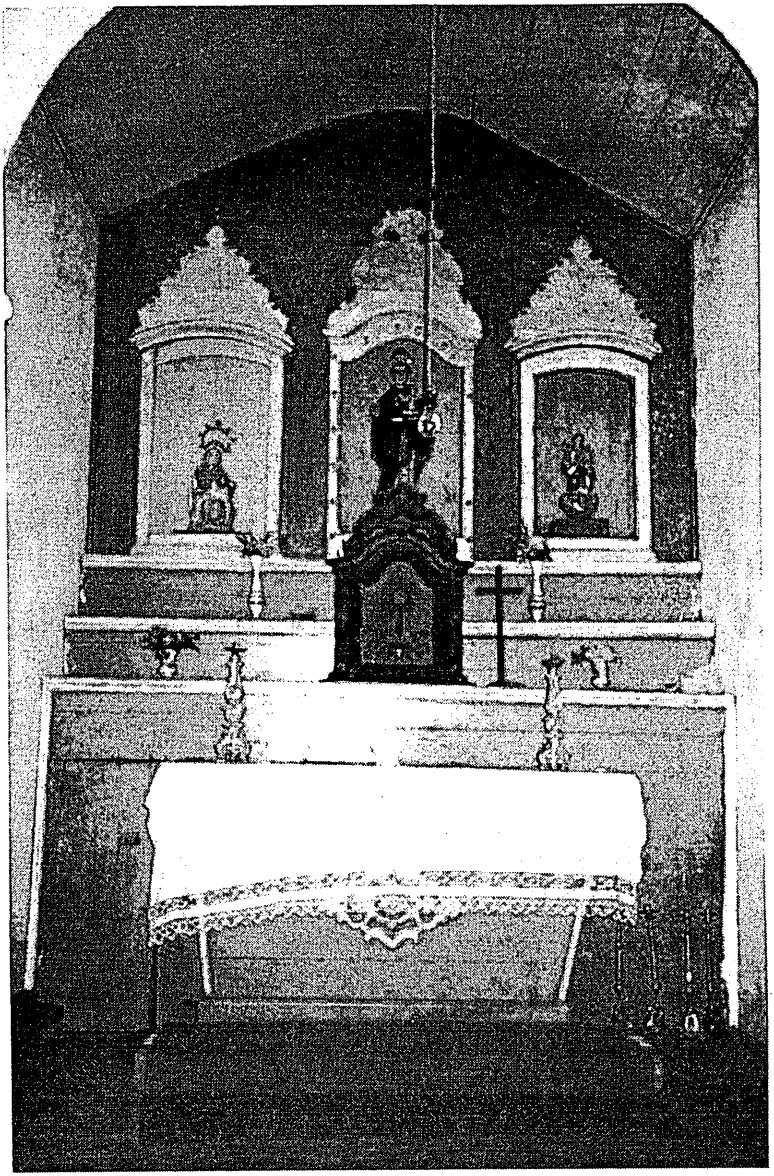
[6] LUCENA, Humberto Fonsêca de: *O Velho Mercado de Araruna e seus Arredores*. João Pessoa: Empório dos Livros, 1996, p. 23.

[7] Equipe da Fundação Casa de José Américo encarregada da elaboração do documento de solicitação de tombamento: Drª Ivanice Frazão de Lima e Costa, presidente; Marta de Luna Malheiros Feliciano, Eliane de Castro Machado Freire, arquitetas; Maria Dulce Henrique da Silva e Fernando Antônio Nascimento Diniz, restauradores; Carlos Fernando de Moura Delphim, Humberto Fonsêca de Lucena e Umbelino Peregrino de Albuquerque, consultores; Maria Cristina Moura Onofre, Dinorah Davino Barreto de Araújo, apoio técnico; Kléris Marciene de Carvalho Cavalcanti, estagiária; Jorge Augusto de Almeida, Rossiane Delgado de A. Cordeiro, informática; Marta de Luna Malheiros Feliciano (Fotografias do acervo da FCJA).

Antiga Capela de Nossa Senhora da Conceição, atual Igrejinha de Santo Antônio, marco inicial do povoamento da cidade, construída na primeira metade do Século XIX. Fotografia de 1980.

daquela Fundação sobre as características arquitetônicas da referida capela, assim como o levantamento dos seus bens móveis e o estado de conservação em que se encontram:

> *Construída em alvenaria simples de tijolos, a área total edificada da Capela corresponde a aproximadamente 176m². A estrutura de coberta é aparente com tesouras do tipo "canga de porco", suportando as telhas vãs.*
>
> *O frontispício é caracterizado pela existência de volutas e pináculos estilizados nas laterais. Acima dos frisos da cornija encontra-se um pequeno nicho e no alto há uma cruz de pequenas dimensões. Logo abaixo dos frisos, há um medalhão integrando-se à arquitetura do edifício que possui ainda três portas de acesso frontal, em madeira maciça, com abertura dupla e localizadas em torno de 60cm acima do nível do solo.*
>
> *A configuração espacial interna é composta pela nave central, altar-mor e coro todo em madeira. Na área central da nave encontram-se as fileiras de colunas em alvenaria de tijolos, dispostas lado a lado.*
>
> *O retábulo do altar-mor e os altares colaterais apresentam-se em madeira policromada, porém com traços e desenhos muito simples no mais puro estilo barroco rural. O altar-mor possui três nichos com portas e molduras em madeira com vidro no centro. O nicho central é o que possui maiores dimensões e todos possuem sanefas talhadas acima. O retábulo encontra-se repintado em tons de azul e branco em toda a sua extensão e atacado por xilófagos. Suas dimensões são: 4,47m x 3,04m x 1,20m.*
>
> *O altar colateral direito é talhado em madeira policromada. Possui um nicho central com porta, moldura em madeira e vidro no centro além de sanefa com talha acima. Encontra-se repintado em toda a sua extensão em tons*



Altar da Igrejinha de Santo Antônio. Fotografia do acervo da Fundação Casa de José Américo.

de azul e branco e atacado por xilófagos. Suas dimensões são: 3,41m x 1,87m x 1,14m. O altar colateral esquerdo é talhado em madeira policromada, constando de um nicho central com porta, moldura em madeira e vidro no centro, com sanefa talhada acima. Encontra-se repintado em tons de azul e branco em toda a sua extensão e atacado por xilófagos. Suas dimensões são: 3,26m x 1,86m x 1,14m.

O sacrário é original, em madeira policromada, apresentando talha rica em detalhes no estilo barroco. Com 90cm x 70cm x 35cm, apresenta perdas da policromia e descolamentos.

O forro da capela-mor montado com tábuas de madeira pintadas em tons de azul, possui formato côncavo com dimensões de 3,60m x 4,10m. A estrutura de sustentação encontra-se atacado por xilófagos e apresenta descolamentos.

Integrando o mobiliário, há ainda uma cômoda de desenho simples em madeira aparente, de pés altos com uma porta central medindo 83cm x 40cm x 30cm; uma cadeira em madeira aparente talhada com assento de palhinha com 97cm x 42cm x 37cm e um confessionário com abertura arredondada no assento em tons de azul, medindo 1,60m x 90cm x 60cm.

O coro é todo em madeira com um gradil de formas retilíneas e escada de acesso pintados em tons de verde. Encontra-se atacado por xilófagos e partes faltantes no gradil.

A essas informações sobre os bens móveis da Capela de Santo Antônio, junte-se o inventário das imagens pertencentes ao seu acervo, mencionado no mesmo documento de solicitação de tombamento, elaborado pela Fundação Casa de José Américo:

NOSSA SENHORA DA PIEDADE:

Apresenta-se sentada com o Senhor Morto no colo e com coroa de metal. É esculpida em madeira policromada

com douramento. Dimensões: 43cm x 25cm. Estado de conservação: bom, apresentando sujidades.

Nossa Senhora do Rosário

Apresenta-se de pé com um menino no braço esquerdo e três anjos na base. Provavelmente do século XIX, esta imagem é tachada em madeira policromada. Dimensões: 45cm x 22cm. Estado de conservação: bom, apresentando sujidades.

Nossa senhora do rosário

Apresenta-se com um menino no braço esquerdo e com uma coroa. Com talha em madeira policromada, provavelmente é do século XIX. Dimensões: 30cm x 15cm. Estado de conservação: descolamento, perda da policromia e sujidades.

Nossa senhora das graças

Apresenta-se de pé, tem uma cobra na base e está de braços abertos. É talhada em madeira policromada e provavelmente do século XIX. Dimensões: 24cm x 12cm. Estado de conservação: bom, com sujidades.

Nossa senhora do rosário

Apresenta-se com um menino no braço esquerdo. Escultura talhada em madeira policromada, provavelmente do século XIX. Dimensões: 20cm x 10cm. Estado de conservação: descolamentos e perdas na policromia. Apresenta desprendimento do rosto e da base, além de sujidades.

Santo Antônio

Apresenta-se com um menino no braço esquerdo, vestimentas marrom e rósea com frisos dourados, além de uma coroa de metal. Talhado em madeira policromada, provavelmente do século XIX.

SÃO SEBASTIÃO

Apresenta-se amarrado em um tronco, com pouca vestimenta e cheio de flechas. Dimensões: 30cm x 15cm. Estado de conservação: apresenta sujidades e braços descolados.

SANTA ESCOLÁSTICA

Apresenta-se de vestimenta preta, com frisos dourados, de braços abertos. Talhada em madeira policromada, provavelmente do século XIX. Dimensões: 22cm x 14cm. Estado de conservação: apresentando sujidades.

CRISTO CRUCIFICADO

Cristo Crucificado, tachado em madeira policromada. Escultura provável do século XIX. Dimensões: 18cm x 10cm. Estado de conservação: a imagem encontra-se descolada da cruz faltando-lhe os braços. Apresenta perdas e descolamentos na policromia e sujidades.

É essa a Igrejinha de Santo Antônio, que, não obstante as marcas do tempo, vem resistindo e conservando seus traços primitivos. Em boa hora, por solicitação do Governador José Targino Maranhão, a Fundação Casa de José Américo, por sua presidenta, Drª Ivanice Frazão de Lima e Costa, prepara o projeto de restauração dessa quase bi-secular igreja, orgulho do sentimento religioso e o mais importante patrimônio histórico dos ararunenses.

A CRIAÇÃO DA FREGUESIA

A criação da freguesia. Os limites da freguesia. Os primeiros vigários. A correspondência do Padre Pedro Barbosa Freire. As terras do patrimônio de Nossa Senhora da Conceição.

Atraídos pela presença de um padre que, de tempos em tempos, vinha de Bananeiras oficiar serviços religiosos na Capela de Nossa Senhora da Conceição, da povoação de Araruna, os habitantes da região convergiram para o novo lugar, minimizando as dificuldades provenientes do isolamento a que se achavam submetidos.

Em 1854, a povoação de Araruna receberia um impulso de vulto para o seu desenvolvimento. Até então uma simples capelania subordinada à Freguesia de Bananeiras, a povoação alcançou autonomia eclesiástica, quando a Lei Provincial nº 25, de 4 de julho de 1854, transcrita a seguir, lhe outorgou o predicamento de freguesia.

Lei Provincial nº 25 - 4 de julho de 1854.

Flávio Clementino da Silva Freire, Vice-presidente da Província da Parahyba do Norte: Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléa Legislativa Provincial Decretou e eu Sanccionei a Lei seguinte:

Art. 1º - Fica erecta em Matriz a Capella de Nossa Senhora da Conceição na Serra de Araruna do Município de Bananeiras.

Art. 2º- Esta nova Freguezia terá por limites a fazenda

denominada Conceição, seguindo linha recta até o rio Curimataú a encontrar a fazenda de Jaguaré, e pelo rio abaixo até o pôço da Capivara, donde seguirá para a Serra de Araruna até encontrar com o riacho Area, cujo curso acompanhará até a fazenda Salgadinho de Manoel Ribeiro, donde partirá para a estrada geral de Tacima, e seguindo por ella abaixo a Carnaúba e Cachoeirinha até a passagem do páo d'arqueiro no mesmo rio Curimataú, e dahi seguirá de novo de rio abaixo ao lugar denominado Boqueirão onde confina esta Província com a do Rio Grande do Norte e dahi subindo pelo Rio Calabouço até a mesma Fazenda Conceição compreendendo a dita freguezia a todos os logares acima declarados.

Art. 3º- A esta Matriz são devidos os mesmos guizamentos que as Matrizes da Província.

Art.4º- Revogão-se as disposições em contrário. Mando portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da presente lei pertencer, que a cumprão e fação cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém. O Secretário interino desta Província a faça imprimir, publicar e correr. Palácio do Governo da Província da Parahyba do Norte, aos 4 de julho de 1854, 33º da Independencia e do Império. Flavio Clementino da Silva Freire.

Como se vê, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Serra de Araruna abrangia uma grande extensão territorial que incluía os atuais municípios de Araruna, Cacimba de Dentro, Tacima e Riachão. Limitava-se a leste com as Freguesias de Bananeiras e Serra da Raiz, a oeste com as de Cuité e Picuí, ao sul com as de Areia e Pilões, ao norte com a de Nova Cruz, no Rio Grande do Norte. Segundo o ANNUARIO ECCLESIASTICO DA PARAHYBA DO NORTE[1], a Freguesia de Araruna tinha 3.844 quilômetros quadrados.

[1] SEVERIANO, Cônego Francisco: *Annuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte.* Parahyba do Norte: Estabelecimento Gráfico Torre Eiffel, s/d, vol. I (1894-1907), p. 30. Uma anotação referente a 1894 aponta uma população de 13.000 almas na Freguesia de Araruna.

Por razões que desconhecemos, a nova freguesia não foi provida de pároco imediatamente.

Ficou regendo, durante dois anos, o vigário de Bananeiras, Padre José Paulino da Borba Grillo.

Imaginamos que tenha sido nessa época de interinidade do Padre Grillo que a modesta capela original (elevada à matriz) tenha sido ampliada e sofrido os melhoramentos necessários e indispensáveis para poder gozar de todos os privilégios e insígnias que por direito cabem às matrizes, isto é, possuir sacrário, batistério e pia batismal, livros de tombo e de batizados, livros de casamentos e óbitos, e todas as distinções de uma igreja paroquial.

Mesmo assim, não deve ter sido dessa vez que a modesta capela tenha se transformado no que ela é hoje. A continuação da ampliação e dos melhoramentos devem ter acontecido depois de 1860, pois nesse ano, o vigário, de quem falaremos, dá notícia do mau estado da matriz.

A Freguesia de Araruna somente foi provida canonicamente em 1856, quando foi nomeado o primeiro vigário de Araruna, Padre Pedro Barbosa Freire.

A palavra *freguesia*[2] quer dizer povoação, no sentido eclesiástico. Vem de *freguês,* que por sua vez deriva da expressão latina *fili eclesiae*, filho da igreja, habitante de uma freguesia; paroquiano.

Paróquia[3] tem o mesmo sentido de freguesia. *Vigário*[4] vem do latim, *vicariu,* e significa "o que faz as vezes", o substituto do bispo. O vigário pode ser amovível ou inamovível. No primeiro caso, diz-se *encomendado,* ou encarregado por determinado tempo marcado na sua provisão, geralmente por um ano. Quando inamovível, diz-se *colado*, ou vitalício.

As primeiras notícias que temos da Freguesia de Araruna nos vem do Padre Pedro Barbosa Freire, primeiro vigário da paróquia, que en-

[2] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* São Paulo: Nova Fronteira, 1ª Edição, 5ª impressão, 1975.
[3] *Idem, ibidem.*
[4] *Idem, ibidem.*

viou dois ofícios ao Presidente da Província da Parahyba. O primeiro é dirigido ao Presidente Ambrósio Leitão da Cunha e nos dá conta dos bens da freguesia[5].

Ilmº Exmº Sr.

Tenho a honra de acusar a recepção do ofício de V. Exª. do ano próximo passado em que me pede, que informe, 1º Quais os bens que formam o patrimônio e renda anual da fábrica da Matriz desta Freguesia, 2º Nota dos bens de raiz e cópias de compromissos já aprovados, d'Ordens Terceiras, Confrarias e Irmandades. Respondo 1º, que o patrimônio é de duas partes de terras, e que a fábrica desta Matriz nada rende anualmente e que não há compromissos, Ordens Terceiras, Confrarias e Irmandades nesta Freguesia.

Fica assim respondido o ofício de V. Exª

Araruna, 30 de janeiro de 1860

O vigário Pedro Barbosa Freire

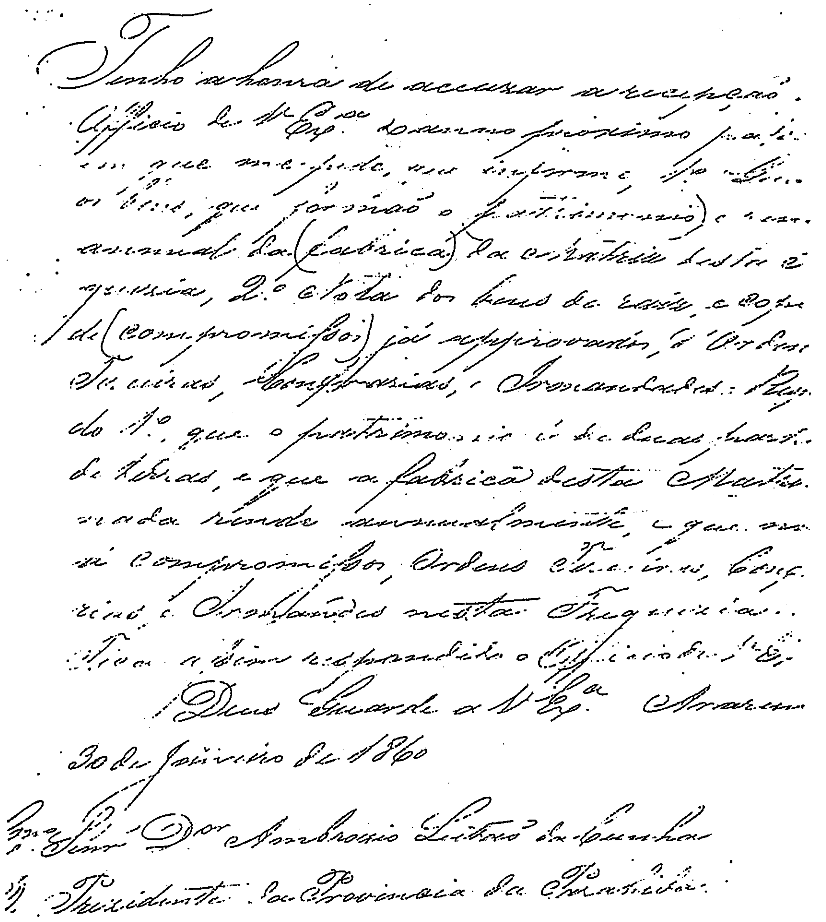
Lamentavelmente, a informação do Padre Pedro Barbosa Freire é lacônica. Diz, apenas, que o patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Matriz de Araruna, é de *duas partes de terra.* Pena não fazer referência aos limites dessas *duas partes de terra,* nem fazer alusão ao doador do referido patrimônio.

As buscas dos registros de doação dessas terras, nos Cartórios de Araruna e de Bananeiras e no Livro de Tombo da Paróquia, sempre resultaram em vão.

O Padre Severino Cavalcanti de Miranda, ao tomar posse na Paróquia de Araruna, em 1940, faz o seguinte registro no Livro de Tombo, à página 51, verso:

Uma verdadeira confusão nos limites do patrimô-

[5] Ofício original encontrado no Arquivo Público do Estado da Paraíba. Cópia xerográfica em poder do autor.



Tenho a honra de accusar a recepção do Officio de V. Exa. do mez proximo passado em que me pede, que informe do ... os bens, que formão o patrimonio, e renda annual da Fabrica da matriz desta Freguesia, 2.o a lista dos bens da mesma, e 3.o os compromissos já approvados, e Ordens Terceiras, Confrarias, e Irmandades: Respondo ao 1.o, que o patrimonio é de duas braças de terras, e que a fabrica desta Matriz nada rende annualmente, e que não há compromissos, Ordens Terceiras, Confrarias e Irmandades nesta Freguesia. Fica assim respondido o Officio de V. Exa.

Deus Guarde a V. Exa. Areia 30 de Janeiro de 1860

Illmo. e Exmo. Snr. Dr. Ambrosio Leitão da Cunha
D. Presidente da Provincia da Parahiba.

Ofício do vigário Pe. Pedro Barbosa Freire, datado de 30 de janeiro de 1860, endereçado ao Presidente da Província, Ambrósio Leitão da Cunha.

nio de N. Senhora da Conceição, de Araruna. A extensão do patrimônio é bastante confusa, neste particular tenho me guiado pelas informações do povo.

Por sorte, fomos encontrar, no Livro de Notas nº 1, do Cartório Judiciário de Araruna, o registro de Escritura Pública de um contrato de limites de terras entre o Capitão Manuel Januário de Farias e o procurador do patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, Francisco Herculano de Mello Muniz.

Esse contrato se fazia necessário por existirem dúvidas sobre os limites das terras do mesmo patrimônio e as do Capitão Manuel Januário.

O citado documento, datado de 23 de junho de 1885, nos dá uma informação bastante precisa quanto à localização e à extensão das terras da paróquia, o que nos alivia da frustração de não ter conseguido a escritura de doação das terras do referido patrimônio de Nossa Senhora da Conceição da Serra de Araruna.

Escriptura de limites do Patrimônio de Nossa Senhora da Conceição da Villa d'Araruna, entre o Capitão Manoel Januário de Farias, sua mulher Dona Senhorinha Tolintino de Freitas Farias, e o Procurador do Patrimônio Francisco Herculano de Mello Muniz.

Saibão quantos este Público instrumento de Escriptura Pública de contrato de limites do Patrimônio entre os outorgantes proprietários Capitão Manoel Januário de Farias, sua mulher Dona Senhorinha Tolintino de Freitas Farias, e o outorgado Procurador do Patrimônio Francisco Herculano de Mello Muniz virem, que sendo no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e cinco, aos vinte e três dias do mes de junho do dito ano, nesta villa d'Araruna, em casa do Capitão Manoel Januário de Farias, onde eu Tabelião vim, por ser esta distribuida pelo bilhete do teor seguinte:

Ao Tabelião Silveira - O senhor Francisco Herculano de Mello Muniz, procurador do Patrimonio de Nossa Senhora da Conceição da Villa d' Araruna, vai passar Escriptura de limites de terras, entre as terras do mesmo Patrimonio, e as terras do Capitão Manoel Januário de Farias e sua mulher. Anafê, vinte e dois de junho de mil oitocentos e oitenta e cinco — Costa Lima[6].

Ahi, perante mim Tabelião e duas testemunhas abaixo assignadas comparecerão prezentes; de uma parte como outorgantes o mesmo Capitão Manoel Januário de Farias e sua mulher Dona Senhorinha Tolintino de Freitas Farias, moradores n'esta villa; e de outra parte como outorgado contratado, o Procurador do Patrimonio de Nossa Senhora da Conceição d'esta villa, Francisco Herculano de Mello Muniz, morador também n'esta villa, conhecidos de mim Tabelião e das testemunhas. E pelos outorgantes contratantes me foi dito perante as mesmas testemunhas, que se achando em dúvidas os limites das terras do Patrimonio de Nossa Senhora da Conceição e as suas, achão-se contratados com o outorgado Procurador do Patrimonio, por bem d'esta Escriptura, e na melhor forma do direito para consenso amigável uma linha divisória, entre suas terras citas acostadas as do Patrimonio, ficando duadas as que demais forem por suas partes; a qual linha divisória principiará: do canto do sercado de Manuel Suares da Silva, à margem esquerda da estrada que sai da villa em procura da Alagoa d'Araruna, onde se edificará um marco em rumo serto ao Fundo da Igreja Matriz Nova acostado à parede, dahi a seguir em rumo serto a sahir na estrada que sai d'esta villa em rumo à Maniçoba, aonde se edificará um outro marco; voltando dahi

[6] Costa Lima. Trata-se de Francisco de Assis da Costa Lima, Juiz Municipal, substituto, residente no Anafê, zona rural de Araruna.

pela mesma estrada a terminar com as terras de Pedro Eneas Rapozo da Camara, considerando-se assim terras do Patrimonio todas as que ficarem d'entro da linha para o lado da villa: Então pelo outorgado contratado Procurador do Patrimonio me foi dito perante as mesmas testemunhas que na verdade se acha contratado com os outorgantes contratantes proprietários, sobre a dita linha divizória entre suas terras e as do Patrimonio , acceitando a prezente Escriptura na forma acima exarada, para tudo produzir seus effeitos, quer em Juizo quer fora d'elle; do que eu Tabelião de tudo dou fé; E por se acharem assim contratados me pedirão lhes fizessem a prezente Escriptura que sendo lida assignarão com as testemunhas prezentes. Amaro Gomes de Almeida, João Baptista Pereira Barrozo e Jachinto Xavier da Rocha, perante mim Tabelião, assignando a rogo da outorgante contratante Dona Senhorinha Tolintino de Freitas Farias, Jozé Francisco de Oliveira Petico, por não saber ler nem escrever, tudo perante mim Tabelião que a encerro e também assigno.

Em testemunho da verdade O Tabelião Manoel Silveira Borges Lima

Embora vários dos pontos descritos na escritura não mais existam, não é muito difícil, para quem conhece a antiga geografia urbana de Araruna, transportá-los para os dias atuais. Assim, poderíamos situar as terras pertencentes à Igreja aquelas compreendidas dentro de um retângulo que se iniciaria na rua que vai para a Lagoa da Serra, nas imediações da Pracinha Benjamin Maranhão, onde ficaria o primeiro marco. A partir daí, uma linha reta se estenderia em direção ao norte, passando pelos fundos da Igreja Matriz, descendo, ainda em linha reta, por trás dos quintais das casas da "Avenida", até encontrar a estrada que vai para a Maniçoba, no final da citada "Avenida", onde se assentaria o segundo marco. Daí, em linha reta, se seguiria, na direção do poente, pelo leito

da Av. Bulhões de Carvalho (antiga estrada que descia para a Maniçoba), até encontrar as antigas terras de Pedro Rapozo da Camara (vizinhanças da atual casa de Laura Fonseca), onde se situaria o terceiro marco. Daí, em linha reta, por trás das casas das atuais Ruas Perilo d'Oliveira e Coronel Antônio Targino (Rua Velha), até as imediações da rua que vem da Lagôa da Serra, atual Castro Pinto, com a qual se fecharia o retângulo.

Dessa forma, estariam delimitadas as terras que formam o patrimônio de Nossa Senhora da Conceição de Araruna.

Voltemos às notícias fornecidas pelo Padre Pedro Barbosa Freire sobre a freguesia. Desta vez, o ofício é dirigido ao Presidente Luiz Antônio da Silva Nunes[7]:

Ilm° e Ex^mo

Acuso a recepção do ofício datado de 20 de novembro p. passado no qual V. Ex^a exige informar qual o estado de edificação da Matriz da Freguesia; cumpre-me dizer a V. Ex^a que, 1°, a Matriz é pequena e está em mau estado, 2°, tem nesta Freguesia uma capela filial e em princípio de obra, 3°, existem dois cemitérios públicos na Freguesia, e são cercados de madeira e não têm capelas, nem altares decentes para os atos religiosos, 4°, são pertos dos povoados, 5°, foram escolhidos para cemitérios no mês de março de 1856, 6°, não houveram despesas com eles, 7°, os enterramentos são feitos nestes cemitérios e não nas igrejas, 8°, finalmente não estão estes cemitérios sob direção de pessoa alguma.

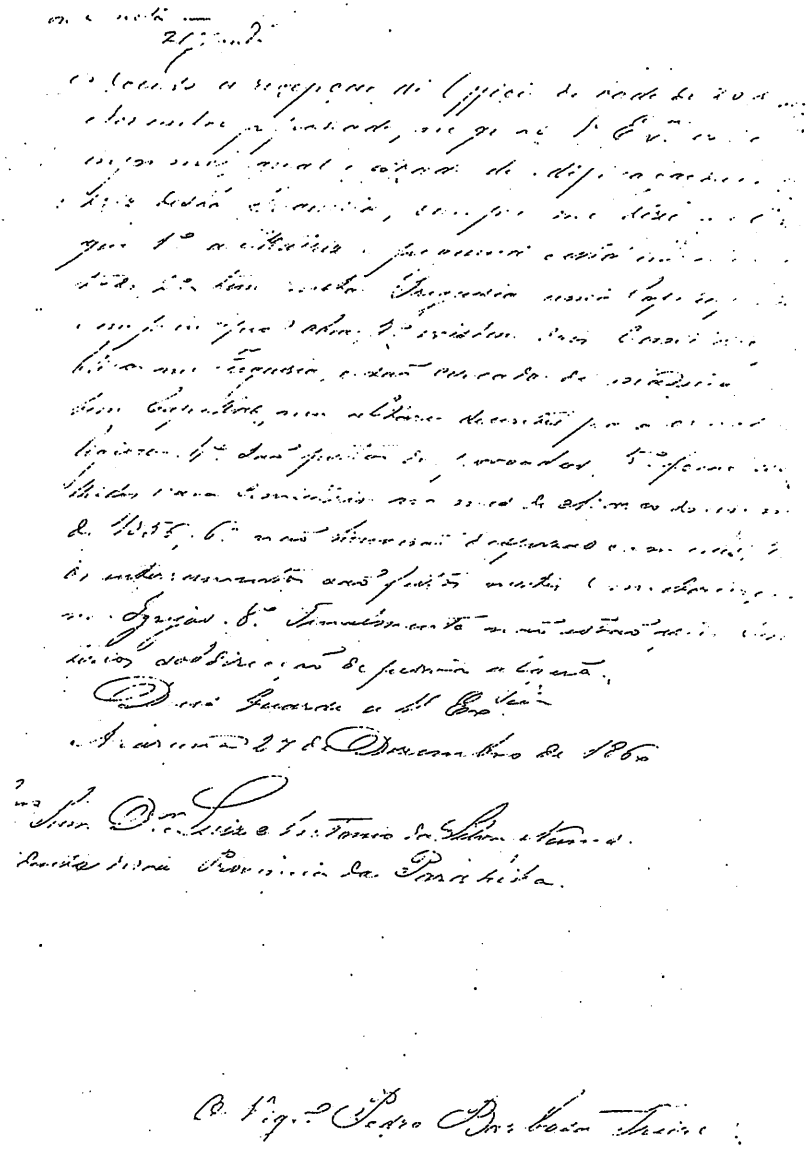
Deus guarde a V. Ex^a

Araruna, 27 de dezembro de 1860

O Vigário Pedro Barbosa Freire

O vigário, ao falar do *mau estado da Matriz,* refere-se à primitiva

[7] Ofício original encontrado no Arquivo Público do Estado da Paraíba. Cópia xerográfica no arquivo do autor.



Ofício do vigário Pe. Pedro Barbosa Freire, datado de 27 de dezembro de 1860, endereçado ao Presidente da Província, Luiz Antônio da Silva Nunes.

capela, sem a ampliação de que falamos anteriormente. Sobre a *capela filial em princípio de obra,* não sabemos precisar sobre qual ele se refere. Imaginamos ser a Capela do Riachão, pois encontramos registros de batizados havidos ali naquela época.

Quanto aos cemitérios, podemos identificar, por informações orais, vários locais que se prestaram a esse fim. Um deles ficava situado na Serra Verde e ainda mostra vestígios de sua construção. O outro, no lugar Caraúbas. Ambos os cemitérios ficavam distantes da povoação. Não devem ser esses a que o Padre Pedro Barbosa Freire se refere.

Dois outros, entretanto, *são pertos dos povoados,* para usar a expressão do Padre Barbosa. Um no Riachão, nas atuais terras do Dr. Leôncio Teixeira Câmara, onde, não raro, trabalhadores deparam com ossadas humanas desenterradas.

O outro é o atual Cemitério de Araruna, ampliado várias vezes ao longo dos anos. Por sinal, há anos está a carecer de mais ampliação. Atualmente, já não se encontram espaços para novos sepultamentos, o que acarreta a inconveniência da utilização de antigas covas para esse fim. A não ser a passagem central, não existem caminhos perpendiculares que possam servir de passagem ao público, que se vê obrigado a caminhar aos pulos sobre cruzes e covas que se amontoam num verdadeiro labirinto.

Mas voltemos ao Padre Barbosa.

Na informação do Padre Pedro Barbosa Freire, aqueles locais *foram escolhidos para cemitérios no mês de março de 1856.* Essa data coincide com a ocorrência do cólera-morbo, terrível epidemia que se abateu sobre a Paraíba entre os meses de fevereiro e abril de 1856, vitimando milhares de paraibanos. Araruna não escapou do cólera e viu grande parte de sua população dizimada pelo flagelo. Irineu Pinto[8] registra uma mortalidade de 607 pessoas na Freguesia de Araruna.

Antes do cólera, era comum o sepultamento de cadáveres no próprio piso de capelas e igrejas, sob o chão batido, em cova rasa. Na

[8] Pinto, Irineu Ferreira: *Datas e Notas para a História da Paraíba.* João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1977, vol. 2, pp. 242-249.

nossa antiga matriz está sepultado o Padre Francisco Xavier da Rocha, que dirigiu a freguesia entre 1865 e 1882 e de quem falaremos mais adiante.

Durante seu vicariato, o Padre Pedro Barbosa Freire contou com a colaboração do Padre José Martins de Morais, para quem foi passada, em 21 de julho de 1862, provisão para exercer, por um ano, a função de coadjutor da paróquia. A provisão deve ter sido renovada várias vezes, pois fomos encontrar documentos de 1871 com a assinatura do Padre José Martins de Morais exercendo a mesma função de coadjutor. Antes mesmo de 1862, há vários registros de batizados realizados pelo Padre Morais na povoação do Riachão. Esses registros podem ser encontrados no Livro de Batizados de 1857, da Paróquia de Araruna, que se encontra no arquivo da Cúria Metropolitana da Paraíba.

O paroquiato do Padre Pedro Barbosa Freire durou até 1863, quando, a 12 de março do mesmo ano, foi passada provisão em favor do Padre José Januário Pereira Lima, para exercer o cargo de vigário de Araruna, cargo esse que assumiu a 22 de março daquele ano.[9]

Foi muito curto o paroquiato do Padre José Januário[10]. De sua passagem por Araruna, temos o registro de que foi nomeado em 23 de setembro de 1863, por proposta do Diretor de Instrução Pública, para exercer a função de Comissário de Instrução em Araruna, cargo criado na mesma data[11].

[9] Notícia extraída de livro de anotações do arquivo do historiador Deusdedit Leitão.
[10] No Livro de Matricula nº 2, do Seminário de Olinda, p. 54, consta: ano 1841, número 16; José Januário Pereira Lima, de 22 anos de idade, nascido na Paraíba, filho de Manoel Januário de Jesus.
[11] Notícia extraída de livro de anotações do arquivo do historiador Deusdedit Leitão.

A construção da nova Igreja Matriz

O Padre Francisco Xavier da Rocha. O ano de 1876. As missões de Frei Herculano. O início da construção da nova matriz. O Padre Manoel Correia de Souza Lima. O Padre Joel Esdras Lins Fialho. A bênção da nova matriz, em 1895.

Em 1865, chegou, para reger os destinos da paróquia, o Padre Francisco Xavier da Rocha. O Padre Rocha, como era conhecido, foi vigário colado[1] e seu paroquiato se prolongou até 1882.

Foi ele quem começou a organizar os livros da paróquia, conforme escreveu no Livro de Tombo: *Em 28 de maio de 1865, quando tomei posse desta freguezia, não existia livro de registro e nem arquivado, impresso algum, que desse risco dessa freguezia.*

O Padre Rocha revelou-se, além de um dedicado pastor, um notável administrador, levando às autoridades da Província os anseios dos seus paroquianos. Entre 1867 e 1868, administrou a construção de um açude no povoado, cuja obra custou aos cofres da Província a importância de dois contos de réis. A 7 de outubro de 1871, encabeçou um abaixo-assinado onde proprietários, criadores e pessoas influentes faziam um apelo ao Presidente da Província para criar uma vila naquela freguesia. Isso significava a emancipação política de Araruna, que só veio acontecer em 1876, cinco anos depois.

Dois fatos expressivos vieram marcar o ano de 1876 na história de Araruna. O primeiro, já referido acima, foi a criação do município, com a elevação do povoado à categoria de vila, uma prerrogativa dos povoados sedes dos municípios.

[1] O vigário pode ser *encomendado* ou *colado*. Diz-se *encomendado* quando encarregado por determinado tempo, por isso, amovível. Quando inamovível, diz-se *colado*, ou vitalício.

O outro, pode-se dizer, foi uma conseqüência do primeiro. O *status* de vila implicava em preocupações imediatas voltadas para o desenvolvimento de Araruna. Tomado dessa lógica, o Padre Rocha lançou a idéia da construção de uma nova matriz. Seria um templo amplo e afastado do arruado, capaz de atender não só às necessidades espirituais dos paroquianos, cujo número crescia a cada dia, como induzir a expansão urbana em outra direção.

O momento se apresentava auspicioso. Já estava marcada, para aquele ano, a realização das missões, e o Padre Rocha sabia que ia contar com a presença do missionário Frei Herculano, um experimentado construtor de igrejas.

Pode-se imaginar, sem grande esforço de fantasia, as manifestações de entusiasmo experimentadas pelo povo e as cenas de alvoroço diante das pregações e apelos do intrépido missionário Frei Herculano, no sentido de se iniciar, sem perda de tempo, a obra que a todos estava designada como missão: construir a nova igreja de Araruna.

Criadas pela Igreja, as missões religiosas percorriam as nossas vilas e cidades reavivando a fé no seio do povo. Doutrinando com suas palavras, os missionários se alongavam, muitas vezes, por vários dias numa determinada paróquia, a fim de executar obras, como a construção de um cruzeiro, de um cemitério ou dar início à construção de um novo templo. O final dessas campanhas estava sempre marcado pela celebração de uma missa campal com a realização de milhares de confissões e comunhões.

Naquele ano de 1876, em Araruna, o final das missões foi marcado pela elevação de um grande cruzeiro de madeira, fincado em base de alvenaria, em frente ao local escolhido para edificação do novo templo, distante uns cinqüenta metros.

Contando com a ajuda dos fiés, o missionário Frei Herculano e o Padre Rocha deram início, naquela oportunidade, à construção da nova igreja matriz, que passou a ser designada por Matriz Nova, para diferenciá-la da antiga matriz.

Fala-se que aquele missionário tinha um modo particular de administrar os trabalhos de construção desses templos. Veja o que nos

relata o respeitado pesquisador dos nossos sertões, o historiador Wilson Seixas[2], ao falar da construção da igreja de Pombal, iniciada pelo Frei Herculano:

> *Foi ele quem iniciou a construção da atual Igreja Matriz de Pombal, depois de uma missão que durou, apenas, oito dias.*
>
> *Comentam que, para a dita construção, Frei Herculano fez a distribuição do povo que ajudava os trabalhos: homens para um lado, mulheres para outro. As Marias tinham uma função destacada das Anas.*
>
> *O entusiasmo era grande, e maior, talvez, a fé que iluminava os corações dos fiéis.*
>
> *Ao toque dos sinos todos se reuniam para o trabalho: uns traziam tijolos, outros carregavam pedras, areia, barro etc. O brabo que sustentava o coro da Matriz veio em carro de boi até certo ponto da cidade. Em seguida, colocaram-no sobre os ombros dos trabalhadores, seguindo o acompanhamento de grande multidão a entoar hinos missionários e hosanas, chegando, afinal, à Matriz, já enfeitado de fitas e cercado de dezenas de crianças.*

Não deve ter sido diferente em Araruna. Conta-se a mesma história do brabo de baraúna que sustenta o coro da Matriz de Araruna. Na entrada da rua, o povo colocou sobre os ombros a grande tora de madeira, que foi carregada até o local da construção, em grande procissão. E, ainda, que o Frei Herculano foi carregado até o local da construção, escanchado no grande tronco.

A obra daquele missionário está imortalizada na construção de algumas dezenas de templos católicos espalhados pelo Nordeste.

---

[2] Seixas, Wilson: *O Velho Arraial de Piranhas (Pombal) - no centenário de sua elevação à cidade*. João Pessoa: Gráfica "A Imprensa", 1962, p. 75.

Frei Herculano, Hermenegildo Herculano Vieira da Costa, nasceu na Quixaba, município de Uiraúna, em 1820. Filho de Marcelino Vieira da Silva e Maria Circunscisão do Senhor, fez seus estudos no Seminário de Olinda, onde se ordenou em 1845. Embora sacerdote do clero secular, ficou conhecido pelo nome de Frei Herculano por conta de sua ação missionária. Percorreu os Estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, tendo se notabilizado pela construção de cruzeiros, cemitérios e igrejas. Entre essas, destacam-se as de Pombal, Sousa, Pau dos Ferros (RN), Catolé do Rocha, Taperoá, Campina Grande, Cruz do Espírito Santo, Bananeiras, Araruna, Misericórdia, Coremas, Malta e Jericó.

O Frei Herculano faleceu no dia 5 de agosto de 1885[3], aos 65 anos de idade, no lugar conhecido por Pontina (Serra do Ponte), distrito de Serra Redonda, município de Ingá, Paraíba. Os restos mortais do missionário estão sepultados na pequena capela do Cemitério de Ingá. No museu da cidade de Areia, Paraíba, encontram-se alguns objetos que pertenceram ao Frei Herculano, recolhidos pelo vigário daquela freguesia, Monsenhor Ruy Vieira.

Os trabalhos de construção da Matriz Nova se arrastaram por longos anos. O Padre Francisco Xavier da Rocha permaneceu em nossa freguesia até 1882, quando veio a falecer.

Outros vigários vieram. Em 18 de junho de 1882, entrou na administração espiritual da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Araruna, na qualidade de pároco encomendado, o Padre Manoel Correia de Souza Lima.

Quando o Padre Souza chegou para dirigir a Paróquia, já encontrou a matriz coberta, mas inacabada.

Natural da cidade de Areia, onde nasceu em 1829, o Padre Souza quando chegou à Araruna, aos 53 anos de idade, era um político experimentado, duas vezes deputado junto à Assembléia

[3] FERNANDES, João Bosco. Co-participação de Antônio Fernandes Mousinho: *Memorial de Família - Pesquisa Genealógica.* João Pessoa, 1994, p. 381.

Provincial, na 22ª Legislatura (1878-1879) e na 23ª Legislatura (1880-1881)[4]. Em Araruna, manteve-se afastado da política até 1889. Na eleição realizada aqui na Paraíba, em 31 de agosto de 1889, a última do Império, o Padre Manoel Correia de Souza Lima conseguiu sua eleição à Assembléia Provincial pelo Partido Liberal. Obteve, em Araruna, quarenta e oito votos dos setenta e um eleitores inscritos[5]. A eleição foi prejudicada pelo advento da República, em 15 de novembro de 1889, e o Padre Souza, como era chamado, não chegou a tomar posse.

Ao tempo de seu vicariato, tornou-se proprietário de casas e terras no município. No Livro de Notas nº 3, do Cartório de Araruna, há uma anotação de compra, pelo Padre Manoel Correia de Souza Lima, em 24 de outubro de 1885, de uma casa de taipa na Rua da Feira, contígua à matriz. Trata-se da atual casa de Lourdes Menezes, que serviu, por muito tempo, de casa paroquial.

E uma outra, a 8 de fevereiro de 1886, comprada ao Capitão Manoel Januário de Farias. O Livro de Notas nº 3 faz o registro:

> *Uma casa com máquina e prensa de descaroçar algodão na rua da Matriz. A casa é de tijolo e taipa com duas janelas de frente e uma porta e de três janelas e duas portas, no oitão do lado sul na rua da Matriz, cuja casa é contígua do lado norte à casa da viuva Vicência Ferreira, com a frente para o poente e bem assim uma bolandeira de descaroçar algodão, com máquina e uma prensa que se acham no muro da dita casa.*

Trata-se, com certeza, da atual casa do Sr. Manoel Paulino.

---

[4] Mariz, Celso: *Memória da Assembléia Legislativa.* Aumentada e atualizada por Deusdedit Leitão. Edição Comemorativa do sesquicentenário da instalação da Assembléia Legislativa. João Pessoa, 1987.

[5] Livro de Notas nº 3 do Cartório de Araruna, p. 33. Cópia da Acta da eleição para deputados Provinciais. Acta da concluzão dos trabalhos eleitorais da Parochia de N. S. da Conceição de Araruna.

Em 27 de fevereiro de 1890, comprou, ao Capitão Manoel Januário de Farias, a propriedade Alto Grande.

Durante o seu paroquiato, que se estendeu até 1895, deu continuidade aos trabalhos da matriz, cuja construção se arrastaria por muitos anos ainda.

A CHEGADA DO PADRE JOEL

Em 1895, D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, primeiro bispo da recém-criada Diocese da Paraíba, nomeou, na condição de vigário encomendado, o Padre Joel Esdras Lins Fialho, a fim de dirigir a Paróquia de Araruna.

A primeira ação administrativa do novo pároco foi agilizar os trabalhos do novo templo paroquial. Era preciso, com urgência, colocar as portas e concluir os trabalhos do altar-mor. Para isso, mandou buscar, em Bananeiras, o mestre César, especialista em carpintaria, e o mestre Garcia, um artista na alvenaria.

Embora permanecesse inacabada, sem nenhum adorno, essas providências se faziam necessárias para que os ofícios religiosos pudessem ser efetuados no novo templo.

Graças a essas medidas, foi passada ao vigário de Araruna provisão para benzer a nova Matriz da Freguesia[6], a 16 de março de 1895.

Nessa mesma data, após a bênção feita pelo Padre Joel, foi entregue ao culto público a nova Matriz de Araruna, passados dezenove anos do início de sua construção.

Mesmo assim, muita coisa ainda precisava ser feita, inclusive o reboco interior e exterior do templo, trabalhos de esquadrias, bem como toda a ornamentação, até mesmo do altar. O digno vigário

[6] SEVERIANO, Cônego Francisco: *Annuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte*. Parahyba do Norte: Estabelecimento Gráfico Torre Eiffel, s/d, vol. I (1894-1907), p. 71.

não pôde concluir os trabalhos no tempo do seu vicariato, que durou onze anos.

Em 1897, D. Adauto fez a primeira visita pastoral à Freguesia de Araruna. Essa visita está registrada no Annuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte[7], do Cônego Severiano.

O Padre Joel teve grande parte de sua vida ligada à Araruna, onde morou durante trinta e seis anos, onze dos quais como vigário encomendado. Os outros vinte e cinco anos como padre avulso.

Ao longo desse tempo, deitou raízes profundas ali, inclusive deixando geração, cujos descendentes constituem hoje numerosa família, muitos dos quais se fixaram à terra, atendendo vocação rural. Outros tantos, ultrapassando os limites geográficos paroquiais, estão dispersos em vários pontos do país, no exercício das mais diversas atividades profissionais: funcionários públicos, professores, profissionais liberais, mostrando-se, todos, dignos de sua honrada memória.

O Padre Joel Esdras Lins Fialho pertencia a uma família de sacerdotes. Nasceu na cidade de Areia, a 13 de julho de 1842. Ordenou-se em Olinda em 18 de abril de 1864. Era filho do Tenente-coronel Francisco Lins Fialho (agricultor e criador) e de Anna Roza de Medeiros. Eram seus avós maternos, Pedro Paulo de Medeiros e Maria Renovata Medeiros, ambos da Freguesia do Seridó. Seus avós paternos eram o Capitão-mor Bartholomeu da Costa Pereira e Maria do Nascimento Lins d'Albuquerque.

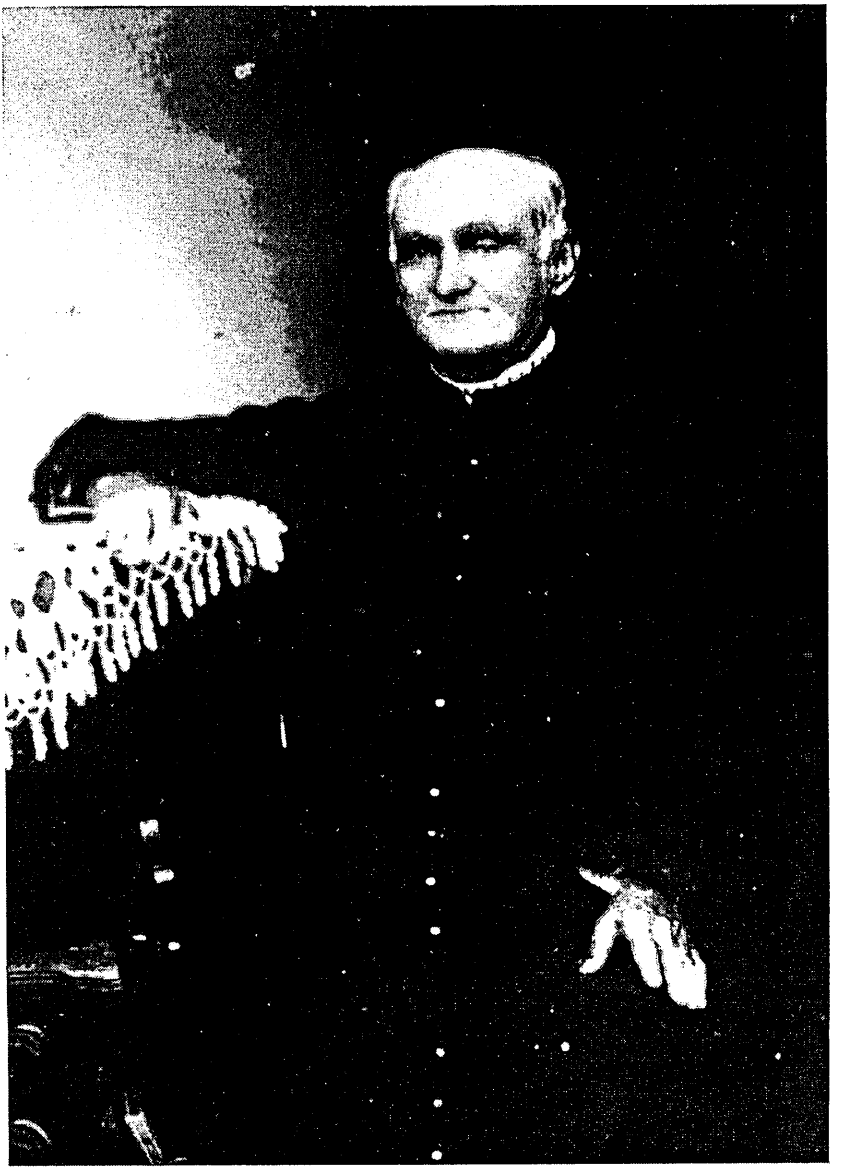
Padre Joel era sobrinho dos padres Manoel Cassiano da Costa Pereira e Joaquim Alvares da Costa[8].

Nas nossas pesquisas, não pudemos obter informes sobre as paróquias nas quais o Padre Joel atuou. Sabemos que atuou durante dois anos como capelão na povoação de Arara e, em 2 de outubro de 1875, foi nomeado para a Freguesia de Areia.

---

[7] Severiano, Cônego Francisco: *Annuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte.* Parahyba do Norte: Estabelecimento Gráfico Torre Eiffel, s/d, vol. I (1894-1907), p.155.

[8] Dados biográficos obtidos no Processo de Ordenação do Padre Joel Esdras Lins Fialho, que se encontra no Arquivo da Cúria da Arquidiocese da Paraíba.



Padre Joel Esdras Lins Fialho, vigário da Paróquia de Araruna entre 1895 e 1906.

Entre 1884 e 1889, vamos encontrá-lo dirigindo a Freguesia de Cuité e encarregado das Freguesias de Pedra Lavrada e Picuí. Foi nesse período que assumiu uma cadeira de deputado na Assembléia Provincial pelo Partido Liberal (25ª Legislatura - 1884-1885).

A sua passagem pela Assembléia ficou marcada pelo escandaloso pronunciamento que fez, na sessão do dia 6 de outubro de 1885, contra as Casas de Caridade do Padre Mestre Ibyapina, especialmente a de Santa Fé, em Arara[9].

Seu discurso causou perplexidade entre os deputados, que não pouparam palavras de violento protesto[10].

Sem querer bancar o advogado do diabo e destituído de qualquer ânimo sensacionalista envolvendo o nome do Padre Ibyapina, não podemos nos furtar do dever de transcrever trechos dos apanhados da sessão da Assembléia Provincial realizada a 6 de outubro de 1885, transcritos pelo Jornal da Parahyba, edição de 21 de novembro de 1885, contendo o discurso de acusação do Padre Joel Esdras Lins Fialho às Casas de Caridade do Padre Ibyapina.

> *O Sr. Padre Joel: Comungando estas ideias quero apenas censurar a administração das casas de caridade do Padre Mestre Ibyapina, levando ao conhecimento do Ex^mo Diocesano os fatos, que por ali se dão sob os auspícios de nossa tão santa religião, e que a continuar assim, pode muito bem dizer-se, que as casas de caridade do Padre Mestre Ibyapina de caridade tem apenas o nome. (Não apoiados e apartes).*
>
> *As casas de caridade são instituições e associações religiosas que devem estar sob as vistas imediatas do Prelado, como muito bem estão os recolhimentos da*

[9] Trechos dos apanhados da sessão da Assembléia Provincial realizada a 6 de outubro de 1885, transcritos pelo Jornal da Parahyba, edição de 21 de novembro de 1885.
[10] Trechos dos apanhados da sessão da Assembléia Provincial realizada a 6 de outubro de 1885, transcritos pelo Jornal da Parahyba, edição de 24 de novembro daquele ano.

Conceição na cidade de Olinda, da Gloria, no Recife, da Papaça, de S. Vicente de Paula e outras. Outrotanto porém, Sr. Presidente, não acontece com as casas de caridade do Padre Mestre Ibyapina, que desviando-se dos fins de sua tão santa instituição, são casas inteiramente particulares e que só servem para melhor se praticarem atos altamente reprovados e criminosos, tornando-se falsamente por objetivo os princípios prescritos pela tão santa religião do crucificado.

Doe-me dentro d'alma, Sr. Presidente, ter necessidade de tratar aqui de uma questão tão ingrata e espinhosa.

E como aqui se tenha tratado da casa de caridade de Santa Fé, que fica ao pé da povoação de Arara, onde fui capelão dois anos, e de que tenho inteiro conhecimento, a ela me referirei de preferência, como objetivo de minhas tão justas censuras.

A casa de caridade de Santa Fé, Sr. Presidente, não está nas condições de merecer favores. Ali tremula incólume a bandeira da mais requintada inquisição; ali não penetra ainda a mão benfaseja da autoridade; ali existe um segundo cárcere de Tarso ao pé de uma escada.

Por mim fale a desditosa Avelina, ali encarcerada, e retirada depois para Alagoa Nova, onde poucos dias depois faleceu de tuberculose. Por mim fale a infeliz Nazianzena, recolhida aquela prisão e retirada poucos dias depois para o engenho Macaiba, onde após poucos dias também faleceu de tuberculose.

Por mim fale aquela infeliz moça, que em 1881 faleceu de fome naquele "paternal" cárcere.

Por mim fale aquela infeliz, que atirando-se aos pés do Sr. Antonio Pedro pediu que a valesse; porque o Padre Mestre a queria botar na prisão, onde na semana havia falecido de fome uma sua companheira.

Por mim fale aquela menina de doze anos que o Padre Mestre Ibyapina, ou alguem por ele mandou soltar entre a frente da capela e o cruzeiro de Arara, e que sendo recolhida à casa de D. Anna, sobrinha do finado coronel Remígio, este a expensas suas mandou entregá-la em Cavana da freguesia da cidade de Areia, onde habitava sua mãe.

Por mim fale o digno vigário da cidade do Crato, mandando fechar as portas de sua matriz para que nela não celebrasse missa o Padre Mestre Ibyapina.

Por mim fale, finalmente, o Exmo Revmo Sr. D. Luiz, bispo do Ceará, e hoje arcebispo da Bahia, e em meu apelo externe-se, alegando quais os motivos que atuaram em seu espírito para arredar do Padre Mestre Ibyapina a inspeção imediata, que aquele Rev. Padre Mestre tinha nas casas de caridade por ele instituídas naquela vossa Diocese.

O Sr. Presidente: Pace in sepultis.

O Sr. Padre Joel: Sr. Presidente, a vista de fatos tão frisantes seria conveniente que o Exmo administrador da província ali mandasse o Sr. Chefe de polícia a fim de sindicar tais fatos, demolindo aquele execrando cárcere e castigasse todos aqueles que julgasse culpados.

Outrotanto, deveria fazer o Exmo e Revmo diocesano, mandando ali uma pessoa de sua confiança, e em época inesperada.

O Sr. Irineu: Isto é pura imaginação.

O Sr. Padre Joel: A tal prisão ali existente, pois o próprio oficial da obra me asseverou, que havia ali feito um quarto debaixo de uma escada, dizendo-se-lhe que era para despejo.

Mas despejo de que Sr. Presidente, de moças, que se julgassem culpadas, e não de víveres, como simplesmente entendeu o oficial da obra!

O Sr. Irineu: Dá um aparte.

O Sr. Padre Joel: Nas casas de caridade de Pocinhos e de Pombos têm se reproduzido os mesmos fatos, o que atribuo aos desmandos e fanatismos dos tais lugares-tenentes do Padre Mestre Ibyapina; pois maior parte dos fatos alegados deram-se na ausência do Padre Mestre Ibyapina.

O Sr. José Euphrasiano: Dá um aparte.

O Sr. Padre Joel: V. Exᶜⁱᵃ ainda andava pelas terras dos cangaceiros; ainda não havia enxotado o finado Padre Mestre Herculano de sua freguesia e eu já conhecia a casa de caridade de Santa Fé.

E demais, tenho notado de certo tempo a esta parte, que V. Exᶜⁱᵃ sempre anda de acordo com o meu nobre colega de distrito, e só discordam quando se trata de supressão da comarca de Borburema. O motivo disso será porque V. Exᶜⁱᵃ é liberal, que só vota com os conservadores, ou será por ser lá de território de cangaceiros, e tem ele medo que lhe apareça alguma remessa?

Sr. Presidente, vou concluir, acrescentando que os dízimos de miunças de que trata o meu aditivo devem ser da Santa Casa de Misericórdia desta capital; pois lhe pertence em virtude de um alvará régio de mais de duzentos anos, como já provei nesta casa, e nem sei onde foi esta Assembléia achar arestas para poder aliená-los dando-lhes outro destino.

Tendo concluído, aguardando-me para responder ainda aos nobres colegas, que tanto se incomodaram com as verdades por mim expendidas nesta casa, e que como representante da província não devia por mais tempo calá-las.

O Sr. Irineu Joffily: Pronunciou um discurso que publicaremos depois.

O Sr. Padre Joel: Pedi a palavra, Sr. Presidente, para

dirigir ainda algumas palavras com relação a questão do que se trata, e não desejo roubar tempo à casa.

Aceitando o repto do nobre colega, que acaba de falar direi que a casa de caridade de Araçagy também se fechou, e por que, Sr. Presidente? Caluniaram ali uma pobre velha sexagenária, regente daquela casa, e parenta do venerando pároco daquela freguesia, o qual tomando em consideração o fato, fez com que ela não fosse deportada, motivando a extinção daquela casa, que (justiça lhe seja feita) era uma das mais bem regidas. Como o Rev. pároco de Araçagy não quizesse servir de manivela, fechou-se a casa, transportando-se para Ceará-Mirim, donde veio depois para Santa Fé, donde só em uma semana fugiram oito orfãos, seguindo-se mais as fugas de outras.

Convém acabar com tais casas porque ali, não há higiene, e a tuberculose ali reina, ceifando a preciosa vida de famílias inteiras, como acaba de acontecer com três moças de minha freguesia, que sendo irmãs e não sendo de família afetada de tal incômodo, dentro de poucos tempos foram todas sepultadas!

Não censuro tanto o Padre Mestre Ibyapina, que apenas obrava automaticamente nos seus últimos dias, como principalmente uma célebre D.C., que abandonando com toda a sua "caridade" seu nonagenário marido, foi necessário que o vigário Chacon a mandasse chamar a fim de não deixar tão desumanamente seu velho marido de mais de noventa anos. E entretanto ela com toda a sua caridade calculada não se sujeitou as paternas admoestações do venerando vigário, que a pedido do marido, tanto se esforçou para que ela voltasse ao lar conjugal.

É apenas o que tenho a dizer.

Os protestos dos deputados em defesa da reputação do nome do apóstolo Ibyapina vieram na mesma sessão daquele dia 6 de outubro de 1885. Julgamos oportuno transcrever, também, trechos do pronuncia-

mento do Deputado José Campello, o mais veemente na defesa da boa reputação do Padre Mestre Ibyapina.

Sem pretender demonstrar de que lado está a verdade, deixamos para os estudiosos da biografia desses sacerdotes a interpretação do curioso episódio, cheio de destemperos de oratória, próprios de adversários políticos em conflito.

> *O Sr. José Campello: Sr. Presidente, se um membro desta casa pudesse ser fulminado pela palavra dura, cortante, da mais crua oposição, se tivéssemos a autoridade de impor um castigo a aquele que no cumprimento do seu mandato desvia-se das regras do justo e do honesto, estou convencido de que na questão que se acha bastante e devidamente discutida tínhamos um réu convicto.*
>
> *O autor destes dois aditivos trazidos a esta casa o menos que mereceu dessa assembléia foi alguns - ohs!!*
>
> *Parece que seu autor tenha sido acometido de uma alucinação de momento.*
>
> *Nunca me pareceu que voltasse a ter a 2ª leitura aqui palavras de tanto escândalo.*
>
> *Mas hoje de novo se atira perante nós, este escárneo contra as casas de caridade da província fundadas por esse grande homem - Padre Ibyapina, cuja memória é sagrada nos nossos corações e de quantos tiveram a dita de o conhecer.*
>
> *O que temos ouvido dos lábios d'um padre, são horrores, que todos nós ignoramos. Nem o autor dos aditivos nada nos poderia provar que de longe pudesse ferir a memória daquele ungido do Senhor, verdadeiro apóstolo da sociedade.*
>
> *Não era de esperar que um dia partisse desta bancada tanto escândalo. O grito de impiedade infelizmente não partiu de nenhum de nós, de nenhum secular; foi de um padre! Mas é bom saber, que foi do padre Joel Esdras Lins Fialho.*

O Padre Ibyapina que no cemitério em que descansa, tem vivo um culto em nossos corações, só poderia ser profanado pelas hienas; e foi por uma, em figura de sacerdote. Mas, Srs., de todas as cadeiras nos ergamos para esmagar o sacrílego. Seja imediato o castigo.

Eu não repetirei algumas palavras proferidas pelo Sr. deputado porque elas queimam.

E foram atiradas aqui contra uma mulher virtuosa e respeitável, a Ex^ma Sr^a D. Candida diretora da casa de caridade de Arara, que como poderoso auxiliar do virtuoso Padre Ibyapina, tem conquistado a estima de uma população inteira, sem que tremessem os lábios que as proferiram.

Essa Sr^a está na Arara representando um papel sublime, por sua dedicação e virtudes; é uma indecência que sua pessoa seja trazida para aqui; ao menos sirva a nossa indignação de reparação à ofensa.

Atribuir a prática de uma ação torpe ao Padre Ibyapina, só podia lembrar a quem não tivesse dele o menor conhecimento.

O Padre Ibyapina, célebre advogado, foi um homem de ciência e virtudes, que no exercício dessa profissão, deixou seu nome gravado em monumentos e inúmeros trabalhos. Um dia dedicou-se as coisas de Deus, abandonou os livros profanos e a luta das tribunas, que trocou pelas do Evangelho. Fez-se Padre, e pregou por obras a caridade em toda a parte.

O Sr. Padre Joel: Foi questão que ele perdeu não foi Deus.

O Sr. José Campello: Despido das vestes mundanas, coberto com hábito de sacerdote, sua eloquência fácil e persuasiva centuplicou-se.

Sendo padre, pediu esmolas para dar esmolas nas duas províncias - Parahyba e Ceará.

Só nesta província com tais recursos criou e estabaleceu nove casas de caridade. Seu amor à Religião Cristã, à qual tinha sacrificado todos os seus erros, o transformou no apóstolo querido, que produziu todos estes milagres de que está gozando a província que representamos.

Snrs., o finado Padre Ibyapina passou da Parahyba do Norte a todo Império; ele é conhecido em toda Europa, e o Santo Padre não o desconhece.

Eu sei que os mártires da religião, os santos da Igreja, sempre foram mártires da calúnia. O Padre Ibyapina também o deve ser.

Nós continuaremos a sustentar a necessidade de não excluir dos orçamentos estas medidas de proteção as casas de caridade da província. Permita o nobre signatário do projeto, que eu diga como Lamennais: Padres, os condutores de Israel devem através do deserto deste mundo marchar adiante de Israel. Marchai e nós vos seguiremos. Fazei-vos pobres, de ricos que sois, da grandeza fazei-vos pequeninos. Renunciai vosso luxo, o orgulho de vossa potência mundana, sedes os últimos para ser os primeiros. Vendei os vossos bens e destribuí o preço com os pobres, que pedem de porta em porta e nada alcançam. Mostrai vossa fé por vossas obras e vossos exemplos nos convencerão.

Ao fogo o heresiarca.

Sr. Presidente, deve ser desculpado o nosso exaltamento em uma sociedade cristã; no seio dos cidadãos, que desde o berço aprenderam que a Religião é uma virtude sublime e que o homem só é feliz tendo por norte essa Religião, o escândalo, que acaba de presenciar tudo justifica.

A instrução pública tem sido liberalisada a todos

que procuram aquela casa de caridade, sem que tenha custado um ceitil aos pais de família. Os trabalhos de agulha, de tecidos, e de todas as indústrias domésticas ali se tem aprendido.

Naquela horrível seca porque passou a província de 1877 a 1881, quando em toda parte se migrava, e morria-se de fome, ali se vivia, e dava-se esmolas.

Vou concluir, Snrs., não temos necessidade de escurecer a utilidade e valor dessas casas de caridade, - oasis do deserto para amparo dos desvalidos.

Estes dois aditivos; Sr. Presidente, são dois insultos atirados à dignidade humana, à caridade universal, agravadas por palavras que ofendem aos menos castos ouvidos, não exprimem mais de que um despeito, uma calúnia, contra o maior cidadão, o maior soldado da caridade, que a província da Parahyba já teve, são a maior ofensa que se podia atirar neste recinto.

Tenho dito.

Nas legislaturas seguintes, no Império e na República, o Padre Joel não mais voltou à Assembléia. Mesmo assim, continuou com a sua atividade política em Araruna.

Afastado de suas funções de vigário em 1906, o Padre Joel não abandonou sua atividade sacerdotal. Naqueles tempos, era raro o sacerdote que se limitasse apenas ao sacerdócio. E Padre Joel era homem de muitos afazeres. Dividia seu tempo com a política, os misteres de padre e os afazeres de dono de terras.

Homem de posses, chegou a possuir várias propriedades em Araruna: Alto Grande, Tury, Fragata, Jardim, etc.

Foi várias vezes conselheiro municipal, tendo ocupado, em 1913, o cargo de presidente do Conselho, depois de uma violenta campanha política que precisou da intermediação do Presidente Castro Pinto e do Bispo D. Adauto.

Atuou no jornalismo, escrevendo, quase sempre, sobre assuntos históricos. Dois artigos seus foram publicados na REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO, um deles sob o título "LIMITES (PB-RN)". O outro, "CRIAÇÃO DA FREGUESIA DE S. SEBASTIÃO DE PICUÍ"[11].

O Padre Joel Esdras Lins Fialho faleceu em Araruna, em 19 de setembro de 1931, aos 89 anos de idade.

O jornal A IMPRENSA, órgão oficial da Diocese deu a notícia:

> *19 de setembro. Falece em Araruna, onde residia, o decano do clero paraibano, Pe. Joel Esdras Lins Fialho. Tinha 64 anos de sacerdócio. Foi deputado provincial na monarquia, vigário de Areia e depois de Cuité, ficando avulso nos últimos vinte anos devido a incômodo de saúde.*
>
> *Militou no jornalismo e dedicava-se de um modo particular a estudos históricos e geográficos.*
>
> *Tinha uma dedicação especial aos moribundos, andando léguas e mais léguas, às vezes até a pé, a fim de confessar o enfermo.*
>
> *Passou fazendo bem, na expressão clássica do Evangelho*[12].

Padre Joel foi sepultado em Araruna, embora tivesse manifestado seu desejo de ser sepultado na cidade de Areia, conforme está expresso no seu testamento[13]:

> *Que seu funeral seja simples, e que deseja, se possí-*

[11] FIALHO, Joel Esdras Lins: "Limites (PB-RN)", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, n. 3, 1911, pp. 141-145.
FIALHO, Joel Esdras Lins: "Criação da Freguesia de S. Sebastião de Picuí", *Revista do Instituto Histórico Geográfico Paraibano*, n. 8, 1934, pp. 113-118.

[12] LIMA, Padre Francisco: *D. Adauto - Subsídios Biográficos*. João Pessoa: Escola Profissional "Padre José de Anchieta", Secção Tipográfica A IMPRENSA, 1959, vol. 3º (1925-1935), p.168.

[13] Testamento que faz em notas o Reverendo Padre Joel Esdras Lins Fialho. Livro 7, p. 76, do Cartório de Notas de Araruna.

vel, ser sepultado no Cemitério da Cidade de Areia, onde acha-se lugar reservado para serem sepultados todos os de sua família, ficando todo esse arranjo a cargo de qualquer de seus testamenteiros ou herdeiro que lhe for mais grato e mais amigo.

Ainda hoje, seus restos mortais permanecem no Cemitério de Araruna.

TRÊS SACERDOTES ARARUNENSES

Padre Francisco Ernesto de Vasconcellos.
Padre Antônio Clementino de Assis Lima.
Padre Francisco Targino Pereira da Costa.

Com quase cento e cinqüenta anos de existência, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Serra de Araruna não foi pródiga na produção de filhos padres. Nas nossas pesquisas pelos livros do século passado, pertencentes ao Seminário de Olinda e ao Seminário da Paraíba, e em livros atuais, encontramos apenas três nomes de ararunenses que chegaram à ordenação sacerdotal, por sinal, todos nascidos no Século XIX: Padre Francisco Ernesto de Vasconcellos, Padre Antônio Clementino de Assis Lima e Padre Francisco Targino Pereira da Costa.

PADRE FRANCISCO ERNESTO DE VASCONCELLOS

São poucas as notícias biográficas a respeito do padre ararunense Francisco Ernesto de Vasconcellos. Nos arquivos da Cúria Metropolitana da Paraíba fomos encontrar, no seu processo de ordenação, as seguintes notas: natural de Araruna, filho legítimo de Antônio Peixoto de Vasconcellos e Carolina Francisca de Vasconcellos, neto pelo lado paterno de João Teixeira Chaves e Maria Umbelina da Conceição; pelo

lado materno de Francisco Gonçalves de Mello Muniz e Manoella Idalina de Jesus.

Foi ordenado a 6 de junho de 1901, na Catedral de Nossa Senhora das Neves[1].

Sabemos que em 1906 foi para o Piauí, acompanhando o recém-nomeado Bispo D. Joaquim Antônio de Almeida, ex-reitor do Seminário da Paraíba. A sagração episcopal de D. Joaquim, a primeira realizada na Catedral da Paraíba, deu-se no dia 4 de fevereiro de 1906, pelo Núncio Apostólico D. Julio Tonti.

D. Joaquim Antônio de Almeida foi o primeiro bispo do Piauí (1906-1911) e o primeiro bispo de Natal (1911-1915)[2].

Voltemos ao Padre Francisco Ernesto. Em 1920, com a saúde abalada, voltou do Piauí para assumir a Paróquia de Alagoinha. A 19 de março de 1923, faleceu na capital do Estado, onde foi sepultado[3].

PADRE ANTÔNIO CLEMENTINO DE ASSIS LIMA

O Padre Antônio Clementino de Assis Lima nasceu em Araruna, no dia 18 de setembro de 1877. Era filho do Capitão Francisco de Assis da Costa Lima e de Josefa Clementino de Assis Lima, moradores no Sítio Anafê.

Seus pais fizeram doação de uma parte de terra no lugar "Alagoa do Carmo", município de Araruna, ao seu filho, *"clerigo in minoribus"*, Antônio Clementino de Assis Lima, para seu patrimônio de ordenação, no valor de quinhentos mil réis[4].

---

[1] LIMA, Padre Francisco: *D. Adauto - Subsídios Biográficos*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1956, vol. 1º (1855-1915), p. 209.
[2] *Idem, ibidem*, p. 259.
[3] LIMA, Padre Francisco: *D. Adauto - Subsídios Biográficos*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1958, vol. 2º (1915-1925), p. 173.
[4] Escritura de doação feita, em 23 de janeiro de 1906, pelo Capitão Francisco de Assis da Costa Lima e sua mulher, no Livro 7 de Notas do Cartório de Araruna, p. 60.

Foi ordenado em 28 de maio de 1908, na Catedral de Nossa Senhora das Neves. Após sua ordenação, foi nomeado coadjutor da Freguesia de Natal, capital do Rio Grande do Norte, onde permaneceu por quase quatro anos.

Pouco temos a acrescentar sobre a vida efêmera do meu parente por parte de mãe, Padre Antônio Clementino de Assis Lima, que faleceu em Araruna, em 18 de julho de 1912, aos 34 anos de idade. Seus restos mortais encontram-se na Igreja Matriz daquela freguesia, onde existe uma lápide indicativa.

Padre Francisco Targino Pereira da Costa

Do processo de ordenação do Padre Targino, que se encontra nos arquivos da Cúria Metropolitana da Paraíba, podemos extrair as seguintes informações biográficas.

Francisco Targino Pereira da Costa é filho de Targino Pereira da Costa, natural de Areia, e Jesuina Paula d'Assumpção, natural da Freguesia de São Pedro e São Paulo de Mamanguape. É neto pelo lado paterno de Manoel Pereira da Costa, natural de Oeiras, no Piauí, e Lourença Maria do Espírito Santo, natural de Areia. Neto pelo lado materno de José Pinheiro Borges, natural de Lisboa, Portugal, e Maria Duarte Teixeira Borges, natural de Mamanguape.

Quanto às datas de seu nascimento e batismo, encontramos no processo de *"habilitação de genere"*, constante do seu processo de ordenação, a seguinte declaração:

> *Certifico que nenhum dos livros de assuntos de batismo desta Freguesia consta o que faz menção a petição supra*[5]*. Afirmo porém sob testemunho de pessoas fidedig-*

[5] Solicitação feita por Francisco Targino Pereira da Costa de uma certidão de batismo ao vigário da Freguesia de Bananeiras.

Padre Francisco Targino Pereira da Costa, vigário da Paróquia de Araruna entre 1906 e 1919. Fotografia do século XIX.

nas que Francisco Targino Pereira da Costa, filho legítimo em consequência de casamento subsequente de seus pais, nasceu aos 22/7/1851 e tendo um mês de idade, foi batizado solenemente pelo padre Diogo de Oliveira na Capela de Araruna[6] então filial desta Matriz e que foram seus padrinhos José Bento Rodrigues e Candida Maria da Conceição, o que afirmo.

Vila de Bananeiras, 8 de abril de 1872
Vigário José Paulino da Borba Grillo.

No 2º Livro de Notas do Cartório de Araruna, encontramos a anotação, datada de 1885, da doação de uma casa de tijolo à Rua da Feira, feita por Targino Pereira da Costa e sua mulher, D. Jesuina Paula d'Assumpção, ao seu filho Francisco Targino Pereira da Costa, para seu patrimônio de ordenação. Trata-se da casa contígua, pelo lado norte, ao sobrado pertencente ao Sr. Demócrito Moreira.

A ordenação do Padre Francisco Targino deu-se em 1887 e foi motivo de muitas manifestações de regozijo por parte de seus familiares e conterrâneos, quando de sua chegada à Araruna. O JORNAL DA PARAHYBA, de 4 de março de 1887, documenta o acontecimento:

Araruna - Desta localidade comunicam-nos em data de 18 de fevereiro o seguinte:

O dia de ontem e o de hoje foi de agradável festa para esta vila a despeito dos efeitos produzidos pelas febres que infelizmente perseguem sua população.

Chegando-nos a grata notícia de que o nosso distinto amigo e patrício padre Francisco Targino Pereira da Costa achava-se em Independência[7] de viagem para aqui, depois de ter terminado os seus estudos no Seminário de

[6] Padre Diogo de Oliveira é o único sacerdote de que temos notícia ter sido capelão de nossa primitiva Capela de N. S. da Conceição.
[7] Trata-se da atual cidade de Guarabira. Pela Lei nº 841, de 26/11/1887, Independência foi elevada à categoria de cidade, tomando o primitivo nome de Guarabira.

Olinda, partiram ao seu encontro o nosso amigo capitão Manoel Januário Bezerra Cavalcanti Filho, acompanhado de seus dedicados amigos tenente João Timotheo de Queiroz, tenente Antonio Alves Chaves Torres, José Pereira da Costa, Francisco Antonio da Fonsêca, Manoel de Azevedo Belmont Filho e muitos outros cavaleiros, alcançando aquele ponto, onde acolhidos com afeto pelo digno vigário foram servidos de um lunch *abundante, regressando todos as 4 da tarde, indo pernoitar na povoação de Serraria em casa do abastado senhor de engenho José Pereira Goes, que manifestou a sua satisfação com muitas dúzias de fogos que subiram ao ar com a chegada do nosso amigo reverendíssimo Targino e seus inúmeros companheiros, e com um profuso chá, que agradou a todos.*

No dia imediato, partiram para esta vila por Emburana da Onça e Geráo, donde surgiram mais de 50 cavaleiros e muitos foguetes formando uma grande procissão, quando aqui chegaram, que foi recebido em casa da família Targino com muitas girândolas e um opíparo jantar e o mais carinhoso agrado precedeu ao convite para o dia seguinte assistirem todos a missa nova, que devia ser celebrada pelo segundo sacerdote filho desta vila[8].

É fácil imaginar-se o que é uma primeira missa em uma localidade em que o padre goza da afeição de seus patrícios e acha-se cercado de seus primeiros habitantes.

Desde ontem regurgitava de povo esta localidade, vindo de grandes distâncias, a igreja foi pequena para acomodá-lo hoje[9].

---

[8] A notícia faz alusão ao Padre Targino como *segundo sacerdote filho desta vila.* Lamentavelmente, não encontramos registros de um outro sacerdote anterior ao Padre Targino, filho de Araruna.

[9] A referida missa foi celebrada na Matriz Velha, atual Igrejinha de Santo Antônio, pois a Nova Matriz só foi entregue ao culto público a 16 de março de 1895.

Dita a missa foi o nosso amigo acompanhado à casa de seus pais, onde encontraram os seus amigos uma grande mesa, cujo serviço rivalizava com o mais apurado de muitas localidades, que dispõem de outros recursos, devido ao gosto do pai e irmão do nosso sacerdote. Muitos brindes foram levantados nesta ocasião não sendo esquecidos os nomes dos nossos chefes políticos dessa capital, findando-se com o brinde de honra levantado pelo nosso amigo capitão Manoel Januário Bezerra Cavalcanti Filho à religião católica apostólica romana que na pessoa do reverendo Targino tinha um verdadeiro apóstolo.

O Padre Francisco Targino foi o único dos três filhos de Araruna a dirigir a Paróquia de sua terra natal. Padre Targino começou sua atividade sacerdotal ocupando a Freguesia de Pilões, onde teve destacada atuação política, chegando a liderar um grande movimento de protesto, em 1893, contra a usurpação da autonomia daquele município, que voltava a pertencer administrativamente ao município de Areia. Desde esse tempo, lutou, insistentemente, para restabelecer o prestígio político de Pilões e devolver-lhe os foros de município, o que conseguiu em 1895.

Sua atuação política nos acontecimentos lhe valeu a eleição para deputado à Assembléia Estadual (3ª Legislatura 1896-1899). Nessa época, graves fatos políticos acontecidos em Pilões envolveram o prestigiado Padre Targino. Divergências políticas se aprofundaram e uma forte onda de protestos se ergueu contra o vigário, que teve de deixar Pilões jurando represálias contra seus antigos correligionários. E suas promessas não tardaram. Fazendo valer seu prestígio como deputado, conseguiu junto ao Presidente Gama e Melo o retorno de Pilões à categoria de povoado, transferindo a sede do município, dessa vez, para Serraria.

Afastado temporariamente da política, foi reger a Freguesia de Mogeiro. Posteriormente, foi capelão em Itabaiana e seu primeiro vigário com a criação da Freguesia, em 2 de fevereiro de 1903[10].

[10] Lima, Padre Francisco: *D. Adauto - Subsídios Biográficos*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1956, vol. 1º (1855-1915), p. 227.

Em 1904, após um período de declínio político, o Padre Targino foi eleito novamente deputado (5ª Legislatura 1904-1907) e, nessa condição, chegou a Araruna para dirigir a freguesia. Sua chegada contribuiu para aumentar a influência dos seus irmãos, Coronel Gino e Major Pedro.

Como diz o ditado, eles passaram a "casar e batizar", na acepção literal do termo.

Aos poucos, o vigário Francisco Targino foi cedendo seu lugar na política para o Major Pedro e dedicando maior tempo aos negócios da Igreja.

Durante seu paroquiato, deu andamento aos trabalhos de construção da matriz, fazendo o acabamento interno e externo, e cuidando dos adornos da fachada. O ANNUARIO ECCLESIASTICO DA PARAHYBA DO NORTE, vol.II (1908-1918), página 1041, fala assim do templo paroquial:

> *O templo paroquial, de boa construção, foi edificado sob a direção e esforços do rev. padre missionário Frei Hermenegildo Herculano Vieira que relevantes serviços prestou à religião católica. Muito também concorreu para a sua conclusão e adorno o rev. padre Francisco Targino da Costa, seu atual vigário. Possui esta Freguesia poucas capelas, mas todas se acham regularmente asseadas. Tem boas alfaias e ornamentação.*

O Padre Francisco Targino Pereira da Costa, terceiro filho na ordem cronológica de nascimento entre os onze filhos do patriarca da família Targino, viveu em Araruna até 1919, ano em que faleceu, a 28 de julho, aos 70 anos de idade. Foi sepultado na capela da Fazenda Maquiné, de sua família, que ele mesmo erigiu, em 1897, e da qual falaremos em capítulo dedicado às capelas.

Padre Francisco Bandeira Pequeno

Notícia biográfica sobre o Padre Francisco Bandeira Pequeno. A posse do Padre Bandeira na Freguesia de Araruna, em janeiro de 1919. As anotações do Padre Bandeira. Inventário dos bens pertencentes à Matriz de N. S. da Conceição, em janeiro de 1921. A segunda visita pastoral de D. Adauto, em 1921. O envolvimento do Padre Bandeira na política.

O agravamento do estado de saúde do Padre Targino abreviou a indicação de um novo vigário para Araruna. No dia 1º de janeiro de 1919, foi passada provisão em favor do Padre Francisco Bandeira Pequeno, por tempo de um ano, no cargo de vigário encomendado da Freguesia de Araruna.

Filho de Verecundo Alves Pequeno e Filismina Bandeira Pequeno, Francisco Bandeira Pequeno nasceu no dia 26 de agosto de 1887, na Barra do Cuité, hoje Cuitegi, onde o pai era dono de engenho. Iniciou seus estudos no Seminário de Olinda em 1902, onde se ordenou a 26 de novembro de 1910, segundo informações colhidas na Cúria Metropolitana do Recife.

Sua atividade sacerdotal teve início em Lagoa dos Gatos, Pernambuco. Em 28 de novembro de 1910, vamos encontrá-lo com outros padres, em Areia, numa Missão Pastoral de D. Adauto.

O vicariato do Padre Bandeira, em Araruna, foi o segundo mais

longo da história da freguesia. Durou 21 anos, estendendo-se até 1940, quando foi substituído pelo Padre Severino Cavalcanti de Miranda.

Sobre sua posse, o novo pároco fez a seguinte anotação no Livro de Tombo da Paróquia:

> *Aos cinco de janeiro de mil novecentos e dezenove, à estação da missa, perante avultado número de fiéis e perante as primeiras autoridades desta vila, tomei posse desta freguesia nomeado por S. Exª Revmo o Sr. Arcebispo D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques por provisão de 1º de janeiro de 1919. O Revmo Cônego Pedro Anizio por autorização do Exmo Arcebispo foi encarregado de dar posse da referida Freguesia, por se achar gravemente enfermo o antecessor Revmo padre Francisco Targino Pereira da Costa, observando as cerimônias de estilo.*

O Padre Bandeira foi o primeiro dos nossos vigários a inventariar e deixar registrados no Livro de Tombo, em bonita caligrafia, todos os bens pertencentes à matriz, quando de sua posse.

Embora possa parecer minúcia de pouco valor histórico, achamos por bem transcrever a relação de todos os bens arrolados pelo novo vigário, naquela oportunidade. Que valha, pelo menos, por curiosidade, pois, muitos dos objetos citados, embora conhecidos na liturgia católica, não sabíamos o nome.

A seguir, as minuciosas anotações do vigário:

> *Patrimônio compreendendo perímetro de toda a vila de Araruna. Altar-mór com sacrário e chave de prata com as Imagens seguintes: Imaculada Conceição com coroa de prata; Sagrado Coração de Jesus; S. Sebastião; N. Senhora das Dores e N. Senhora do Carmo.*
>
> *1 âmbula de prata, 1 crucificado, Sacras velhas, 6 castiçais velhos, 1 estante, 1 serafina, 1 véu sacrário.*

Padre Francisco Bandeira Pequeno, vigário de Araruna entre 1919 e 1940.

Altar do Bom Jesus com a referida imagem, um crucifixo velho e 6 castiçais.

Outro altar em construção.

2 confessionários, 1 púlpito. Coro com 1 sino.

Sacristia: 1 cômoda e 1 mesa, 1 baú grande, 2 armários, 2 nichos usados, 2 paramentos brancos, 1 dalmática, 1 tunicela, 1 paramento encarnado, 1 paramento preto, 1 paramento sebasto roxo e verde, 1 missal, 1 cálice com patena, 1 custódia de metal, 2 alvas, 4 amictos, 3 cíngulos, 9 toalhas, 6 corporais, 8 sanguinhos, 1 manto azul da S. Virgem, 3 capas asperges velhas (branca, preta e roxa), 2 turíbulos com navetas, 1 cruz e dois tocheiros, 1 par de galhetas de metal, 1 de vidro; 1 caldeirinha, 1 cobertura para o altar-mór, 1 umbela, 6 quadros de imagens velhas. Arquivo paroquial, 2 roquetes.

As anotações do Padre Bandeira não pararam por aí. Todos os melhoramentos efetuados na matriz, logo após a sua chegada, mereceram registros, que constam do Livro de Tombo da Freguesia. Vão a seguir as anotações feitas em 1919:

Melhoramentos: Reboco dos corredores internos e o ladrilho dos mesmos. Limpeza geral interna de toda a Matriz. Pia batismal com piscina, grade e quadro do Batismo de Cristo, depósito para Santos Óleos, cabide, e cobertura da Pia.

Um ornamento verde, um ornamento roxo, um véu de ombro, 1 missal, 1 cálice com patena, 2 tapetes, 2 roquetes, 1 alva, 1 estola paroquial, 1 cabide e 1 lavatório, 4 livros para o arquivo, 2 crucifixos, 6 pares de jarros, 2 amictos, 4 sanguinhos, 2 palas, 1 estante, 1 genuflexório. Véus para o Sacrário e para âmbula, 1 quadro do Coração de Jesus.

Em 1920, o Padre Bandeira fez anotações sobre os melhoramen-

tos introduzidos na matriz: a construção do altar de São Sebastião, a compra de uma nova imagem de São Sebastião, construção da calçada e reboco da frente da matriz, além da *instalação de iluminação a gasolina pela pressão do ar e aquisição de onze lâmpadas a gasolina.*

As lâmpadas a que o padre se refere devem ser semelhantes aos famosos lampiões Petromax, a querosene, muito comuns até os anos sessenta. Na farmácia de meu pai, em Araruna, conservamos um deles que muito nos serve, ainda hoje, quando dos colapsos de energia elétrica.

Com essas melhorias, o Padre Francisco Bandeira estava preparando a matriz para receber, condignamente, a visita ilustre de D. Adauto de Miranda Henriques, dessa vez, na condição de Arcebispo da Arquidiocese da Paraíba. Era a segunda visita pastoral daquele prelado à Araruna, depois de uma ausência de vinte e quatro anos.

D. Adauto não poupou elogios à administração do Padre Bandeira à frente da administração paroquial.

Transcrevemos na íntegra, o termo da visita pastoral à Freguesia de Araruna, aos 9 de março de 1921, assinado por D. Adauto[1].

> *Depois de longa ausência bem alheia à nossa vontade e ao cumprimento ao mais sagrado dever de pastor das almas, realizamos a visita pastoral desta freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Araruna por entre significativas demonstrações de santo entusiasmo e de imensos resultados espirituais.*
>
> *Só portanto, aos 9 deste mês de março de 1921 encetamos com as bençãos de Deus a visita pastoral.*
>
> *Às 16 horas deste dia entramos acompanhados do reverendíssimo Frei Martinho Jansweid, pregador da visita, do reverendíssimo vigário de Nova Cruz, padre Luiz Adolfo de Paula; e do menorista Emiliano de Cristo. Na vila já se achavam presentes: padre Joel Fialho, cônego*

[1] Termo da visita pastoral à Freguesia de Araruna, aos 9 de março de 1921. Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, pp. 48 - 48 v.

Manoel Cristovão, vigário de Bananeiras, padre Gabriel Toscano, o menorista Gentil de Barros e o seminarista Francisco de Assis, que incorporados ao reverendíssimo vigário da freguesia padre Francisco Bandeira Pequeno, vieram ao nosso encontro fora da vila, acompanhados das associações do Apostolado da Oração, da Doutrina Cristã e de um povo extraordinário. Chegando, dirigimo-nos à casa onde tínhamos de tomar os paramentos para a entrada canônica. Aí, nos saudou em nome do povo o bacharel Artur Gantois, que em frases expressivas e eloquentes, soube interpretar bem o júbilo de que se achava possuído aquele povo simples e bom, recebendo o seu supremo pastor. Organizado o préstito, fizemos a entrada triunfal, se observando todas as cerimônias prescritas pelos cânones. Chegando à Matriz, o reverendíssimo Frei Martinho anunciou a abertura da crisma, explicando ao povo a sua importância e dando por fim o horário dos trabalhos da visita a ser encerrada à noite do dia 15 do aludido mês.

Nos dois dias seguintes ao da chegada, recebemos filiais manifestações por parte do Apostolado da Oração e da Doutrina Cristã.

Os trabalhos foram insanos, sendo grandemente auxiliado pelo reverendíssimo vigário, todos os sacerdotes, acima mencionados, bem como, o reverendíssimo Cônego Aprígio Espínola, vigário de Serra da Raiz.

Aproveitando-nos do ensejo da visita, explicamos todos os dias os evangelhos, os sublimes mistérios que encerra a divina eucaristia, e ainda as virtudes de que Jesus é nosso divino modelo.

O resultado verificado foi o seguinte: crismas: 3.005, sendo 1.305 de homens, e 1.700 de mulheres; comunhão: 3.400, sendo 1.500 de homens e 1.900 de mulheres; e, além disso houve 14 casamentos de concubinários.

Expressando de coração o mais alto reconhecimento ao distinto povo de Araruna pelas novas e inequívocas demonstrações de carinho e amor filial que nos dispensou, agradecemos de modo particular a todos que concorreram com os seus valiosos donativos para os trabalhos da matriz, cujos melhoramentos ultimamente realizados pelo reverendíssimo vigário são mui sensíveis e dignos dos nossos melhores elogios.

Deixamos, portanto, consignados, neste termo, o nosso eterno agradecimento, pedindo a Virgem da Conceição, nossa ínclita Padroeira, que nos acumule de muitas bençãos e prosperidades.

Fizemos a visita canônica dos paramentos, alfaias, pia batismal, arquivo paroquial e mais utensílios da matriz, encontrando tudo na melhor ordem, tendo só, portanto, que louvar e admirar o muito que em pouco tempo têm feito o zelo e piedade do nosso reverendíssimo vigário.

Desejamos, mesmo, que chegue ao conhecimento de todos as boas impressões e consolações que sentiu o coração do nosso Pastor, diante da prosperidade material, moral e religiosa por que vai passando esta futurosa e pitoresca vila.

E para que complemente os nossos desejos, apelamos para a vossa generosidade auxiliardes ao nosso operoso vigário na breve construção de uma casa paroquial.

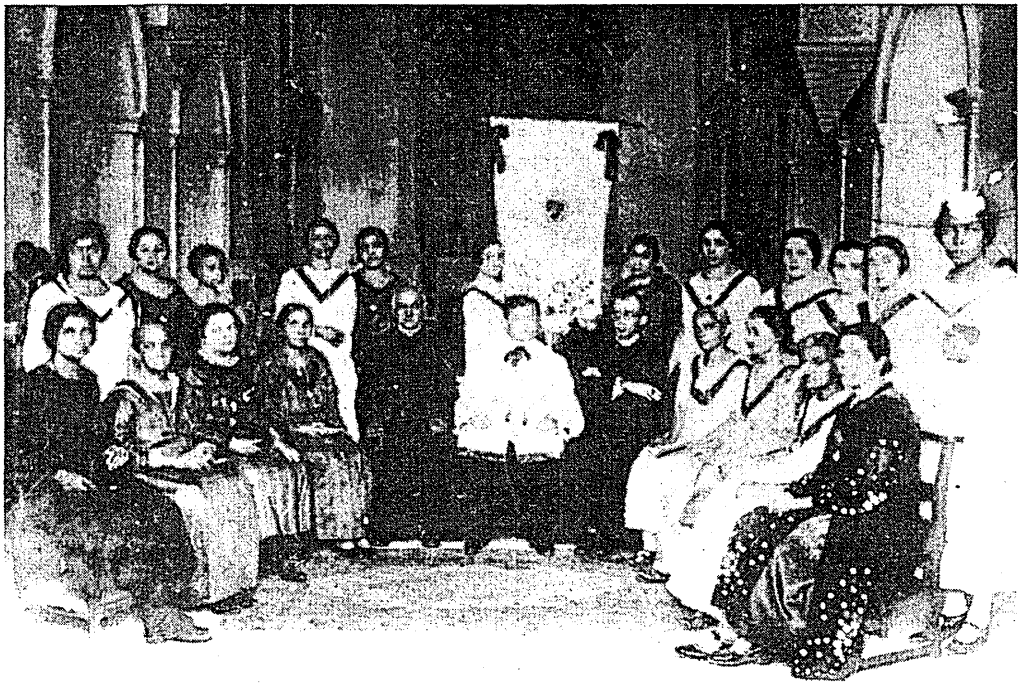
Concluindo, vos damos de coração, a nossa afetuosa benção em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

O presente termo será lido no domingo imediato, à estação da missa paroquial.

Vila de Araruna, 16 de março de 1921

D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques

Pelo que sabemos, D. Adauto não era homem afeito ao elogio fácil, de forma que as palavras elogiosas ao trabalho do Padre Francisco



Apostolado do Sagrado Coração de Jesus. Ao centro: Padre Joel, Padre Bandeira e Cônego João de Deus. Da esquerda para direita, sentadas, entre outras: Noca Caldas, Belinha de Neco Caixeiro, Merandolina Meneses. Sentadas à direita: Cândida Silveira, Sinhazinha Pinheiro, Joana Silveira e Santa Silveira (vestido de bolas). Em pé, a partir da esquerda: 1ª - D. Nanosa, 2ª - Beatriz Crispim. A partir do estandarte: 2ª - Francisca Bezerra e 3ª - Rosarinha Alexandre. Fotografia da década de 30.

Ao centro: Cônego João de Deus, Padre Joel e Padre Bandeira. A partir da esquerda, entre outras: Jaci Silveira, Rosa Meneses, Zeza Medeiros, Isaura Onofre, D. Noca Caldas (de preto), que cantavam no Coral da Igreja.

Bandeira Pequeno são um testemunho eloqüente da ação daquele vigário à frente da administração da Paróquia de Araruna.

A passagem de Padre Bandeira deixou outros marcos indeléveis para a história de nossa freguesia.

Pode-se dizer que foi no seu tempo que se deu a conclusão dos trabalhos de construção da igreja matriz. Três dos quatro altares secundários da igreja foram construídos por ele. Dos quatro, apenas o altar do Bom Jesus, localizado no corredor lateral (lado norte) existia quando da chegada do Padre Bandeira. Em 1920, construiu o de São Sebastião, localizado no outro corredor lateral (lado sul). Nesse ano, o Padre Bandeira adquiriu uma nova imagem de São Sebastião. A que existia era de pequeno porte, em madeira, esculpida, segundo a tradição oral, pelo preto escravo Laurindo, pai de Laurinda e Amália, que cantavam versos e dançavam nas feiras do sábado.

A nova imagem, de maior porte, recebeu bênção para culto público em maio de 1920, conforme está escrito à página 73v, do 2º Livro de Provisões, da Cúria Metropolitana da Paraíba. É dessa época que vem a devoção do povo ararunense a São Sebastião, cuja festa em sua memória é celebrada no dia 20 de janeiro. Festa que, até os anos sessenta, competia, em animação, com aquela dedicada à padroeira, Nossa Senhora da Conceição.

Os outros dois altares estavam localizados na nave central, à esquerda e à direita da entrada do presbitério. Um deles dedicado a São José e o outro à Santa Terezinha, cujas imagens foram adquiridas na sua administração. Quem não se lembra de uma pequena imagem, colocada sobre a mesa de um desses altares, que balançava a cabeça, em agradecimento, toda vez que se depositava uma moeda em suas mãos dispostas em concha?

Os três altares foram construídos pelas mãos habilidosas do ararunense Mestre Dila, de saudosa memória.

Os últimos cinco anos do vicariato do Padre Bandeira foram perturbados por conta do seu envolvimento político. Descendente de família influente em Guarabira, aceitou sua nomeação para assumir as fun-

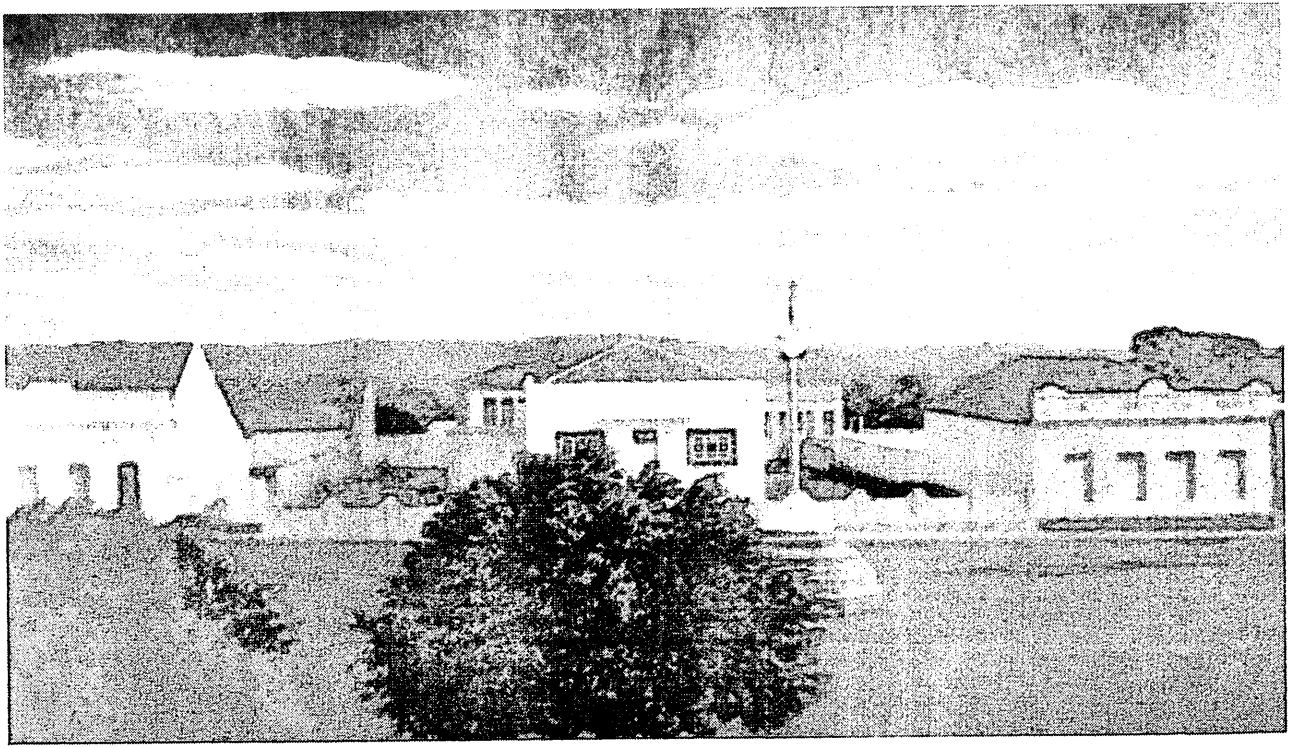
ções de prefeito daquele município, cargo que assumiu a 1° de julho de 1935. Em 3 de agosto do mesmo ano, afastou-se do cargo para disputar as eleições constitucionais de 1935. Eleito em 3 de outubro daquele ano, assumiu a 18 de dezembro, tendo permanecido à frente da Prefeitura até 15 de novembro de 1937, quando renunciou.

Foi difícil administrar, ao mesmo tempo, a Paróquia de Araruna e a Prefeitura de Guarabira. O povo não entendia e satirizava, em versos, essa esdrúxula combinação:

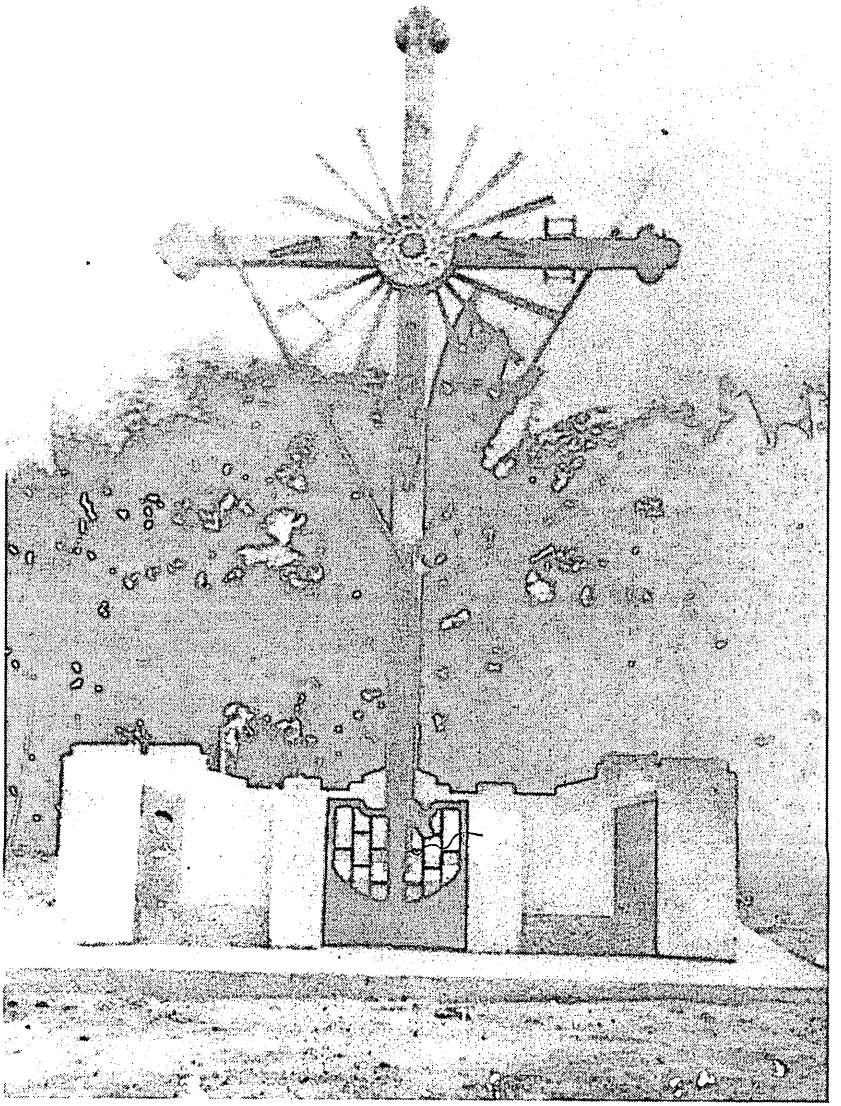
Areia acabou-se,
Bananeiras não tem jeito,
Araruna não tem padre,
Nem Guarabira prefeito.

A volta do Padre Bandeira à paróquia, no final de 1937, coincidiu com a nomeação de Demóstenes Cunha Lima, casado com uma sua sobrinha, para prefeito do município de Araruna, fato que o envolvia, inevitavelmente, na política.

Com as mudanças políticas havidas em 1940, o Padre Bandeira deixou Araruna e se afastou da Paraíba, indo trabalhar numa paróquia do bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, onde permaneceu por alguns anos. De lá, voltou para trabalhar em Caraúbas, Paraíba, onde faleceu a 4 de julho de 1956, aos 69 anos de idade, estando seus restos mortais sepultados na matriz daquela cidade.



Largo da Matriz, atual Praça João Pessoa, com o Cruzeiro ao centro. Fotografia de 1937.



Cruzeiro retirado, em 1938, do Largo da Matriz e levado para o começo da rua, na saida para Tacima e erguido em terreno de propriedade de Jorge do Vale, na imediações da atual Rádio Serrana.

Padre Severino e Padre Epaminondas

O Padre Severino Cavalcanti de Miranda. A trasladação do cruzeiro. A construção da casa paroquial. Anotações biográficas sobre o Padre Epaminondas José de Araújo.

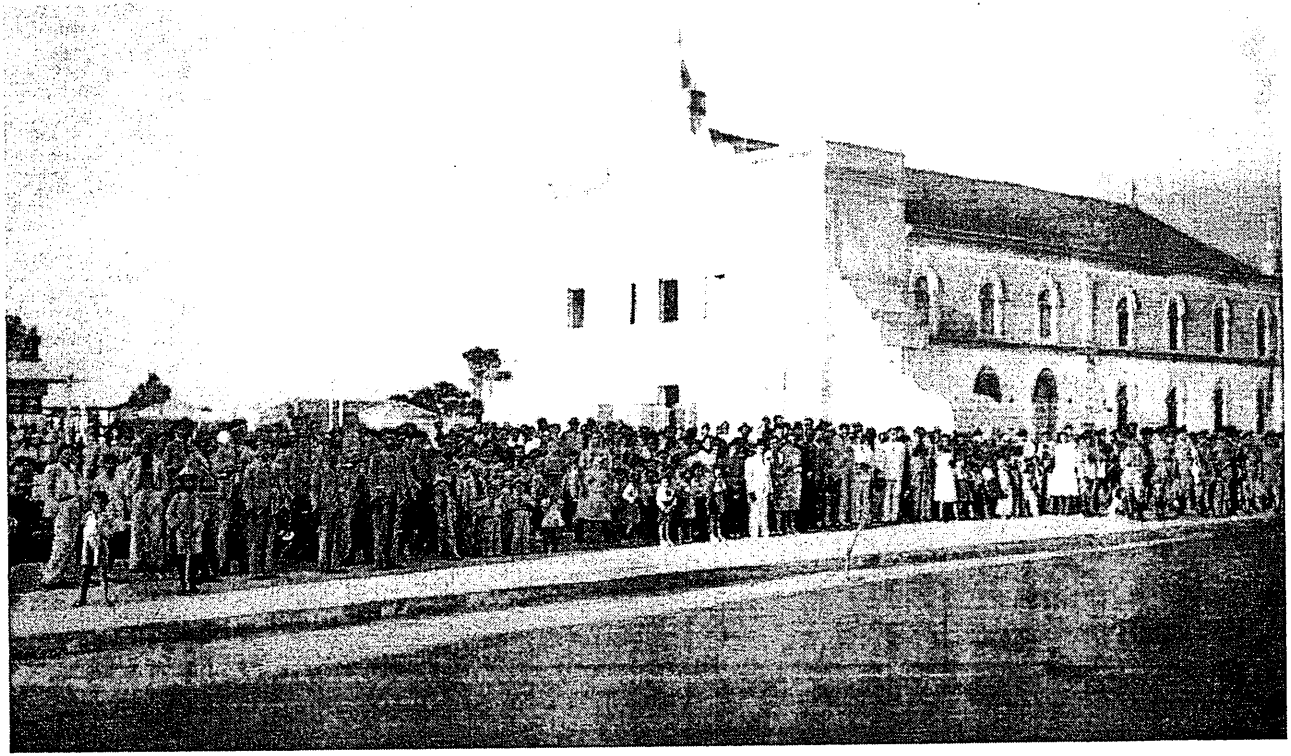
Os padres Severino Cavalcanti de Miranda e Epaminondas José de Araújo correspondem aos vigários do anos de minha infância, em Araruna. Nesse tempo, já eram dois os sinos que me acordavam para a missa das sete, dos domingos. O Padre Severino tinha trazido, para o coro da matriz, o sino da Igrejinha de Santo Antônio, precariamente instalado do lado de fora daquele templo, pendurado em paus fincados bem em frente à atual casa de Lourdes Menezes.

Guardo indelével nos meus ouvidos o tocar alegre desses sinos, anunciando a hora da missa. De todos os cantos da rua, ouviam-se da primeira à última chamada.

Nesse tempo, as batidas dos sinos eram muito freqüentes e eram diferentes para os vários acontecimentos: chamadas para missa, para os terços e novenas, toques de enterros e o toque à hora das ave-marias, quando todos se persignavam.

Distinguiam-se os toques de enterros. Se morria uma criança, ouviam-se repiques; se adulto, ouviam-se plangentes toques de finados.

As missas domingueiras eram muito concorridas. Vinha gente de toda a zona rural. Eu preferia a missa das sete, porque era mais rápida, não tinha sermão. A missa das nove era um grande acontecimento social. Vestia-se a melhor roupa e o culto era mais solene e revestido de grande



Fotografia da Igreja Matriz, no seu estilo original, vendo-se os "gigantes de sustentação", os vãos laterais superiores e inferiores e os pináculos na parte posterior da Igreja. Esta fotografia foi tirada no dia 7 de setembro de 1938.

severidade. Padre Severino, vez por outra, abandonava a liturgia e ia até à porta da igreja repreender alguém que perturbava a solenidade, quase sempre os meninos que vendiam pirulitos.

Vivíamos ainda no tempo da obrigação religiosa. Faltar à missa dominical era pecado mortal. Durante a Quaresma, o jejum e a abstinência eram guardados com rigor e a Semana Santa era tempo de penitência. A 1ª Comunhão, para nós, crianças, tinha um significado muito especial. Aprendíamos em casa mesmo e nas aulas de catecismo muitas rezas: padre-nosso, ave-maria, salve-rainha, credo e o ato de contrição. A devoção era manifestada em muitos atos religiosos: missas, novenas, procissões, terço de maio.

As missas das nove tinham maior pompa e eram acompanhadas de coro, ao som de uma serafina tocada por D. Noca ou D. Mina Carvalho, no tempo de Padre Bandeira, e por D. Veny Torres, na época do Padre Severino e do Padre Epaminondas.

Nessa época, as cerimônias religiosas eram revestidas de maior esplendor litúrgico e eram ministradas com as solenidades possíveis.

Até a chegada do Padre Severino, todos os seus antecessores estiveram, com maior ou menor intensidade, envolvidos na política, ferindo, muitas vezes, as normas diocesanas quanto à ingerência dos párocos nessa atividade.

Durante o seu paroquiato, nunca se ouviu dizer do envolvimento do Padre Severino em questões de política local. O mesmo, pode-se dizer do Padre Epaminondas. Diferentes dos demais, esses dois vigários nunca se afastaram de seus gravíssimos deveres de pastores de alma, pregando a justiça e fazendo caridade como forma de ação social. Era assim como eu os via.

Padre Severino Cavalcanti de Miranda

Filho dos agricultores Joaquim José Pereira de Miranda e Elisa Cavalcanti de Miranda, nasceu no Engenho Buraco, Alagoa Grande, a 21 de abril de 1899.

Sobrinho de D. Adauto de Miranda Henriques, entrou para o Se-

minário da Paraíba no dia 6 de fevereiro de 1912 e ordenou-se a 5 de novembro de 1922, aos 23 anos de idade.

Ao chegar a Araruna, em 1940, era um sacerdote experiente, com largos serviços prestados à Igreja da Paraíba. Sua vida sacerdotal teve início em fevereiro de 1923, quando foi nomeado coadjutor da Freguesia de Mamanguape e capelão em Rio Tinto. No mesmo ano, foi designado vigário de Alagoa Nova. Três anos depois, foi nomeado para vigário de Bananeiras, onde permaneceu até 1929, quando foi nomeado vice-reitor do Seminário Arquidiocesano.

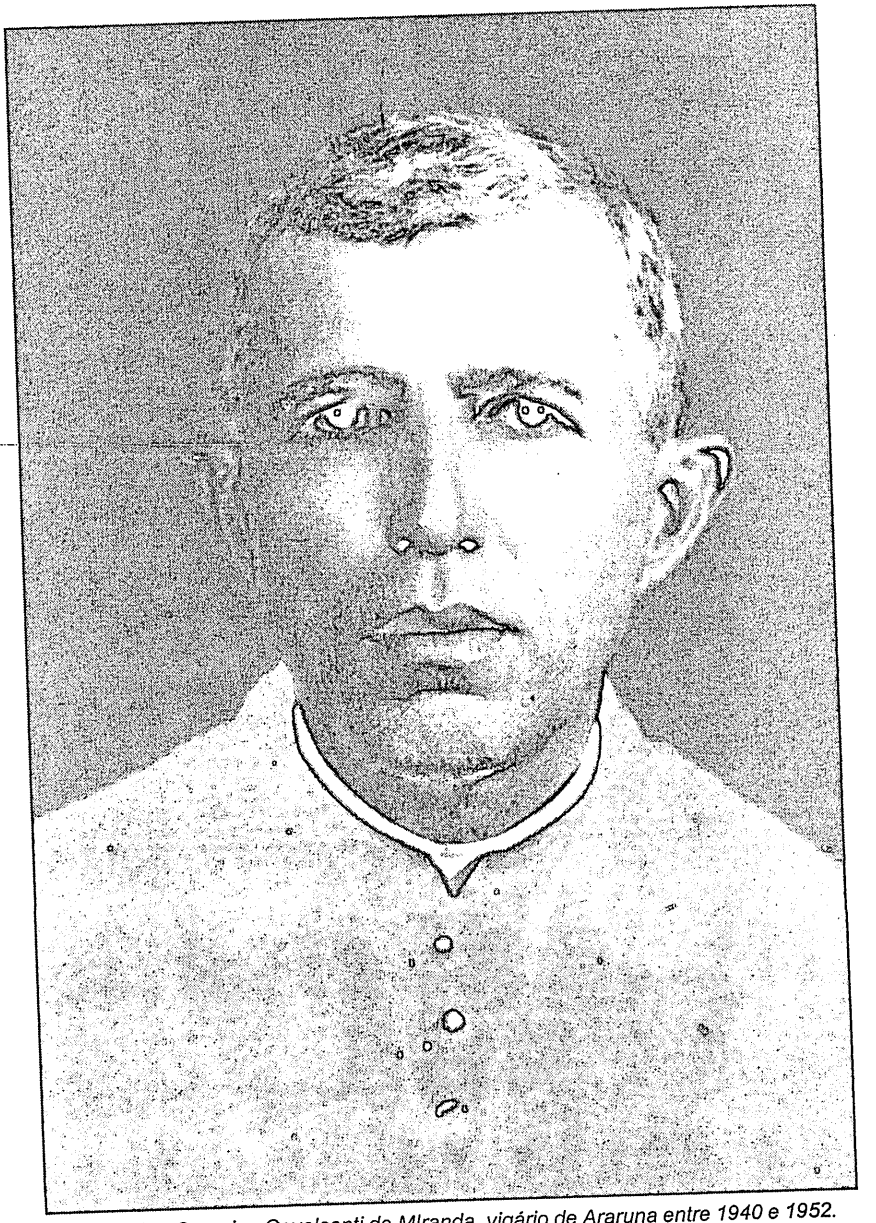
Em 1933, foi nomeado capelão da Escola Normal de Alagoa Grande e, no ano seguinte, vigário daquela freguesia, de onde saiu para tomar posse, como vigário encomendado, na Freguesia de N. S. da Conceição de Araruna, a 18 de agosto de 1940.

Seu paroquiato foi longo, mais de onze anos, e profícuo. Durante todo o tempo que permaneceu em Araruna, sua maior preocupação foi com a instrução religiosa para adultos e crianças. Criou vários centros de catecismo, a que dedicava carinho e atenção especiais, contando com a ajuda de laboriosas catequistas como Veny Torres, Cecy Torres, Ninosa Diniz, Corina Ângelo, Vicência, Iracy Torres.

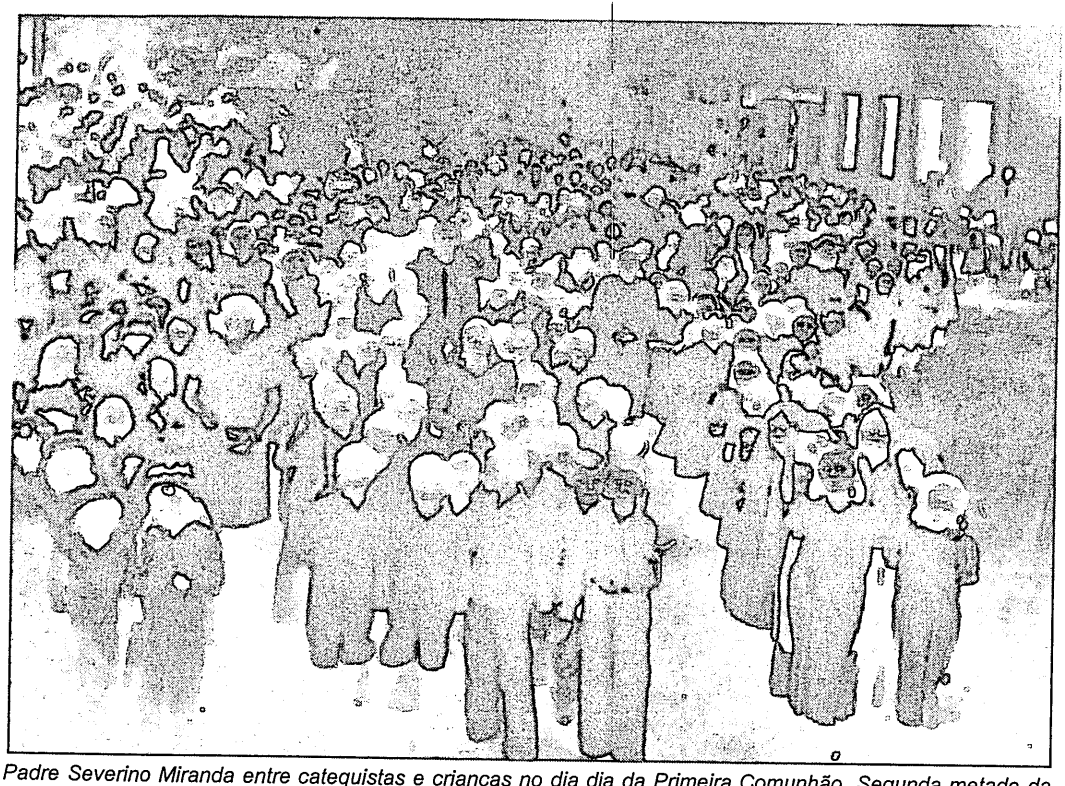
Uma das realizações mais importantes do Padre Severino Cavalcanti de Miranda foi a construção da casa paroquial, de cuja falta muito se ressentia a Freguesia de Araruna.

O terreno para construção da casa paroquial foi adquirido ao Sr. José Antonio Sobral Filho, de quem se tornou grande amigo, e a obra estava concluída em 18 de agosto de 1943, quando o vigário passou a residir, conforme está registrado no Livro de Tombo, exatamente três anos após a sua chegada a Araruna. Em novembro desse mesmo ano, o Padre Severino trouxe, para o lado da igreja, o cruzeiro que havia sido retirado do local primitivo, em frente à matriz, onde foi construída a Praça João Pessoa. O próprio padre faz registro no Livro de Tombo da trasladação do madeiro:

> *Novembro de 1943. No fim das missões, isto é, em vinte e seis do referido mês, uma multidão, de mais de seis mil pessoas, tomou parte em uma procissão de*



Monsenhor Severino Cavalcanti de MIranda, vigário de Araruna entre 1940 e 1952.



Padre Severino Miranda entre catequistas e crianças no dia dia da Primeira Comunhão. Segunda metade da década de 40.

transladamento do santo Cruzeiro que tinha sido, a seis anos atráz, retirado da frente da Matriz e deslocado à margem da estrada de Tacima, fora da cidade. Hoje o santo cruzeiro que deu início a formação deste povo, se acha ao lado direito da Matriz[1].

Lembro-me da velha cruz fincada entre a igreja e a casa paroquial, cercada por um pequeno muro, servindo, o local, para pagamento de promessas e colocação de ex-votos. Nos anos 70, o cruzeiro foi levado para o cemitério público, onde se encontra até hoje.

Padre Severino promoveu muitas missões em Araruna. Em julho de 1941, durante oito dias, houve missões em toda a paróquia, pregadas pelos capuchinhos Frei Damião e Frei Antônio. Era a segunda passagem do Frei Damião por Araruna. Sua primeira visita deu-se a 24 de fevereiro de 1937, durante o vicariato de Padre Bandeira[2].

Em novembro de 1943, as missões ficaram a cargo do Frei Felix Bolte e do Frei Francisco Solano. Também houve missões em 1945. Em novembro de 1947, as missões foram pregadas pelos franciscanos Frei Serafim e Frei Cresólogo, ao fim das quais houve visita pastoral de D. Moisés Coelho, que aproveitou o ensejo para festejar, a 5 de novembro, as bodas de prata sacerdotais do Padre Severino, já elevado à dignidade de cônego do Cabido Metropolitano.

O jubileu de prata do Cônego Severino Miranda foi solenemente celebrado à hora da missa das nove horas. Após a missa, o povo da cidade, representado por todas as classes, tendo à frente as associações religiosas paroquiais, foi até a casa paroquial homenagear o seu vigário, oferecendo-lhe presentes. Falaram, na ocasião, a Srta. Maria da Penha Silva, diretora do Grupo Escolar Targino Pereira, em nome do Apostolado

[1] O cruzeiro foi retirado da frente da matriz, em 1938, para construção da praça, levado para o começo da rua, na saída para Tacima, e erguido em terreno de propriedade de Jorge do Vale, nas vizinhanças da atual Rádio Serrana.
[2] Missões em Araruna com Frei Damião, em 24 de fevereiro de 1937. Anotação no Livro nº 3 de Provisões da Cúria Metropolitana da Paraíba.

da Oração, a Srta. Maria Veny Torres, representando os centros de catecismo, e o Sr. Joaquim Ferreira da Silva, em nome do povo ararunense.

As últimas missões realizadas pelo Cônego Severino foram realizadas em novembro de 1949, quando estiveram em Araruna o Frei Jorge e o Frei Inocêncio, encerrando-se as pregações a 8 de dezembro, com a festa da padroeira. Foi um tempo de muita movimentação religiosa.

Amigo íntimo de meus pais e nosso comensal, Padre Severino era o primeiro a chegar para as rodas noturnas de bate-papo na farmácia de papai. Parece que estou vendo Padre Severino - meu padrinho de crisma - chegando, diariamente, a nossa casa na hora da ceia. Entrava sem se anunciar. Sentava-se ao lado da mesa, tomava um cafezinho, acendia um charuto e se dirigia com papai para o habitual papo com os amigos que iam chegando à farmácia.

A farmácia de meu pai — Severino Cabral de Lucena — é testemunha da generosidade do Padre Severino Miranda. Além de pastor de almas, fazia as vezes de médico, aventurando-se na ciência de Esculápio. Receitava e financiava o remédio para o povo carente, mantendo na farmácia uma conta, cuja soma não se tornava maior, porque papai lhe passava as amostras grátis que recebia dos viajantes.

Os mais carentes o procuravam na certeza de receber o remédio para aliviar suas dores. Muitas vezes, ao atender um enfermo que queria se confessar, via a confissão ser transformada em uma consulta médica, onde os pecados se misturavam às febres, às dores e a outras mazelas que acometiam o doente. A confissão que trazia o conforto espiritual era o pretexto para a assistência que vinha depois na forma de remédio, pago pela generosidade do padre. Papai foi muitas e muitas vezes testemunha e cúmplice dessa generosidade. Uma generosidade que deve ter pesado em favor de ambos na eternidade.

Uma paixão do Padre Severino era a caça. Do sanhaçu, no sítio de meu avô Graciliano, ou do nambu, pelas fazendas da redondeza, até à caça de veado na Fazenda Solidão do seu amigo Dr. Nuno Guedes.

Quem, da Araruna daquela época, não se lembra do Padre Severino, batina arregaçada, todo orgulhoso, trazendo, amarrado à garupa do

Padre Severino com catequistas e crianças do Centro de Catecismo Santa Inês, década de 50.

Centro de Catecismo Santa Inês. Fotografia de 1950.

seu "motor" Harley-Davidson, um veado que ele exibia como troféu pelas ruas da cidade? A gente corria à casa paroquial para ver o animal ser esquartejado e as carnes divididas entre os amigos.

No dia 10 de fevereiro de 1952, o Padre Severino foi substituído na administração da Freguesia de Araruna pelo Padre Epaminondas José de Araújo. Ao entregar a paróquia ao seu sucessor, deixou registrado, de seu próprio punho, no Livro de Tombo, às páginas 58 e 58v, a seguinte mensagem ao povo de Araruna, que serve de registro de sua operosa atuação:

> *Em obediência as determinações do Exmo Revmo Sr. Arcebispo, D. Moisés Coelho, entrego, hoje, dia 10 de fevereiro de 1952, a paróquia de Araruna ao zeloso e santo vigário, Padre Epaminondas de Araujo.*
>
> *Agradeço de coração o acolhimento, respeito e confiança que o bom povo de Araruna me consagrou. Durante o período de mais de onze anos nesta paróquia, a minha maior preocupação era a instrução religiosa aos adultos e às crianças.*
>
> *Em cada dois anos religiosos convidados por mim faziam missões em toda a paróquia.*
>
> *Olhei com muito carinho e dedicação para o catecismo às crianças, fazendo durante o ano festas de primeira comunhão nas fazendas principais da Paróquia. Deixo aqui o meu eterno agradecimento a todas as catequistas que exerceram um papel importantíssimo no meu paroquiato.*
>
> *Dediquei todos os meus atos, quer públicos, quer particulares e usei de todos os recursos de minha inteligência e autoridade, para amparar e elevar o respeito e a moralidade às famílias que muitas vezes foram desrespeitadas por elementos de posição, e errados de nossa sociedade. Os trabalhos materiais no meu paroquiato não foram esquecidos.*

Preparei relativo conforto para o vigário na sede da paróquia e nas capelas, construindo quatro casas paroquiais, uma na sede, outra em Cacimba de Dentro, em Tacima e Boa Vista. Fica quase terminada a futura Matriz de Tacima. A capela de Boa Vista, em forma de cruz, está terminada faltando somente a calçada. Na capela de Riachão fiz uma grande reforma externa gastando quatorze mil cruzeiros. A Matriz foi ornada com um trosseto de metal dourado, um sacrário cofre dourado, uma imagem de N. Senhor Morto em tamanho natural e foram feitos sessenta bancos para conforto dos fiéis durante o culto divino. A paróquia comprou uma amplificadora com motor próprio, e cento e tantos discos variados para distração do povo nas festas. O teto da Matriz ficou garantido com dezesseis amarrações de ferro, trabalho este difícil e dispendioso.

As naves laterais foram amoisacadas, faltando uma parte nos corredores da Capela-Mór que está esperando reforma.

Fica nas mãos de Pedro Targino da Costa Moreira, vulgo Yoyô Moreira, a quantia de dezessete mil oitocentos e cinquenta (Cr$ 17.850,00) cruzeiros para o início da construção de uma igreja em Cacimba de Dentro. O arquivo paroquial foi bem cuidado e o index está feito.

Quase todos os meus haveres adquiridos em Araruna foram aos poucos distribuidos entre os pobres com medicamentos. Todos os ornamentos da Matriz e capelas foram adquiridos no meu paroquiato. Entrego neste momento ao meu sucessor, Pe. Epaminondas de Araújo, um saldo de treze mil quarenta cruzeiros e trinta centavos (13.040,30).

Araruna, 10 de fevereiro de 1952

Monsenhor Severino Cavalcanti

Ao deixar Araruna, o Monsenhor Severino Cavalcanti de Miranda foi dirigir o jornal A IMPRENSA, pertencente à

Arquidiocese, onde o visitei várias vezes depois que fui para o internato, em João Pessoa.

Posteriormente, o Monsenhor Miranda, como passou a ser chamado, foi vigário de Mogeiro e mais tarde de Itabaiana. Na década de 70, foi morar no Lar da Providência, onde faleceu, a 24 de abril de 1977, aos 78 anos de idade.

Padre Epaminondas José de Araújo

Era muito grande a diferença entre o vigário que saía e aquele que entrava, Padre Epaminondas José de Araújo. A sisudez e severidade do Padre Severino contrastavam com a jovialidade e a brandura do novo pároco. No início, o comportamento liberal do Padre Epaminondas pode ter causado uma certa estranheza aos seus paroquianos, mas, logo cedo, todos estavam identificados com o novo vigário. Não fosse o curto período que passou em Araruna, um ano, quatro meses e dezesseis dias, nenhum outro lhe tinha excedido em estima.

Não tinha, ainda, trinta anos quando chegou para dirigir a paróquia. Alegre com os jovens, cordial no tratamento com as pessoas, amante do futebol, o Padre Epaminondas estreitou a distância nas relações de amizade que existiam entre o pároco e seus paroquianos.

Guardo boas lembranças do tempo de Padre Epaminondas, em Araruna. Não esqueço o dia que o vi pela primeira vez, a jogar bola no quintal da casa paroquial com o seminarista ararunense João Batista Carvalho Moura, de saudosa memória. Batinas arregaçadas, lá estavam eles num animado barra-a-barra. Eu e um companheiro — não lembro quem — que assistíamos do muro, fomos convidados para o bate-bola. Foi ele quem nos ensinou, a mim, João Furtado, Tarciso Alves da Rocha, Tonho de Seu Zuquinha e outros, a jogar futebol de botão.

O campo de botão era na sua mesa de refeições, de tampa muito lisa e toda pintada com as demarcações de um campo.

Padre Epaminondas Araújo é uma das minhas grandes admirações. Devo a ele o estímulo de ter vindo para o internato do Professor Nery, aqui na capital. O receio de meus pais de colocar-me num colégio não religioso foi afastado pelo Padre Epaminondas, que tinha sido colega de Nery no Seminário.

Minha primeira viagem de volta do internato para casa, em dezembro de 1952, foi feita em sua companhia, em jipe de sua propriedade. Uma viagem, cuja evocação, ainda hoje, me emociona pela lembrança da alegria de que estava possuído. Era a volta para a casa, aos onze anos de idade, orgulhoso de ter sido aprovado no curso de admissão ao ginásio.

A passagem do Padre Epaminondas por Araruna foi muito breve. Na administração da freguesia, deu continuidade ao trabalho de seu antecessor, estimulando os centros de catecismo. Foi ele quem criou a Cruzada Eucarística.

Sua saída de Araruna foi inesperada. Só se soube na véspera, por isso, nunca entendida e muito lamentada.

Sacerdote de muito boa formação eclesiástica, ingressou no Seminário da Paraíba a 1º de fevereiro de 1935, aos 13 anos de idade, depois de passar pelo Colégio Seráfico, em 1934, sob a orientação do Frei Albino, do Frei Patrício e do Frei Cesar.

No Seminário da Arquidiocese, exerceram grande influência na sua preparação para o sacerdócio os monsenhores José Tibúrcio, Pedro Anísio, Antonio Afonso, Severino Pires e o Padre Carlos Coelho.

Filho de José Epaminondas de Araújo e de D. Lídia Queiróz de Araújo, nasceu na cidade de Caiçara, a 19 de março de 1922, e se ordenou a 12 de agosto de 1945.

O novo sacerdote teve uma carreira brilhante. Foi coadjutor da Freguesia de Guarabira e capelão do Ginásio N.S. da Luz (1945-1946); capelão do Orfanato D. Ulrico e professor do Seminário (1947-1950); vigário de Alagoinha (1951); vigário de Araruna (1952-1953); vigário de Alagoa Grande (1953-1956); vigário da Catedral (1957-1958); diretor do Ginásio Arquidiocesano Pio XII e capelão do Colégio N. S. das Neves (1959-1960).

No dia 14 de dezembro de 1959, foi eleito pelo Papa João XXIII, bispo da recém-criada Diocese de Rui Barbosa, interior da Bahia. Sua sagração se deu na manhã do dia 27 de março de 1960, na Catedral de João Pessoa. Sobre sua eleição, assim se manifestou D. Epaminondas:

> *A partir da minha eleição para o episcopado, comecei a compreender melhor uma palavra de S. Paulo aos coríntios. De fato, sem ser sábio, poderoso, de família prestigiosa e apesar da minha fraqueza e pequenês, Deus me escolheu para confundir a outros. (Cf. 1 Cor. 1, 26-29). Quando Deus revela o Seu querer a nosso respeito, só há uma atitude sensata: aceitar com humildade e amor*[3].

Quando D. Epaminondas chegou a Rui Barbosa, em 1960, a cidade tinha 7.000 habitantes, mas a diocese era grande. Tinha uma área de 48.000 km². Do tamanho dos Estados de Alagoas e Sergipe juntos, com uma população de 500.000 habitantes, dos quais 450.000 católicos, para serem atendidos por apenas 7 padres e 9 monges cistercienses. Era gravíssima a falta de clero naquela diocese[4].

À frente da administração da diocese, D. Epaminondas instalou a Obra das Vocações em quase todas as paróquias, cuidou da catequese, formando muitas catequistas, organizou a Cruzada Eucarística e a Caritas Diocesana, esta visando ajudar os flagelados da grande seca de 1962-1963.

Enfrentando tantas dificuldades, D. Epaminondas teve a saúde comprometida. Com problemas coronarianos, necessitando de maiores cuidados médicos, foi transferido, em 10 de dezembro de 1966, para a nova Diocese de Anápolis, Goiás, uma cidade bem mais adiantada e com boa assistência religiosa, contando com muitos padres franciscanos e capuchinhos.

Em Anápolis, foram 12 anos de atividade episcopal. Em 1978, foi transferido para uma diocese de menor porte, Palmeira dos Índios,

---

[3] Araújo, D. Epaminondas: *In Verbo Tuo - Itinerário de um Bispo*. João Pessoa: Tipografia Chaves Ltda., s/d.
[4] *Idem, ibidem.*

Padre Epaminondas Araújo e catequistas. Da esquerda para a direita: Risalva Câmara, Corina Ângelo, Graça Brito, Iracy Torres, Lindalva Câmara, Cecy Torres, Marluce Ferreira, Cecê Soares e Marli Laureano. Fotografia de 1952.

Grupo de garçonetes da Festa da Padroeira de 1952. Da esquerda para a direita: Marluce Ferreira, Avani Câmara, Terezinha Almeida, Ritinha Lucena, Irema Fonseca, Marli Laureano, Terezinha Laureano, Dalva Macedo e Daura Macedo. Ao fundo, à esquerda, detalhe da parede de sustentação da Igreja Matriz, "gigante", demolido em 1954. Mais ao fundo, casa e sítio de D. Duduia Fialho.

Alagoas, onde permaneceu até 28 de novembro de 1984, quando foi publicado, por motivo de saúde, seu pedido de renúncia ao Santo Padre João Paulo II.

Foram quase vinte e cinco anos de bispado, uma vida de muitos sacrifícios, cuja grande recompensa, que ele atribui como bênção de Deus, foi ter participado do Concílio Vaticano II, em Roma, nos finais dos anos de 1962, 1963, 1964 e 1965.

Hoje, como Bispo Emérito de Palmeira dos Índios-AL, continua na sua função sacerdotal ajudando a Arquidiocese da Paraíba em visitas apostólicas a muitas de nossas paróquias.

D. Epaminondas José de Araújo, nos 25 anos de sua ordenação episcopal, em 27 de março de 1985.

Padre Joaquim de Sousa Simões

Anotações biográficas sobre o Padre Joaquim de Sousa Simões. Sua chegada a Araruna, em 1953. A grande reforma da igreja matriz para a festa do centenário da paróquia. A festa do centenário, a 4 de julho de 1954.

A história do paroquiato do Padre Joaquim de Sousa Simões não poderá ser escrita nos limites de espaço de apenas um capítulo deste livro. Não só por conta de sua longa duração, mas, sobretudo, por sua múltipla e operosa atuação.

Além de sua obra de pastor, exerceu o magistério, criou colégio e fundou hospital, foi advogado e promotor público.

Exercendo, com coragem e abnegação, as mais variadas tarefas, tanto no campo religioso, como na vida civil, foi, em todos os momentos de sua vida, acima de tudo, um homem político na sua ação, o que lhe custou momentos de muitas dificuldades e atribulações ao longo de sua passagem por Araruna.

Afeito aos desafios, destemido e intransigente, chegou a ser polêmico, em várias oportunidades, o que não desmerece sua ação, no conjunto.

Os quarenta e seis anos do duradouro paroquiato deram ao Padre Joaquim de Sousa Simões oportunidade para que ele revelasse as qualidades morais de que era portador. Destacou-se pela inexcedível capacidade de trabalho, pelo zelo e pela assiduidade junto a sua paróquia, exer-

cendo um sacerdócio fecundo, consagrado a sua fé, e alicerçado na intransigente fidelidade à Igreja Católica.

Considerados os fatos e as circunstâncias, os erros e os acertos, Padre Joaquim figura, sem nenhum favor, entre as personalidades mais atuantes da história de Araruna neste século.

Enfoquemos, agora, alguns aspectos da biografia do Padre Joaquim, correspondente ao tempo anterior a sua chegada a Araruna, para, em seguida, fixarmo-nos no período do seu paroquiato, que se prolongou de 1953 a 1999.

Os dados aqui relatados foram extraídos de um longo depoimento que ele nos fez alguns anos atrás, gravado em fitas que estão em nosso poder.

Sua existência começou no Engenho Central São João, no município de Santa Rita, Paraíba, no distante 20 de abril de 1908.

Segundo suas próprias palavras, *uma vida nascida e vivida na pobreza.*

Era o sexto filho, de um total de sete, do casal de agricultores José Francisco de Sousa Simões e Filomena de Sousa Simões. Eram seus irmãos: João, Antônio, Severino, Heleno, Luzia, o caçula Severino Júnior (Vino) e a irmã adotiva Maria Freire Simões, prima legítima.

Muito cedo ainda, foi morar com toda a família na terra dos avós, Alagoinha, onde passou toda a infância, dividindo o tempo entre a agricultura e a escola da professora Quina Moura, com quem aprendeu as primeiras letras.

São suas estas palavras:

> *Fui à escola na 2ª infância. Eu, Luzia e Vino fomos os únicos na escola. Meu pai foi trabalhar no Amazonas e por lá viveu durante dez anos, mas, graças a Deus, voltou ao nosso convívio após esse longo período.*
>
> E ainda:
>
> *Fui agricultor por minha conta até os 15 anos de idade.*

Padre Joaquim narra, em seu depoimento, que sempre desejou ser

padre e se refere como fato de grande influência na sua vocação a realização das "santas missões" em Alagoinha, durante o ano de 1923, quando a *visão daqueles seminaristas reunidos me atraiu.*

Naquela ocasião, sua família entendeu que seria mais conveniente enviar o irmão Heleno para o seminário.

Acontece que o plano de Deus era outro. Em 1925, Heleno foi acometido de grave doença e teve de abandonar o seminário.

Era a vez de Joaquim.

Já rapaz, aos 17 anos, ingressou no Seminário da Paraíba, cuja pensão era paga, uma parte pelo irmão Heleno, e outra, pela irmã Luzia, que enviava quase todo o seu ordenado de professora primária.

Não foi fácil sua adaptação ao internato, os colegas a lhe lembrar constantemente a doença do irmão.

— E se você pegar a doença de Heleno?

A resposta era de quem tinha convicção:

— Vem outro irmão.

— E se esse adoecer também?

— Vem mais outro.

— E se acontecer com o outro?

— Vem outro, e quando não tiver mais irmão, vem meu pai.

Nunca mais os seminaristas falaram em doença!

No seminário, tudo era diferente do seu mundo em Alagoinha. A disciplina espartana, o banho frio das 5 horas da manhã, as horas de meditação, a missa diária, as bancas de estudo, as orações...

Nada disso, entretanto, foi empecilho para sua aprendizagem. Seus pendores inatos para as letras superaram todos os obstáculos. Em dois anos, concluíu o primário. Em seguida, fez o secundário e ingressou no superior.

Desse tempo, fazia referências elogiosas a vários professores: Padre Severino Miranda, Padre Pires, Monsenhor Odilon Coutinho, Monsenhor Pedro Anísio.

Ao falarmos sobre os períodos de férias, referi-me ao problema

do sexo, perguntando-lhe se não tinha sofrido tentações e assédios de alguma de suas conhecidas em Alagoinha.

Parece que estou ouvindo sua gargalhada ao me dar a resposta: *não, meu filho, eu era muito feio para isso.*

Aí, rimos juntos. Não concordei com a resposta, dizendo-lhe que esse fato não justificava, afinal ele não era nenhum mutilado, capaz de provocar tanta rejeição. Concordamos e veio uma segunda explicação:

> *Eu tinha convicção, sabia o que queria. Nunca tive problemas vocacionais.*

E falou de outros tipos de dificuldades:

> *Pior era no seminário. Os mestres faziam pressão, queriam saber o quanto a gente podia se dar à Igreja. Havia muita provação. Hoje não, tudo é mais liberal. Havia um mestre que gostava de me humilhar. Seu nome era Padre Artur Costa. Ele me deixou cicatrizes e me faz lembrar uns versos do poeta Guerra Junqueiro que dizia mais ou menos assim, não me lembro bem:*
>
> *"As almas infantis são brandas como a neve,*
> *São pérolas de leite, virginais,*
> *O que ali se grava não se apaga mais."*

E continuava no seu depoimento:

Nenhuma dessas dificuldades se compara à saudade de casa nos primeiros tempos de seminário. A saudade doía muito. Certa tarde, eu deixei os colegas e me debrucei numa balaustrada de uma escada, sozinho, virado para as bandas de Alagoinha, aquele sol poente, dourado. Foi um choque danado, me abalou um pouco. Mas as peladas de futebol, a música e o próprio tempo se encarregaram de cuidar dessas saudades.

Padre Joaquim de Sousa Simões. Fotografia de sua ordenação, em 17 de novembro de 1935.

Padre Joaquim de Sousa Simões e sua genitora, D. Filomena de Sousa Simões.

No seminário, tocava órgão e o fazia com maestria, o que lhe valeu a cátedra de música, anos depois.

Durante as férias, explorando os dotes herdados da família Simões, tocava sanfona e clarinete.

Ordenado em novembro de 1935, aos 27 anos de idade, foi exercer a função de professor de música e vice-diretor do Colégio Diocesano, cargos que ocupou nos anos de 1936 e 1937.

Em maio de 1938, recebeu a difícil missão de substituir, na Paróquia de Ingá e Serra Redonda, o Padre Epitácio, que passava por graves dificuldades naquela freguesia. Permaneceu por lá durante dez anos, quando, a pedido de D. Moisés Coelho, veio trabalhar no jornal A Imprensa, da diocese, como responsável pelo setor financeiro.

Seu trabalho com as tômbolas, em favor de A Imprensa, já era conhecido, por isso o convite para o cargo. Não era missão fácil manter um jornal diário, independente, daí suas exaustivas jornadas pela Paraíba e pelos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte, colhendo assinaturas.

Permaneceu no cargo até 1953, quando o jornal fechou as portas após uma grave crise política com o Governo do Estado.

Antes de sua designação para dirigir a Paróquia de Araruna, trabalhou para as Vocações Sacerdotais, uma ação da diocese em favor de seminaristas pobres. Esteve, também, no Rio de Janeiro, em trabalho desenvolvido pelo Padre Fragoso, junto ao Círculo Operário.

A chegada de Padre Joaquim e a reforma da igreja

A chegada do Padre Joaquim de Sousa Simões a Araruna se deu a 27 de junho de 1953. Na noite de sua chegada, recebeu a visita coletiva das zeladoras do Apostolado da Oração, da Cruzada Eucarística e das catequistas da paróquia. Nessa ocasião, três pessoas fizeram discursos

de boas vindas: a pequena Marliete Targino da Silva, pela Cruzada Eucarística; a zeladora D. Maria de Lourdes Soares, pelo Apostolado da Oração, e o seminarista João Batista Carvalho Moura, em nome do povo.

No dia seguinte, às nove horas da manhã, durante a missa dominical, assumiu o governo espiritual da Paróquia de Araruna, perante grande multidão.

Ao exarar a ata de sua posse, assinada pelas testemunhas Joaquim Ferreira da Silva e Severino Cabral de Lucena, o Padre Joaquim anotou:

> *Ainda se viam nos paroquianos os semblantes carregados de sentimento de pezar pelo afastamento dos reverendos Monsenhor Severino Miranda e Padre Epaminondas*[1].

Ao assumir a Freguesia de Araruna, tinha dois desafios pela frente. O primeiro era substituir o Padre Epaminondas, um diplomata, um liberal extremamente cordial no relacionamento com seu povo. O segundo, promover a grande festa do centenário da paróquia.

No primeiro contato com os seus paroquianos, mostrou a força que tinha. Em plena igreja, puxou a sanfona, tocou e cantou com o povo. Estava vencido o primeiro desafio.

A festa do centenário se daria um ano depois, a 4 de julho de 1954. Ele teria tempo de sobra para organizá-la, não fosse a idéia estapafúrdia que lhe ocorreu. Idéia a que obstinadamente se entregou: a reforma da igreja matriz.

Seria uma reforma de grandes proporções, alterando tanto a parte externa quanto toda a estrutura interna, o que modificaria completamente a feição original do templo.

O ousado plano do novo vigário causou um certo clima de perplexidade, mas ninguém poderia acreditar que, num espaço de tempo tão curto e sem recurso algum, aquele gigantesco trabalho pudesse ser feito.

---

[1] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, em 28 de junho de 1953, pp. 61 e 61v.

Embora todos achassem temerária a idéia de mexer na estrutura original, as pessoas aceitaram as ponderações do Padre Joaquim. Ele argumentava que a capela-mor era quase completamente fechada, de ambos os lados, e muito mais estreita que a nave central. As grossas e gigantescas arcadas que separavam a nave central dos corredores laterais impediam que as pessoas ali acomodadas divisassem o altar-mor, para o acompanhamento das cerimônias.

Em que pesem as boas intenções do pároco, a reforma da igreja, vista à distância de quase meio século, nos parece injustificável.

Infelizmente, naquela época, em Araruna, não havia consciência de preservação do patrimônio público. Pouca gente ousou questionar a obra do vigário.

Justiça seja feita, apenas Benedito de Oliveira Fialho rebelou-se contra o que ele chamou de vandalismo do Padre Joaquim.

Temos lembrança de que Benedito Fialho tentou fazer um movimento contrário à intenção do padre. Depois de uma longa conversa com papai e com Zezeca (José de Almeida Bezerra), na farmácia, saíram, os três, para tentar dissuadir Padre Joaquim do seu propósito.

Mas foi em vão. Prevaleceu o argumento do padre, que estava obstinado em tocar para frente o seu mal-inspirado projeto, para indignação de Benedito Fialho.

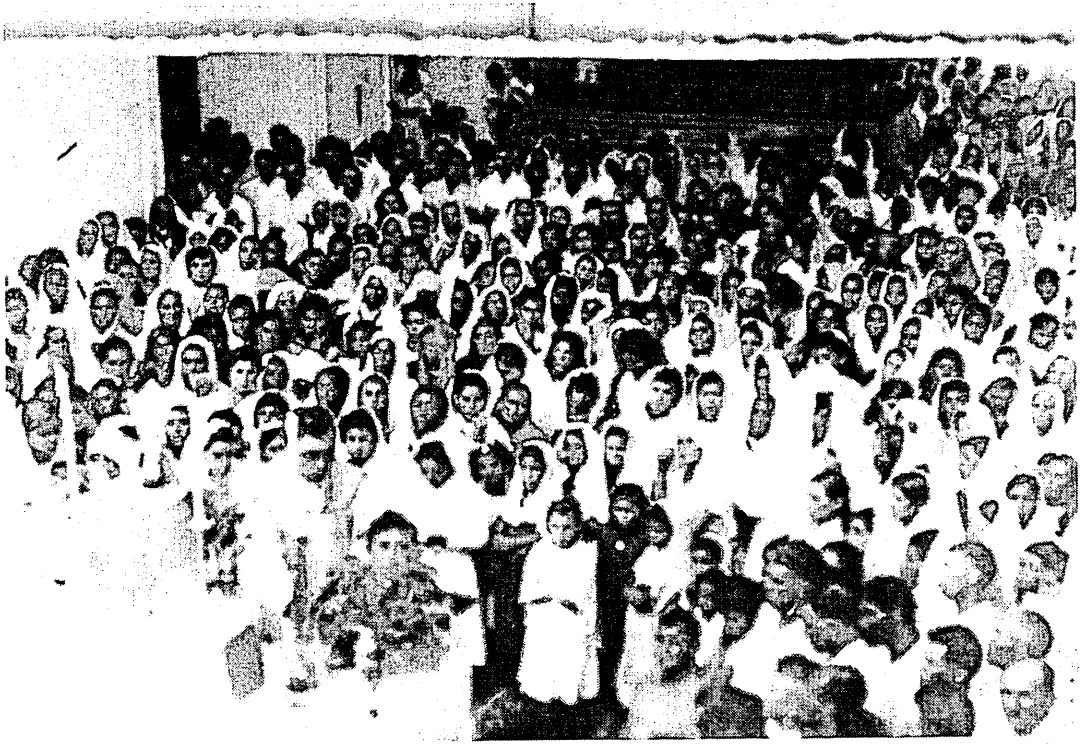
Depois de alguns meses de entendimento com a arquidiocese, os serviços foram iniciados com a ajuda de toda a população.

Aos 21 de janeiro de 1954, por ordem e aprovação do Arcebispo D. Moisés Coelho, iniciou-se o grande trabalho de reforma interna da matriz[2].

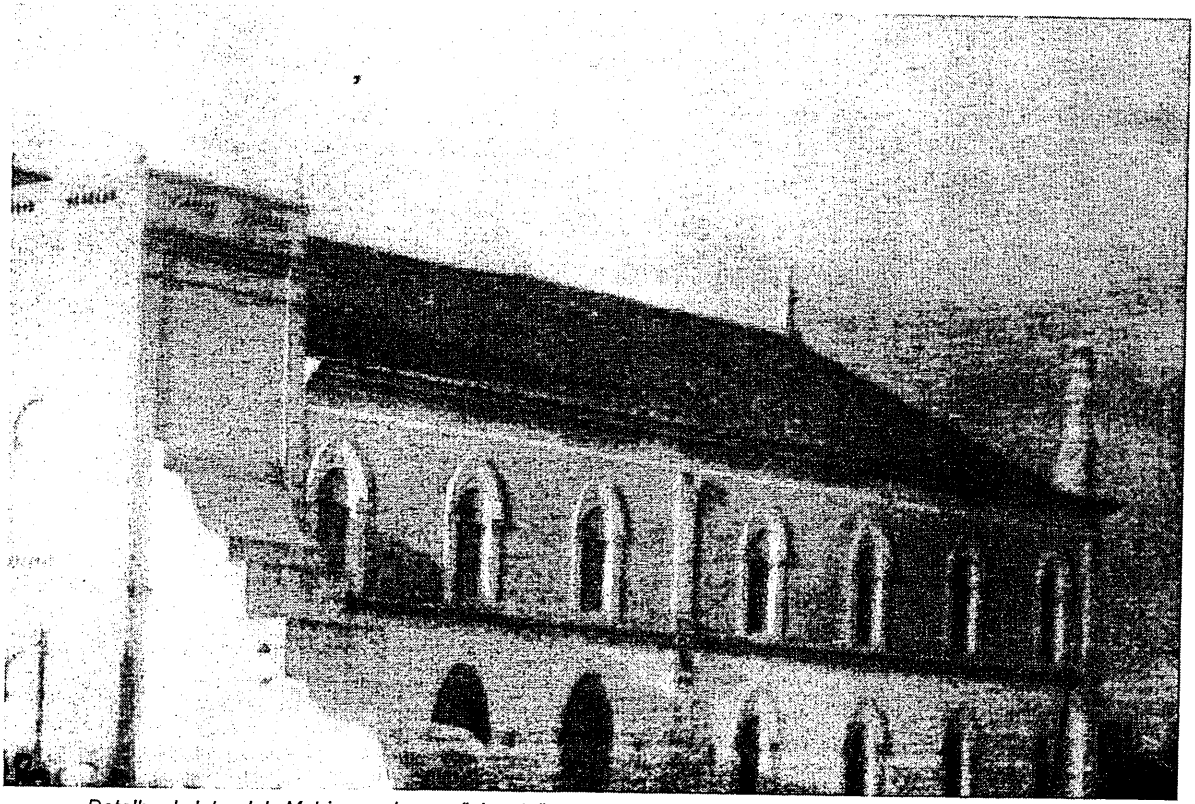
Nessa intervenção foram destruídos o altar-mor, dois altares laterais, o do Bom Jesus e o de São Sebastião; e os dois altares que ficavam na nave central, à entrada da capela-mor, o de São José e o de Santa Terezinha, que estreitavam muito a referida entrada.

Foram também destruídos os grandes arcos laterais, substituídos

[2] Anotação no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, p. 61v.



Missa na Igreja Matriz, em altar improvisado, antes do início das demolições, celebrada em 1953 pelo Padre Joaquim Simões. Nota-se o uso de véus pelas mulheres, um costume da época. À esquerda, as grossas paredes que separavam a nave central dos corredores laterais. Os bancos estão amontoados ao fundo.



Detalhe da lateral da Matriz, vendo-se o "gigante", os vãos supeiroes e inferiores e os pináculos posteriores.

por duas fileiras de colunas na nave central, com a conseqüente demolição dos pavimentos superiores das galerias. Foi removido o púlpito de cedro e demolidos os contrafortes laterais, chamados "gigantes", que compunham a fachada.

O formoso e artístico altar-mor, em alvenaria, que se assemelhava ao altar-mor da atual Basílica de Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, foi substituído por um altar litúrgico, em mármore, o que significava a introdução de elemento de uma tipologia que nada tinha a ver com a arquitetura original.

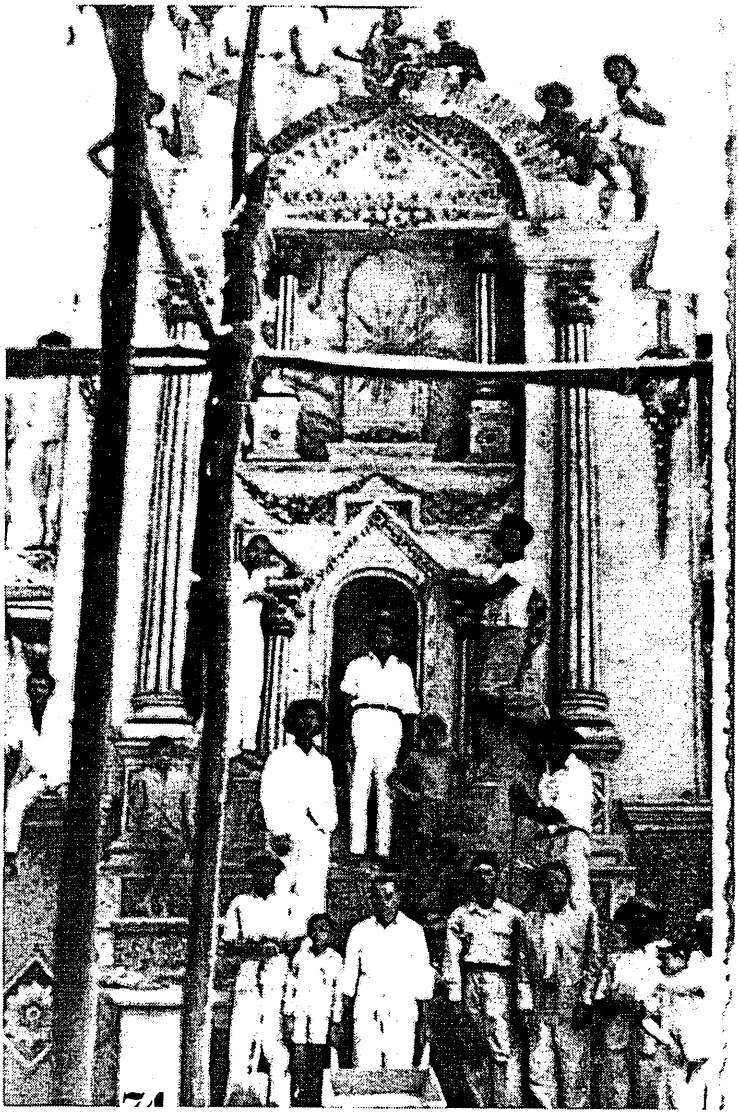
Da estrutura original ainda se conservaram o coro e a escada de acesso; a fachada principal com o frontispício; a arquitetura lateral com cimalha, vãos superiores e inferiores e as pilastras com os ornamentos.

Cinco meses depois, estava concluída a grande reforma nas estruturas da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, para a festa do centenário da Freguesia de Araruna, que se realizaria a 4 de julho de 1954. Ficavam faltando, para as festividades daquele dia, a construção do altar litúrgico, em mármore, que só foi inaugurado cinco anos depois, e a construção de uma sacristia, construção essa que também fazia parte dos planos do vigário.

Durante muito tempo, um altar improvisado foi utilizado para as cerimônias religiosas.

Embora nunca tenha aceitado a idéia pouco feliz do Padre Joaquim, tenho de reconhecer que aquela obra, realizada com sacrifícios e imensos obstáculos, só podia ter sido feita por um homem do seu espírito e de sua coragem. Contrariando a vontade de poucos, vencendo o indiferentismo de alguns e o ceticismo de muitos, Padre Joaquim deu provas sobejas de quanto era empreendedor e do quanto podia realizar pela sua nova paróquia.

Certa ou errada, a reforma da matriz se tornou uma das suas maiores realizações e mostrou que o novo vigário tinha chegado a Araruna para ficar. Sua determinação e dinamismo eram um exemplo para os que não acreditavam no poder da iniciativa pessoal.



Rara fotografia do altar-mor da Igreja Matriz, demolido em 1954. Na foto, entre outros, Benedito Correia no nicho central; Chico Cosme, abaixo, à direita, de paletó; mais acima, à direita, Henrique Pereira da Costa, com ferramenta à mão; ao lado esquerdo José Rodrigues; ao alto, Padre Joaquim.

A FESTA DO CENTENÁRIO A 4 DE JULHO DE 1954

Lembro-me ainda, com muita clareza, do dia 4 de julho de 1954, quando se comemorou o primeiro centenário da criação da Freguesia de Araruna.

Eu tinha pouco mais de 12 anos de idade e recordo que, apesar do frio intenso, fiquei acordado até a meia-noite para ouvir o repicar dos sinos anunciando a grande efeméride. Naquele instante, fez-se ouvir uma salva de 21 tiros, seguidos da execução do Hino do Centenário cantado por todos os fiéis, que enchiam a igreja e se aglomeravam na praça em frente.

Os detalhes do que aconteceu naquele dia, fui encontrar no jornal O NORTE, edição de 16 de julho de 1954, em notas do correspondente, em Araruna, Agripino Guedes, funcionário público naquela cidade.

Vejamos o que nos deixou como legado, de grande importância para a história de Araruna, o funcionário do IBGE e professor de uma escola particular, Agripino Guedes:

> *Sobre o centenário da paróquia de Araruna, a 4 de julho de 1954.*
>
> *O povo católico de Araruna numa demonstração de fé, de reconhecimento e de gratidão à sua excelsa padroeira N.S. da Conceição comemora efusivamente e com grandes festejos, o primeiro centenário de sua freguesia. O Cônego Joaquim Simões pároco de Araruna, com o fim de melhor abrilhantar a grande comemoração, convidou os padres João Félix de Medeiros, diretor da Congregação Mariana de João Pessoa; José Fidélis, coadjutor da paróquia de Bananeiras; Frei Timóteo, do Convento de Lagoa Seca e mais doze seminaristas, os quais chegaram logo no dia primeiro de julho e muito contribuíram para melhor organização dos festejos. O côro foi abrilhantado por uma orquestra sacra, sob a regência do maestro Rino Visani, composta dos seguintes elementos: tenente João Eduardo, sargentos José*

Nóbrega, João Rodrigues, Joaquim Nascimento, José Raimundo Gomes e mais os civis Francisco Martiniano e Pedro Navarro. No sábado, dia 3, até às 24 horas, houve grande número de confissões, especialmente por parte dos homens, estimando-se o número total em dois mil e quinhentos.

A zero hora do dia 4 repicaram todos os sinos das capelas, os quais se encontravam na Matriz. Fez-se ouvir uma salva de vinte e um tiros e depois a banda de música de Sapé, gentilmente oferecida pelo Dr. José Targino, executou o hino do centenário que foi cantado por todos os fiéis que se achavam presentes. Após essas cerimônias foi celebrada uma missa pelo padre João Felix de Medeiros, o qual, em brilhante improviso falou aos católicos acerca da grande efeméride que se estava comemorando.

Às oito horas da manhã do dia do centenário uma grande massa de fiéis, localizada à avenida Epitácio Pessoa esperava a chegada das imagens das capelas distritais que deveriam fazer uma reverente visita à Santa Padroeira. Às 9 horas, quando todas as imagens já se encontravam reunidas, foram conduzidas num cortejo em que tomaram parte mais de trezentas crianças componentes da Cruzada Eucarística e todas as associações religiosas do município e em seguida, sob os aplausos do povo, entraram na Igreja na seguinte ordem, onde permaneceram durante todo o dia do centenário: N. S. da Conceição, do povoado do Riachão; Senhora Santana de Tacima; Santo Antônio, de Cacimba de Dentro, e N. S. dos Remédios, de Boa Vista. Após essa solenidade foi pelo cônego Joaquim Simões, dada a bênção a uma imagem de N. S. de Fátima, generosamente oferecida à Matriz de Araruna pelo casal Mendes Ribeiro, sendo que o insigne ofertante ainda se dignou comparecer ao sublime ato religioso, quando um dos seus netos colocou nas mãos da Santa Imagem de Fátima um rosário de ouro. Nesse momento, o pároco, como-

vido agradeceu pelo povo de Araruna a louvável ação do casal Mendes Ribeiro, falando ainda sobre o grande significado da data que estava se comemorando.

A cena foi por demais comovente e muitos fiéis, sob a emoção do momento choravam de alegria.

Às 10 horas foi celebrada missa pelo vigário da paróquia auxiliado por Frei Timóteo e pelo padre João Félix de Medeiros.

Cerca das 15 horas, sob a presidência do padre João Félix realizou-se uma reunião na capela-mór que resultou na criação da Congregação Mariana nesta localidade.

Às 16.30 horas, com a presença de mais de sete mil pessoas foi o Santíssimo conduzido em procissão pelas principais ruas da cidade.

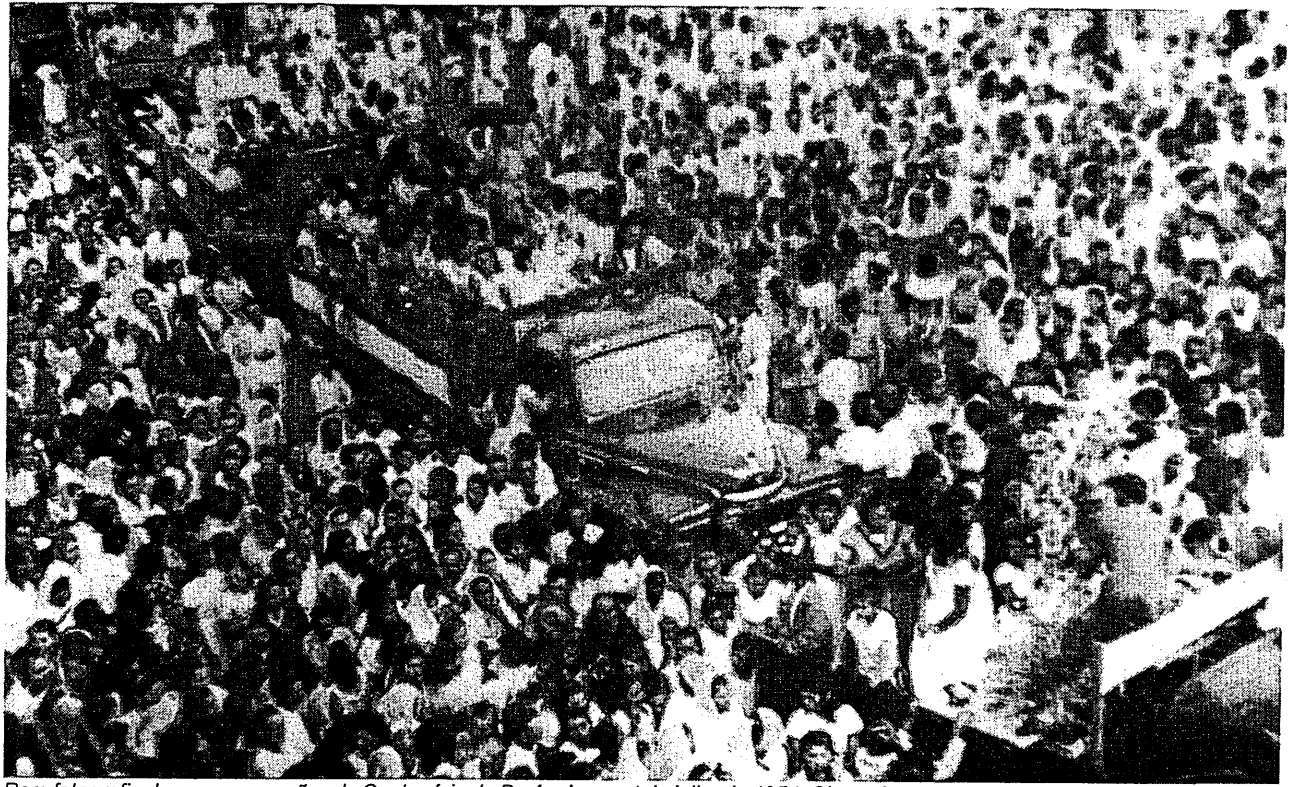
Após a chegada do Santíssimo à Igreja, usou da palavra o Dr. Celso Novais, prefeito do município, e por fim o Cônego Joaquim.

Às 20 horas com "Te Deum" e bênção do Santíssimo Sacramento foram encerradas todas as solenidades.

O Cônego Joaquim aproveitando o grande número de católicos presentes fez a leitura de vários telegramas recebidos, dentre os quais, podemos citar: do Vaticano; de D. Moisés Coelho, arcebispo da Paraíba; do Cônego Bandeira; dos padres Epaminondas José de Araújo e Antonio Lisboa.

O Cônego Joaquim determinou que a banda de música de Sapé desse uma retreta até às vinte e quatro horas na praça João Pessoa onde a multidão se encontrava aglomerada. A festa, que em número de pessoas foi a maior que já se realizou em Araruna revestiu-se de caráter exclusivamente religioso, não houve incidente de espécie alguma e tudo terminou em paz[3].

[3] *Araruna (Notas do correspondente Agripino Guedes).* Jornal O NORTE, de 16 de julho de 1954.



Rara fotografia das comemorações do Centenário da Paróquia, em 4 de julho de 1954. Chegada, em caminhões, das imagens das padroeiras das várias capelas filiais da paróquia.

Procissão no dia do Centenário da Paróquia, em 4 de julho de 1954. Padre Joaquim de Sousa Simões à frente.

Daquela festa, guardo, entre os meus papéis, dois valiosos documentos que transcrevo na íntegra. O primeiro é a letra do Hino do Centenário da Paróquia, de autoria do professor José Ramos. A música é de autoria do Padre Jaime Diniz. O outro documento é o discurso do Dr. Celso Novais de Araújo, prefeito municipal.

Hino do Centenário da Paróquia de Araruna:

Uma só é a mensagem vibrante
Que dos vales à serra se ergueu
A Paróquia cem anos festeja
Celebremos o seu jubileu!...

Virgem Santa, Gentil Padroeira
Araruna desperta com afã
E por Vós a Jesus oferece *(Estribilho)*
Este século de vida cristã

A Paróquia a unidade retrata
Que da Igreja é missão conservar
Unidade que nunca evanesce
Porque nasce e culmina no altar

Centenário que fala ao presente
De um passado que Deus construiu
Nos anima a enfrentar o futuro
Para glória de Deus no Brasil

Virgem pura num gesto amoroso
Desprendei vossas mãos virginais
E mandai lá dos céus vossas bênçãos
Como infindos eflúvios de paz

Dai-nos fé, viva fé, que nos faça
O reinado de Deus espargir
Na Família, na Pátria, nas almas
Para a idade que em breve há de vir!...

Discurso do prefeito, Dr. Celso Novais[4]:

Ex^mas^ e Rev^mas^ Autoridades Eclesiásticas.
Ararunenses:

Motivo de inusitado orgulho para o vosso Prefeito, esta oportunidade excepcional de transmitir, nesta festa de Centenário, os sentimentos da mais fervorosa convicção cristã do povo de Araruna.

Traduzir é externar a expressão mais legítima de cívica brasilidade que comove, neste instante, a alma e o coração da nossa gente. Um entusiasmo consentâneo faz vibrar com maior intensidade os arpejos sonoros de nossas almas redimidas pelo sopro benfasejo e tutelar de sua própria consagração. Consagração pela conquista de cem anos de fé. Consagração pelos desígnios mais puros que o gênero humano poude conceber, significando a vitória suprema dos ideais católicos que adejam o espírito contemplativo e sereno do povo ararunense.

A fatalidade convencional apregoa bem alto que o destino da humanidade está escrito no signo das estrelas constelares. E em torno dessa concepção puramente materialista se proclamou o princípio errôneo e vulgar da origem científica do fatalismo. Mas, felizmente, este pensamento liberticida que congrega as legiões minoritárias dos transviados espirituais, se cerceia ante as verdades

[4] ARAÚJO, Celso Novais de: *Centenário da Paróquia de Araruna - Discurso pronunciado no dia do centenário, pelo Sr. Prefeito Municipal, Dr. Celso Novais de Araújo.* s/e, s/d.

dogmáticas e eternas editadas pelo Santo Concílio, e divulgadas com veneração e respeito pelos Doutores e Santos da Igreja.

Foram os Santos que se tornaram santos pelo exemplo infalível de devotamento à fé que abraçaram. Foram os Santos que se tornaram santos pelo sacrifício da própria vida, em favor da edificação do esplêndido império da cristandade. Foram os Santos que se tornaram santos porque escreveram uma epopéia gloriosa de sangue e angustiosas vicissitudes, somente para preservar e enaltecer o objetivo divino e supremo a que estavam predestinados. E os doutores da Igreja arrancaram dessa paisagem épica a essência fulgurante de suas verdades eternas. Verdades que se transmudaram, através dos tempos e das idades, no glorioso patrimônio do cristianismo. Foi por isto, araruenses, que Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino, esse binômio sagrado que a Igreja instituiu em seu próprio louvor, enfeixaram pela força da inteligência e da coragem os alicerces fundamentais da causa vitoriosa da consciência dogmática e cristã.

Nós, as testemunhas do centenário de nossa Paróquia, que tivemos a ventura e a graça especial de atravessar e presenciar com ela esta efeméride, sentimo-nos tocados pela chama do mais vivo arrebatamento, pelo envolvente esteio da mais comovida sensibilidade, por quem atingiu cem anos de triunfal existência e estar mais forte e firme do que nunca, para arrostar novamente com as asperezas temerárias dos caminhos que conduzirão à glorificação posterior de um novo centenário.

Oh! Virgem Puríssima da Conceição:

Nesta época de tão dolorosos padecimentos morais. Nesta fase de nossa existência em que precisamos de forças para vencer o cansaço das mais duras resis-

tências. Neste transe da humanidade, tão horrivelmente mutilada pela mais cruel provação, tão horrivelmente supliciada pelo desastre dos desvios e desajustamentos. voltamos os olhos e o pensamento para Vós, nossa Santa e Virgem Padroeira na esperança reconfortante de ver derramada sobre as nossas cabeças, o amparo merífico da vossa piedosíssima bênção.

Oh! Virgem Sereníssima da Conceição:

Os dias tormentosos que enfrentamos nos conduz à vossa augusta presença pela veneração e pelo temor, pela confiança inabalável que depositamos na vossa condição dulcíssima de madrinha e de mãe. Aqui estão os vossos filhos, pobres e humildes pecadores, para quem o pecado não é mais do que uma forma de auto-reconhecimento do próprio erro, para quem o pecado não é mais do que uma tentativa frustrada de recuperação interior, na complexidade desse sistema de preparação íntima, para receber com o mais sincero arrependimento a graça sublime do divino perdão.

Venho pois, oh! Virgem Santa, em nome desta cidade que se ajoelha e reverencia o vosso nome, com o amor mais acendrado dos seus filhos ungidos pela comunhão de sentimentos, pela unidade de opinião, reconhecer em vossa graça os esplendores máximos de vossa definitiva e eterna consagração. Terminando estas minhas palavras, repassadas no cadinho da mais pura sinceridade, conclamo o povo de Araruna para que se mantenha fiel ao sentimento religioso, conquistado arduamente nestes cem anos de luta que hoje se comemora. Quero aproveitar esta oportunidade sobremodo honrosa para o vosso Prefeito, e vos fazer um apelo solene.

Ararunenses:

Lembrai-vos das vossas obrigações perante as leis de Deus.

Lembrai-vos do compromisso relacionado com a tradição do vosso passado, eminentemente cristão.

Vamos aproveitar esta ocasião magnífica, que não se repetirá para nossas vidas, e convocar as nossas energias morais para enfrentar os inimigos da Santa Madre Igreja.

Neste momento de crise universal, em que o mundo se debate em agruras profundas, a Fé está precisando de reforçar as suas fileiras, para fortalecer a sua integral sobrevivência.

É necessário que os ararunenses de todos os matizes se congreguem em torno dessa cruzada de redenção, pela manutenção de nossos princípios religiosos, consolidados neste 4 de Julho - para que no perpassar dos anos futuros seja mantida a continuidade da tradição de fé e de veneração, que este Centenário tão esplendidamente realizou.

Ararunenses:

Viva o Centenário de nossa Paróquia.

O primeiro decênio do paroquiato do Padre Joaquim

A ação social do Padre Joaquim de Sousa Simões. A fundação da Maternidade Nossa Senhora de Fátima. A fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O fechamento da maternidade. A continuação das obras da matriz. A construção da nova igreja de Cacimba de Dentro.

A despeito dos sucessos da reforma da matriz e da organização da festa do centenário, o comportamento disciplinador e inflexível do Padre Joaquim inspirou algumas antipatias públicas, que chegaram a lhe causar dificuldades. Além disso, um grave enfrentamento político ocorrido no início do seu paroquiato, que provocou a irremediável divergência do pároco com a liderança política local, não só conturbou a aparente tranqüilidade de sua administração, como ameaçou a permanência do novo vigário à frente da Freguesia de Araruna.

Sem ceder às injunções e desenvolvendo esforços para vencer todos os óbices, Padre Joaquim ampliou seu campo de ação além dos limites da igreja matriz, no que tange aos aspectos materiais e espirituais, e passou a atuar no setor social e assistencial.

Sua intenção era alicerçar as bases de seu paroquiato em Araruna.

A área social sempre nos pareceu o objeto de sua predileção. Jamais vimos no Padre Joaquim a mística do trabalho apostólico ou de salvador de almas.

Inspirado nas próprias necessidades locais, fundou a Casa de Saú-

de e Maternidade Nossa Senhora de Fátima, cujo acontecimento mereceu o seguinte registro no Livro de Tombo[1]:

> *Aos 29 de junho de 1955, com o consentimento do Ex^mo Sr. Arcebispo, o vigário fundou uma Casa de Saúde e Maternidade sob a proteção de Nossa Senhora de Fátima. O vigário ofereceu para serviço hospitalar os cômodos da residência paroquial. Recebeu da L.B.A. o auxílio em utensílios cirúrgicos na importância de vinte e cinco mil cruzeiros.*
>
> *Para residência paroquial foi adquirida por compra outra casa no valor de trinta mil cruzeiros ao sr. Alexandre Ferreira de Macêdo, conforme escritura neste arquivo.*

Os estatutos da referida maternidade foram registrados à página 80 do Livro B, do Cartório de Notas de Araruna, aos 13 de setembro de 1955.

No mesmo ano, a 26 de julho, à página 76 do mesmo Livro B, daquele Cartório de Notas, tinham sido registrados os estatutos do Hospital e Maternidade Maria Júlia Maranhão, um empreendimento vitorioso do empresário Benjamim Gomes Maranhão.

Esse hospital, hoje quase cinqüentenário, constitui um marco da atividade política desenvolvida pela família Maranhão no município de Araruna.

Diferente desse hospital, a maternidade do padre teve vida curta. A história dessa maternidade é cheia de grandes sacrifícios. Durante três anos, sobreviveu sem recursos públicos, até que o Deputado Janduhy Carneiro conseguiu lhe destinar uma subvenção, minorando suas dificuldades financeiras.

A partir de 1964, somados a problemas financeiros, surgiram incontor-

[1] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, p. 62.

náveis problemas políticos envolvendo a pessoa do Padre Joaquim, que resultaram no fechamento da Maternidade N. S. de Fátima. Sem fazer alusões a fatores políticos, o vigário fez o seguinte registro no Livro de Tombo[2].

> *Fechamento da Casa de Saúde e Maternidade N. S. de Fátima.*
>
> *Aos 9 de abril de mil novecentos e sessenta e quatro, foi fechada definitivamente a Casa de Saúde e Maternidade N. S. de Fátima, de instituição paroquial, ajudada pelo Ministério da Saúde. Por quase nove anos funcionou ininterruptamente prestando grande soma de bens. A desvalorização da moeda e o elevado preço dos gêneros de primeira necessidade forçaram o vigário a tomar esta medida com a aprovação da Diretoria e sócios reunidos em Assembléia Geral extraordinária. Fechada, a Casa de Saúde e Matenidade voltou a ser a antiga casa paroquial.*

Foi um ano difícil na vida do Padre Joaquim. Fundador do Sindicato dos Operários Camponeses, em Araruna, passou a ser observado pelo regime militar que se instalara no país.

A fundação do sindicato tinha se dado no ano de 1962 e estava sob a direção técnica do vigário, com assistência médica e jurídica aos seus membros, conforme registro feito à página 65 do Livro de Tombo da Paróquia de Araruna. Naquele ano, um amplo movimento de sindicalização rural estava em marcha em várias freguesias da arquidiocese, sob a liderança do clero. Em Areia, o Cônego Ruy Vieira havia fundado o 1º Sindicato dos Trabalhadores Rurais e seu exemplo se espalhava por outras paróquias, cujos párocos promoviam freqüentes reuniões com agricultores visando a congregá-los em sindicatos, a exemplo de Solânea, Itabaiana, Serraria, Alagoa Grande, Araruna, Mari e Bananeiras.

Foi também em Areia que se realizou o primeiro curso de treina-

[2] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, p. 65v.

mento para líderes sindicais rurais. Participaram desse curso intensivo 15 líderes camponenses e 7 sacerdotes. Os seguintes municípios enviaram representantes: Areia, Remígio, Solânea, Esperança, Mari, Alagoa Grande, Araruna, Serraria, Itabaiana, Bananeiras e Catolé do Rocha.

Era um movimento da Igreja que se opunha ao movimento socialista-comunista, como pensava o Cônego Ruy Vieira, vigário de Areia[3].

Não foi sob essa ótica que o regime militar, instalado em 1964, viu o movimento do operoso vigário de Araruna. Se assim fosse, não o teria submetido ao constrangimento de uma prisão, por longas horas, num quartel do Exército, em João Pessoa, acusado por caluniadores de participar de "reuniões secretas".

A propósito dessa prisão, encontramos o seguinte depoimento do advogado e escritor Bento da Gama Batista, no seu livro, 1964 - AGONIA EM FERNANDO DE NORONHA[4]:

> *De fato, quando fui preso no 15º RI, no xadrez entre outros se encontrava preso o padre Joaquim de Sousa Simões, vigário de Araruna, pelo fato de ajudar o movimento camponês naquele município paraibano.*

Voltemos ao ano de 1955. Nesse ano, vamos encontrar a Maternidade N. S. de Fátima iniciando suas atividades com os seguintes funcionários: Iraci Torres, responsável pela parte administrativa; Maria Raimundo, parteira; e as enfermeiras Maria Ferreira, Josefa Nobre e Cícera.

Durante muito tempo, a maternidade do padre esteve sob a direção do Dr. Gentil Fernandes, conhecido médico de Bananeiras que costumava clinicar em Araruna, aos sábados, hóspede de nossa casa e com quem papai mantinha grandes laços de amizade.

Já idoso, percebendo pequena aposentadoria, Dr. Gentil foi mo-

[3] TORRES, Francisco Tancredo. AREIA - Paróquia e Pároco - 40 ANOS. Departamento de Produção Gráfica - SEC/PB. Areia-PB, 1990, páginas 157/163.
[4] BATISTA, Bento da Gama: *1964 - Agonia em Fernando de Noronha. Depoimento sobre o cárcere da ditadura militar.* João Pessoa: Editora Universitária/Autor Associado, 2000, p.18.

rar na maternidade, exigindo como pagamento apenas comida e dormida. Não sei quanto tempo passou por lá. Lamentavelmente, não se encontra, na paróquia, documento algum registrando o movimento daquela maternidade.

No ano seguinte, 1956, a paróquia registra a visita pastoral de D. Manuel Pereira, Bispo Auxiliar e Vigário Geral da Arquidiocese, que assim documentou sua passagem por Araruna[5].

> *Como Bispo Auxiliar e Vigário Geral da Arquidiocese, fizemos a Visita Pastoral à Paróquia de N. S. da Conceição de Araruna. Chegamos à sede paroquial na tarde do dia 16 de agosto de 1956 e aí permanecemos até à tarde do dia 19. Acompanhavam-nos os missionários franciscanos Frei Crisólogo e Frei Evaristo. Com as cerimônias habituais, demos por oficialmente iniciada a visita, tendo nesta mesma tarde começado as pregações e as confissões. Por motivo de persistentes chuvas, não houve no primeiro dia e na metade do segundo uma afluência vantajosa de fiéis, tendo porém sido muito concorridos o penúltimo e o último dia. Fizemos a visita canônica à matriz que se encontra com uma feição inteiramente nova e grandemente espaçosa, graças ao corajoso empreendimento de reforma levado a efeito pelo pároco atual, Cônego Joaquim de Sousa Simões, coadjuvado pela boa acolhida que esta realização encontrou nos paroquianos de Araruna. Falta apenas a construção do altar e uma certa modificação nos tipos de janelas laterais - o que será a continuação da reforma geral da matriz - mas já se pode afirmar que se trata de uma das igrejas de maior amplidão em todo o Estado da Paraíba. Visitamos as alfaias que encontramos suficientes*

[5] Termo da visita pastoral de D. Manuel Pereira, Bispo Auxiliar e Vigário Geral da Arquidiocese, em 25 de agosto de 1956. Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, pp. 62v e 63.

Fotografia tirada pelo professor Manoel Nery, quando de sua visita à Araruna, em 1º de agosto de 1955. A igreja já não ostenta os "gigantes". Do lado esquerdo da matriz vê-se o Cruzeiro, retirado posteriormente para o cemitério.

para as necessidades. Sua melhor localização se dará quando se tiver construído a sacristia, construção essa que também faz parte dos planos do Pároco atual. A Pia Batismal irá também ser renovada na completa atualização de todo o edifício.

Na tarde do dia 19, com uma procissão eucarística, encerramos os trabalhos da sede paroquial e seguimos para a Capela de Cacimba de Dentro. Nesta Capela ficamos até a tarde do dia 21 tendo encontrado um povo ávido da pregação da palavra de Deus e de muito boas disposições. As pregações, como os movimentos gerais, inclusive as comunhões, pela manhã, eram feitas em frente à Capela, por falta de espaço. Após dois dias de intenso trabalho, seguimos para Tacima aonde chegamos na tarde de 21. Saudados em frente à Capela, demos a bênção pastoral ao povo, tendo dado por iniciada oficialmente a visita àquela população. Tacima possui uma capela mais espaçosa, construção de iniciativa do Mons. Severino Cavalcante.

Devido a afluência de fiéis, as últimas pregações da noite tiveram que ser ao ar livre. A última população a ser visitada foi a vila de Riachão. Ali chegamos no dia 23 à noite, debaixo de muita chuva. Fomos recebidos no interior da capela e, após as saudações, iniciamos os trabalhos que se prolongaram até a manhã do dia 25. Em todas as partes por onde andamos procuramos fazer insistentes apelos ao povo em torno de maior esforço em favor da obra da Vocações Sacerdotais e da Catequese, dois movimentos que necessitam de maior intensificação em todo o território da Arquidiocese. Aproveitamos para isso a doutrinação por ocasião da missa que foi explicada em toda a parte ao povo, muitas vezes por nós pessoalmente, como também fazíamos esses apelos por ocasião das despedidas.

Encontramos a Paróquia toda bem cuidada pelo

zelo, capacidade de trabalho e bom tratamento do povo pelo Pároco atual, Cônego Joaquim Simões.

Na sede da Paróquia o Pároco mantém uma obra social de alcance para a Região que é a Casa de Saúde e Maternidade N. S. de Fátima, fundada com a aprovação do Ex^mo^ e Rev^mo^ Sr. Arcebispo e mantida com dedicação e sacrifícios.

Com as nossas bênções e os nossos aplausos a todos os trabalhos do Cônego Joaquim Simões, queremos deixar o apelo afim de que se intensifique sempre mais, em todo o vasto território da Paróquia, o trabalho em favor de maior número de zeladores e sócios da obra das Vocações Sacerdotais e da formação de mais catequistas leigos.

25 de agosto de 1956

D. Manuel, Bispo Auxiliar e Vigário Geral da Arquidiocese

Padre Joaquim tinha grandes preocupações com a valorização do patrimônio da paróquia. Em 1957, fez aquisição de dois prédios, um deles situado à Rua Velha, comprado ao Sr. Cícero Alexandre de Pontes; o outro, localizado à Praça João Pessoa[6], comprado a Ismar Ferreira de Macedo.

Nesse mesmo ano, entre 28 de abril e 5 de maio, sem esquecer o lado espiritual, promoveu a visita dos missionários capuchinhos Frei Damião e Frei Fernando, quando foram realizadas missões em todo o território da paróquia.

Foi nesse ano que ele deu início à campanha para angariar recursos para aquisição do novo altar-mor da matriz, que só foi inaugurado em 1959, quatro anos depois da reforma da igreja, conforme a seguinte anotação feita no Livro de Tombo[7]:

[6] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, pp. 63v e 64.
[7] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, p. 64.

Altar-mór

Aos oito de dezembro de 1959, por ocasião da festa da Padroeira, foi inaugurado o novo altar-mór da matriz todo de mármore e litúrgico. Custou em São Paulo na Marmoaria Porta Ltda a importância de seiscentos mil cruzeiros, sem contar o piso do presbitério todo em granito custando cada metro quadrado a importância de 390,00 em Recife. O Cristo que fez parte da compra do altar foi pago com as generosas esmolas do povo da vila de Riachão. O sacrário foi pago pelo dadivoso povo da cidade de Tacima. O restante foi pago com esmolas do povo em geral. O referido altar, depois de pronto, atingiu a importância de quase oitocentos mil cruzeiros. A nova imagem da Padroeira que foi dádiva de Dona Nautília Targino de Morais custou 14.000,00 (catorze mil cruzeiros).

Foi a maior aquisição feita em toda a história da vida da paróquia de Araruna. Para o belo altar-mór D. Chiquinha Gomes contribuiu com dez mil cruzeiros.

A riqueza do altar-mor, mais pelo material usado do que pela finura do lavor, destoava do restante do templo.

Os velhos bancos pareciam, agora, mais velhos, e a escada que levava ao coro, mais rústica ainda. O novo piso do presbitério, em granito, nada tinha em comum com a tijolaria das galerias laterais e dos mosaicos de diferentes padrões da nave central, que tanto enfeiavam o conjunto.

Era necessário, daí por diante, em futuras intervenções, minimizar esses contrastes e evitar a introdução de outros elementos, como esquadrias, forros e pisos, de características tipológicas diferentes.

Em 1961, com a colocação de esquadrias de alumínio e vidro nas janelas laterais, esses contrastes ficaram mais acentuados ainda.

Padre Joaquim registrou a doação dessas janelas, feita por vários paroquianos[8]:

> *O ano de 1960 foi de grandes realizações nesta paróquia. Foram reformadas as janelas laterais. Foram postos basculantes com vidros coloridos e brancos. Os trabalhos começaram em 1960 e terminaram no mês de março de 1961. Ficando cada janela no valor de 18.500,00. Algumas pessoas piedosas e generosas fizeram doação de uma janela. Assim é que num preito de gratidão ficará exarado neste livro o nome de cada ofertante: Luis Pinheiro Borges, modesto comerciante de peixes; Dona Joana Pequeno, esposa do fazendeiro José Pequeno; Demócrito Moreira (Moca), fazendeiro neste município; José de Almeida Bezerra, comerciante desta praça que morreu misteriosamente em Natal e sua esposa, em sua memória, dedica em seu nome a referida oferta; Joel Pinheiro Câmara, fazendeiro e agricultor; dr. José Gomes de Moura; dr. Antonio Fialho; João Clemente de Sousa (Dudu) e José Clementino; Francisco Arcanjo; Francisco Odon de Macedo; Manuel Francisco Martiniano; os irmãos José e Antonio Araujo; Agenor Targino; José Cardoso (Zeca).*

Além dessas doações, grande parte dos recursos para execução dessas melhorias vieram dos bons lucros obtidos na Festa da Padroeira, realizada na primeira semana de dezembro de 1960, um ano de bom inverno e de muita safra.

A propósito daquela festa, guardamos, entre velhos papéis, uma curiosa carta-circular do Padre Joaquim Simões, cujo tema central é um pedido de ajuda à festa. Um pedido que se repete, aquí e acolá, com pequenas variações, numa linguagem peculiar, sempre a exaltar a generosidade do paroquiano.

[8] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna. pp. 64 e 64v.

A seguir, cópia da carta que foi enviada a Severino Cabral de Lucena:

Araruna, novembro de 1960.

Meu prezado amigo e senhor.

Deus abençoe o seu lar.

Já é bem grande a série de benefícios que você tem feito á matriz desta cidade. Ninguem será capaz de enumerá-los. Só Deus sabe quantos e quanto eles valem. No dia das eternas recompensas você irá receber a paga das mãos d'Aquele que não deixa sem recompensa nem um copo de água. Para torná-lo cheio de méritos nesse dia é que lhe faço um convite de adesão á festa da nossa santa Padroeira. Sua adesão consiste em você vir até à nossa residência paroquial entregar a sua generosa esmola na mão do seu vigário e amigo ou num dos nossos encontros em qualquer instante ou local, antes da festa.

Se não for possivel me dar duas alegrias ao mesmo tempo, a saber, a esmola da festa e a sua honrosa visita. me dê, pelo amor da nossa Celestial Mãe, o seu generoso óbolo pelas mãos de uma pessoa sua ou de outro mensageiro da sua confiança. Conheço há muito tempo a sensibilidade do seu dadivoso coração e digo-lhe não falo a estranho. mas a gente de casa, meu intimo na caridade de Cristo.

Considero o amigo desde já um digno paraninfo da nossa Padroeira no dia de sua Imaculada Conceição — oito de dezembro. Teremos um novenário na matriz sendo os quatro últimos dias de maiores solenidades. Reza, pregação, recepção dos sacramentos. canticos. música e outros estimulos da vida religiosa e social. Nossa Senhora quer vê-lo aqui na Matriz, na festa, no meio dos amigos. com toda sua digna familia, para que se realize o desejo de Deus — vivermos como irmãos.

Receba o abraço e o convite do seu vigário e amigo,

Padre JOAQUIM SIMÕES

Em 1961, a 19 de junho, foi inaugurada a nova pia batismal, toda em mármore, com cúpula de metal dourado, oferta do ararunense Dr. Aroldo Espínola de Oliveira Lima[9].

Ainda no primeiro decênio do paroquiato, vamos encontrar Padre Joaquim atuando no campo educacional. Primeiro, como professor de

[9] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna. p. 64v.

português do Ginásio Pereira da Silva, fundado pelo educador Afonso Pereira, e depois, como diretor, substituindo Dr. Almir Carneiro da Fonseca, seu primeiro dirigente.

Antes de completar dez anos de paroquiato, realizou, em maio de 1962, missões em todo o território da paróquia, com a presença, mais uma vez, dos capuchinhos Frei Damião e Frei Fernando.

Outra grande realização sua foi a construção da nova igreja da cidade de Cacimba de Dentro. A nova igreja, construída no mesmo local da antiga capela, foi inaugurada a 10 de fevereiro de 1963, quando o Arcebispo D. Mário de Miranda Vilas Boas fez a bênção litúrgica do templo.

Essa obra marcava o encerramento do primeiro decênio do paroquiato dinâmico e realizador do Padre Joaquim de Sousa Simões.

Padre Joaquim de Sousa Simões em banquete no Clube Recreativo 14 de Julho, no dia 17 de março de 1957, quando da instalação do Ginásio 4 de Julho.Da esquerda para a direita: Dr. Almir Carneiro da Fonseca, primeiro diretor do educandário; Dr. Celso Novais, ex-prefeito de Araruna; Prof. Afonso Pereira da Silva, fundador do Ginásio; Dr. Pedro Moreno Gondim, vice-governador; Padre Joaquim de Sousa Simões, professor de português e segundo diretor do educandário; Dr. José Targino, Secretário de Viação e ex-governador do Estado.

O LONGO PAROQUIATO DO PADRE JOAQUIM DE SOUSA SIMÕES

A primeira visita de D. José Maria Pires. Os novos rumos pós-Concílio Vaticano II. A criação da Diocese de Guarabira. Ordenação sacerdotal na Matriz de Araruna. O Padre Francisco de Assis Inácio. O Padre Cícero Roberto de Araújo. Os últimos anos do Padre Joaquim.

Depois de dez anos em Araruna, o Padre Joaquim Simões encontrara no ministério paroquial a própria razão de sua existência, toda ela voltada para o sacerdócio. A partir de então, não mais pretendia sair de Araruna. Ali, continuaria exercendo, com zelo e abnegação, o seu mister sacerdotal.

Fechada a maternidade, em 1964, o prédio que servira a esse fim voltava a servir de residência paroquial.

Ainda em 1964, fez realizar novas missões, desta feita com a presença dos redentoristas Padre Timóteo e Padre Pio, que impressionaram muito o povo pelos novos métodos adotados[1].

No ano seguinte, com a chegada da luz de Paulo Afonso, Padre Joaquim inaugurou a nova instalação elétrica da matriz. No primeiro semestre de 1966, dedicou-se à reconstrução de uma casa situada à Rua Velha, que pertencera a Licurgo Menezes e que havia sido doada ao patrimônio paroquial pelo casal Francisco Menezes.

[1] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, sobre as missões realizadas em Araruna, durante o mês de maio de 1964, p. 65.

O ano de 1966 marcou, também, a primeira visita de D. José Maria Pires à Paróquia de Araruna[2].

É interessante saber o que aconteceu naquela visita, trinta e quatro anos atrás, segundo relato daquele prelado, e a impressão que lhe ficou daquela freguesia.

> *Aos 2 de outubro de 1966, pelas 17 horas, cheguei à cidade de Araruna para minha primeira visita pastoral à paróquia de Nossa Senhora da Conceição. No percurso, houve breve parada em Tacima onde os fiéis se reuniram em grande número à nossa passagem.*
>
> *Araruna apresentava-se em festa. Enfeites pelas ruas e nas casas, banda de música, fogos, estudantes marchando, ciclistas, dezenas e dezenas de anjinhos, milhares e milhares de fiéis, tudo fora devidamente preparado e mobilizado pelo Pároco, Cônego Joaquim de Sousa Simões.*
>
> *A abertura da visita deu-se às 19 horas e 30 minutos após uma procissão que cobriu o percurso entre a igreja de Santo Antônio e a Matriz. Após a missa, houve elevado número de confissões.*
>
> *No dia 3 preguei sobre Santa Teresa do Menino Jesus e a infância espiritual, visitei a Matriz, o tabernáculo, as alfaias, confessionários, batistério e casa paroquial onde se acha o arquivo.*
>
> *A matriz é muito espaçosa, sòlidamente construída, com altar de mármore e batistério com pia também de mármore. Falta um serviço de amplificação do som o que impossibilita grande parte dos fiéis de escutar as pregações e de acompanhar devidamente as funções litúrgicas. Falta igualmente a sacristia, pelo que aconselhei o Pároco a isolar a parte da igreja que vem servindo de sacristia.*

[2] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, sobre a visita pastoral de D. José Maria Pires, pp. 66-67.

As alfaias são suficientes para o culto e estão em bom estado. O arquivo está bem conservado. Há falhas antigas e insanáveis. O Pároco já começou a organizar e colecionar, com todas as suas peças, os processos matrimoniais, o que não se fazia anteriormente. O patrimônio da paróquia tem sido zelado com esmero. O livro do Tombo é muito parco em informações e não vem registrando, como devia, os avisos e circulares emanados da Chancelaria do Arcebispado.

Às 11 horas celebrei missa votiva do Espírito Santo e administrei a Crisma a 499 pessoas.

Às 15 horas houve audiência para as Associações religiosas. Compareceu apenas o Apostolado da Oração que, apesar de tudo, está carecendo de novo alento e de profunda renovação no espírito do Vaticano II.

Às 19 horas houve solene concelebração da qual participaram, além do Prelado e do Pároco, os seguintes sacerdotes: Cônego Epitácio Dias, Pároco de Serra da Raiz; pe. José Augusto Maia e Silva, Capelão Militar e secretário da visita; pe. José Rodrigues Fidelis, Pároco de Solânea; pe. Abelardo Ferreira da Silva, Pároco de Serra Redonda; pe. Francisco de Assis Costa, Pároco de Pirpirituba e pe. Pedro Paulo Micalef, vigário cooperador de Guarabira.

Após a concelebração, houve uma reunião para os casais e outra para a juventude masculina. As outras reuniões para jovens e para crianças ficaram a cargo respectivamente do pe. José Augusto e do seminarista Antonio Eunizé de Oliveira.

Dia 4 de outubro, Dia Universal de preces para a paz, preguei na primeira missa concitando os fiéis e especialmente as crianças e os enfermos a se unirem ao Santo Padre na recitação do terço para implorar de Deus

a paz para a humanidade cada vez mais ameaçada pelo flagelo da guerra.

Às 11 horas celebrei Missa votiva do Espírito Santo, administrei o sacramento da crisma (452) e encerrei a Visita Pastoral.

É muito positiva a impressão que me fica de Araruna. Apesar de ser uma localidade secular, não apresenta sinais de decrepitude. Bem ao contrário, o povo tem anseios de progresso e capacidade de realização. A piedade é sincera e espontânea embora sem organização.

Recomendo ao Rev^mo Pároco quanto segue:

1. dar novo alento, dentro do espírito do Concílio, às Associações religiosas, coordenando-as como forças de vanguarda que devem ser, no apostolado.

2. organizar uma equipe litúrgica para dar maior realce aos atos do culto e levar os fiéis a uma participação crescente nas funções religiosas.

3. dotar a matriz de serviço interno de amplificação do som, depois de ter mandado proceder aos devidos estudos por um técnico competente.

4. estudar a melhor maneira de, dentro das normas litúrgicas, restituir ao culto público a imagem antiga e preciosa da Padroeira da Paróquia.

5. incentivar os trabalhadores rurais a apoiarem suas organizações de classe e a fomentarem o cooperativismo.

Ao término desta visita, agradeço ao Rev^mo Pároco e aos fiéis as demonstrações de apreço que tiveram para conosco e imploro sobre todos as mais copiosas bênçãos.

Araruna, 4 de outubro de 1966

D. José Maria, Arcebispo Metropolitano

Algumas das anotações e recomendações feitas pelo novo Arcebispo da Paraíba podem ser interpretadas como os primeiros reflexos

das diretrizes emanadas do Concílio Vaticano II e prenunciavam as grandes transformações por que passaria a Igreja Católica nos anos vindouros, no âmbito da liturgia, da catequese e, até mesmo, no próprio ministério paroquial.

O Concílio Vaticano II inaugurava uma nova era para a Igreja. A vida religiosa sofreria profundas modificações nos anos pós-conciliares.

Exigiam-se dos nossos sacerdotes lucidez e sensibilidade pastoral para saber aplicar os ensinamentos conciliares, além de conhecimento e capacidade de interpretar os problemas da Igreja e do mundo da época. Quantos deles, após tantos anos de fidelidade e abnegação a princípios e costumes que lhes pareciam imutáveis, não se sentiram incapacitados para assumir as mudanças de renovação promovidas pelo Concílio?

Daí, as angústias, as inquietações e as crises de vocação e de obediência por que passaram os ministradores da nova ordem.

É nesse cenário de agitações renovadoras que vamos encontrar Padre Joaquim se formando em Direito pela Faculdade de Direito de Campina Grande, em 1971, mas fiel à sua fé, implementando as mudanças de forma gradual e assumindo a nova linha de ação da Igreja, sem abdicar, contudo, de muitas de suas convicções adquiridas na sua formação.

Como quer que seja, coube ao Padre Joaquim promover essas mudanças na Paróquia de Araruna. Com ele, desapareceu a figura do sacerdote tradicional, piedoso, vestindo batina. Ele foi o primeiro a viver em trajes civis.

Foi o último, em Araruna, a dizer missa em latim. E o primeiro a usar o vernáculo na liturgia.

Mesmo assim, queremos crer que toda essa renovação se deu mais devagar do que queriam seus superiores.

É o que se conclui de uma anotação feita por D. José Maria Pires, no Livro do Tombo, quando de sua volta à Araruna, em 1972, seis anos depois da primeira visita[3]:

Da última visita para cá a Matriz recebeu melhora-

[3] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, sobre a segunda visita pastoral de D. José Maria Pires, em 24 de setembro de 1972, pp. 69-70.

mentos importantes. Merecem especial destaque a bancada e o serviço de som.

Ainda não foi possível organizar a equipe litúrgica, recomendada na visita anterior, que se encarregue do canto, das leituras e do serviço do altar.

E mais:

Não existem ainda nem na sede nem na zona rural grupos de evangelização, razão por que não se realizaram os costumeiros encontros com dirigentes. Houve todavia duas palestras para a juventude estudantil, dois encontros com as professoras e um com os casais além de uma demorada conversa com o Pároco sobre sua pessoa, sua saúde e seu ministério paroquial.

Como se vê, foi mais fácil ao Padre Joaquim adquirir uma nova bancada e um serviço de som para a sua matriz do que promover a organização de uma *equipe de liturgia* e de *grupos de evangelização*, o que mostra as dificuldades do vigário na implantação da nova ordem.

A nova bancada da matriz a que se refere D. José foi fruto de uma ampla campanha feita por algumas senhoras da cidade, com destaque para Dorinha Lucena, Terezinha Fialho, Iracy Torres e Rita Ana que, no período de mais de um ano, percorreram toda a freguesia, promovendo bingos, rifas, leilões, e angariando fundos para essa finalidade.

Lembro-me que acompanhei de São Paulo, onde fazia curso de pós-graduação, os trabalhos e os esforços dessas pessoas para adquirir recursos para esses bancos. Guardo, daquela época, uma carta de mamãe, que, entre outras notícias de Araruna, dava conta do andamento da referida campanha, com informações curiosas a respeito. Em um dos trechos da carta, datada de 21 de agosto de 1968, dizia o seguinte:

Quanto à campanha da bancada vou bem, tem um milhão de cruzeiros e botei um bingo com uma casa e uma garrota. A casa é da paróquia e a garrota foi Móca que

deu. A cartela é 5,00 cruzeiros novos, é cara mas p'rá fazer alguma coisa tem que ser assim mesmo. Se vender todos (2.000) dará para a bancada toda. Hoje recebi de Dr. Areobaldo Lima, Araçatuba - São Paulo, a importância de 20 cruzeiros novos, em cheque para receber em qualquer agência do Banco do Brasil, para a bancada. Recebi aqui, de Fonsequinha 60 cruzeiros novos. Se Deus quiser no dia 14 de maio vindouro estaremos com todos prontos.

Falando, recentemente, com Rita Ana, a respeito dessa casa sorteada em bingo, da qual mamãe não mais se lembrava, ela nos contou que um cidadão de Pirpirituba ganhou a referida casa, doando-a, de volta, à paróquia.

A bancada, toda em peroba, composta de cinqüenta e três bancos, foi adquirida em Campina Grande e transportada às custas do proprietário e motorista Sebastião Pereira da Rocha.

A inauguração dos novos bancos, que ainda hoje servem à matriz, se deu no primeiro domingo do mês de agosto de 1969, conforme está registrado no Livro de Tombo.

Em visitas posteriores a Cacimba de Dentro, Tacima e Riachão, D. José reconhecia o esforço do Padre Joaquim ao criar as bases da renovação pastoral.

Na terceira visita pastoral à Araruna, realizada entre 9 e 11 de julho de 1975, ocasião em que anunciou aos fiéis a criação de uma regional episcopal em Guarabira, à qual ficaria pertencendo a Paróquia de Araruna, D. José manifestou sua alegria ao verificar os progressos realizados desde a última visita, em 1972:[4]

Hoje as missas são animadas por um coral, há pessoas capacitadas para as leituras e os fiéis participam mais das orações e dos cantos. O Cônego Joaquim continua dando o melhor de si mesmo para que a Igreja de Deus que está em Araruna se torne imagem fiel da Igreja do

[4] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, em 11 de julho de 1975, pp. 72 e 72v.

Vaticano II adaptada às necessidades e às exigências do mundo de hoje.

A partir de 1977, com a presença de D. Marcelo Pinto Carvalheira, Bispo Auxiliar da Arquidiocese e responsável pela região do Brejo, foi dado um novo impulso e dinamismo à ação pastoral da Igreja, voltada para a problemática da terra, com a criação de maior número de grupos de catequese e evangelização, distribuídos em toda a paróquia.

Na sua visita a Tacima, em dezembro de 1977, D. Marcelo reconhecia e apontava as dificuldades encontradas pelo Padre Joaquim na sua missão de ajuda e soerguimento do povo, sobretudo na área dos mais pobres e necessitados:

> *Sabemos que as grandes necessidades da Igreja e do povo, em Tacima, são decorrentes da extensão e de tantas circunstâncias que escapam à boa vontade do seu pároco e dos fiéis desta cidade e desta paróquia.*
>
> *Esperamos que os vários grupos assumam o trabalho da missão com o apoio generoso do vigário (pároco) a quem garantimos enviar reforço e ajuda, de padres, religiosos e leigos, ao trabalho que se faz e se intensificou, aqui, a partir da visita pastoral*[5].

A 7 de novembro de 1980, D. Marcelo efetuou uma nova visita pastoral à Paróquia de Araruna, ocasião em que esteve também em Cacimba de Dentro, Tacima e Riachão.

Foi uma visita bastante movimentada, com confissões, celebrações de missas, visitas a casas de enfermos, reuniões com grupos de mulheres, crianças, jovens e com os homens, cujo assunto principal foi em torno da questão da terra e da união dos trabalhadores do campo. Foi feita uma visita à Fazenda Nova e de lá, em procissão, até Carnaúbas,

[5] Termo da visita pastoral de D. Marcelo Pinto Carvalheira, a Tacima, em 19 de dezembro de 1977. Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, pp. 73-77.

onde houve confissão comunitária seguida de missa, com uma grande participação de fiéis.

No dia 13 de novembro, em Araruna, após a missa de encerramento, foi feita uma avaliação da visita pelos agentes da pastoral e representantes de comunidades da paróquia. No Livro de Tombo, onde foi lavrado o termo da visita pastoral, D. Marcelo fez a seguinte observação sobre o Padre Joaquim:

> *Na paróquia, o Pe. Joaquim se apresenta como um pároco trabalhador e dedicado, sobretudo à população pobre - o que muito nos alegra. A igreja do nosso País conforme a orientação do Episcopado deve fazer uma sincera e efetiva opção pelos pobres. Eles, principalmente, devem ser evangelizados e se tornarem também agentes de evangelização*[6].

Ao longo da década de 80, Padre Joaquim se dedicou à construção de algumas capelas filiais, sobre as quais faremos, no capítulo seguinte, algumas anotações históricas.

Coube a ele, também, a iniciativa de colocar a imagem da padroeira em nicho existente no frontispício da matriz, em solenidade ocorrida em 12 de fevereiro de 1984. A imagem que ali se encontra é a que foi doada por D. Nautília Targino de Morais, quando da festa de inauguração do altar-mor de mármore, em 1959.

Ordenação Sacerdotal na Matriz de Araruna

No final da década de 80, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição serviu de palco para duas importantes celebrações. A ordenação diaconal dos seminaristas Pedro Alexandre da Silva e João Bosco Francis-

[6] Termo da visita pastoral feita por D. Marcelo Pinto Carvalheira, em 13 de novembro de 1980. Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, pp. 79-81v.

co do Nascimento, no dia 2 de julho de 1988, e a ordenação sacerdotal do diácono Francisco de Assis Inácio, no dia 1º de abril de 1989, ambas celebradas por D. Marcelo Pinto Carvalheira.

A notícia sobre a ordenação do novo sacerdote, fomos encontrar em uma reportagem feita pelo jornal ARASERRA[7], de maio de 1989, editado em Araruna, assinada por Aguinaldo Brito, um dos redatores do jornal, cujo teor vai transcrito na íntegra:

> *Desde o dia primeiro de abril a paróquia de Araruna conta com os trabalhos pastorais de um vigário paroquial com a ordenação presbiteral do até então diácono Francisco de Assis Inácio que vem, no papel de coadjutor, auxiliar o nosso vigário, o Cônego Joaquim de Sousa Simões.*
>
> *Num clima de muita emoção e beleza a cerimônia foi celebrada pelo bispo de nossa Diocese, Dom Marcelo Carvalheira e concelebrada pelos demais padres presentes, entre eles, Pe. Xavier (Sto. Antonio), Pe. Normando (S. J. de Campestre), Pe. Matias (Nova Cruz), Pe. Conrado (Serraria), Pe. Leonardo (Solânea), Pe. José (Ingá), Pe. Luiz (Coordenador da Pastoral da Terra, Guarabira), Pe. Cristiano (Guarabira), Pe. Pedro (Belém), Pe. João Bosco (vigário paroquial de Pirpirituba), Pe. Nicodemus (Pirpirituba), Pe. Marcos (Araçagi), Pe. H. Brandão (vigário da Catedral de Natal e ex-reitor do Pe. Assis) e Pe. Robério (vigário paroquial de Nova Cruz), além de vários seminaristas de Natal e de Guarabira. Na ocasião, Assis recebeu a ordem do presbiterato e ao final da cerimônia o mesmo foi nomeado vigário paroquial de Araruna.*
>
> *Depois foi tudo alegria e festa, para Assis e seus fami-*

[7] Jornal ARASERRA, órgão de divulgação da Associação Universitária de Araruna, ASSUAN, fundado em 01.01.1988, pelos universitários José Aguinaldo Ramos de Brito, José Antônio Pereira da Silva e Availdo Luiz de Alcântara. A reportagem sobre a ordenação do Padre Assis é da autoria de José Aguinaldo Ramos de Brito e está contida no referido jornal, de maio de 1989, ano 2, nº 11.

liares, bem como para as inúmeras caravanas que vieram das mais diversas comunidades prestigiar a ordenação. Em seguida, a comunidade ararunense ofereceu um jantar para o Pe. Assis e seus convidados e o povo em geral, nas dependências do Clube 14 de Julho, onde num clima de festa todos participaram e deram os votos de boas vindas para o já ararunense Pe. Assis, como ele mesmo se considera.

O Padre Francisco de Assis Inácio nasceu no povoado de Laranjeiras dos Abdias, município de São José de Mipibú - RN, a 8 de julho de 1959. É filho de Lucas Manuel Inácio e de D. Antonia Ferreira da Silva.

Após cursar o primeiro grau naquela cidade, foi para o Seminário de São Pedro, em Natal, onde concluiu o segundo grau. Cursou filosofia na UFRN. Em 1984, foi para o Rio de Janeiro, onde iniciou um curso de teologia na Pontifícia Universidade Católica, tendo retornado em 1985. Em seguida, foi enviado por D. Marcelo para o Recife, onde concluiu seus estudos no Instituto de Teologia do Recife.

Na nossa avaliação, a ordenação sacerdotal do diácono Francisco de Assis Inácio, ocorrida no dia 1º de abril de 1989, embora possa ser considerada uma desmedida deferência do Bispo D. Marcelo Pinto Carvalheira, canalizando tão bela cerimônia para a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, marcou o declínio da atividade do Padre Joaquim à frente da administração da Paróquia de Araruna.

Essa avaliação vem do fato de o novo sacerdote, Padre Assis, ter recebido, na oportunidade da ordenação sacerdotal, os encargos de vigário paroquial de Araruna e de titular da pastoral da terra, não obstante continuassem com o Padre Joaquim as honras de pároco e vigário titular da paróquia. Some-se a isso, o fato de, a esse tempo, Padre Joaquim, que chegava aos 81 anos de idade, começar a apresentar problemas de saúde.

Identificado com a vida das comunidades e adepto fervoroso da Teologia da Libertação, Padre Assis introduziu, nas comunidades, atividades que estavam ligadas ao *novo modo de ser da Igreja.*

Aproveitando os elementos que já existiam no campo da cate-

Padre Francisco de Assis Inácio, vigário auxiliar da Paróquia de Araruna, entre 1989 e 1993.

quese e liturgia, aumentou o número e melhorou a qualidade da pastoral existente.

No campo material, também deixou a sua contribuição. Uma de suas primeiras providências foi construir, ao lado da igreja matriz, o Centro Pastoral São Francisco de Assis, inaugurado a 4 de outubro de 1990, dotado de espaço e instalações capazes de hospedar até cem pessoas. Além disso, construiu uma garagem no terreno da casa paroquial.

Pondo em prática seu espírito renovador, Padre Assis introduziu mudanças nos quadros, nos métodos e nos propósitos da paróquia, o que, em muitos aspectos, causou um certo desconforto ao Padre Joaquim, que se viu tolhido em atribuições que lhe eram próprias.

Por outro lado, o relacionamento liberal com os paroquianos, somado ao estilo um pouco anárquico do novo vigário, mexeu na dinâmica da casa paroquial, gerando novos descontentamentos ao vigário titular.

O choque entre eles foi inevitável. Para evitar que se estabelecesse um clima de antagonismo entre o vigário titular e o seu auxiliar, capaz de gerar uma crise de autoridade, foi negociado um acordo entre os dois sacerdotes, após entendimentos havidos com o Bispo da Diocese, D. Marcelo Pinto Carvalheira. Pelo acordo, Padre Joaquim continuaria com as honras de pároco, residindo na casa paroquial e realizando os ritos sacramentais celebrados no âmbito da paróquia.

Ao Padre Assis, caberia toda a pastoral de preparação específica para os sacramentos do batismo, da crisma, da primeira eucaristia e do matrimônio, além do acompanhamento das atividades jurídico-canônicas, administrativas e financeiras da paróquia, devendo pôr-se de acordo com o Padre Joaquim quanto à partilha dos emolumentos. Ficaria também acertado que o Padre Assis iria residir em outra casa pertencente à paróquia[8].

Munidos de boa dose de tolerância, de maior capacidade de tran-

[8] A distribuição das tarefas ministeriais entre o Padre Joaquim e seu auxiliar, Padre Assis, consta do ofício nº 03/92, endereçado pelo Bispo de Guarabira, D. Marcelo Pinto Carvalheira ao Monsenhor Joaquim de Sousa Simões, transcrito no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, pp. 84v-85v.

sigência e respeito mútuo, os dois sacerdotes souberam manter os vínculos de fraternal estima.

Foi no período da permanência do Padre Assis, como vigário auxiliar, que o Padre Joaquim realizou sua última grande obra na igreja. Há anos, a cobertura da matriz estava a carecer de reparos no madeirame e precisava substituir as telhas que apresentavam graves problemas de goteira.

Por se tratar de uma obra de grandes custos e não dispondo a paróquia dos meios financeiros para execução dos trabalhos, Padre Joaquim recorreu a alguns paroquianos que ofereceram recursos para a obra.

Os problemas de saúde e a idade avançada, 84 anos, não impediram o incansável vigário de permanecer à frente dos serviços, que trouxeram para a igreja o benefício de uma nova e moderna cobertura.

Para manifestar seu sentimento de gratidão, deixou lavrado, de próprio punho (onde já se nota a letra claudicante), no Livro de Tombo da Paróquia, a seguinte anotação[9]:

> *Nova coberta da Matriz*
>
> *No dia 8 de dezembro de 1992, foi inaugurada a nova coberta da igreja matriz com telhas da fábrica de telhas prensadas da Planatek do Barro Forte Timor - Maranhão. Telhas anti-deslisantes doadas pelo presidente da ENARQ e mais diretores da referida Empresa. Dr. João Furtado e Marcus Teixeira conseguiram boa ajuda da parte dos seus sócios da referida Empresa. Além da doação tão valiosa, o dr. João Furtado colaborou de maneira eficaz com a construção, oferecendo os meios para a rápida execução dos trabalhos. Com a nova coberta desapareceu de uma vez por todas o problema de goteiras que tanto preocupava a comunidade.*
>
> *As velhas telhas foram doadas aos pobres como*

[9] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, p.86.

agradecimento a Deus que deu à Matriz a generosa contribuição dos bons corações.

Cito com satisfação os nomes dos promotores deste benefício: dr. Targino Pereira, dr. José Gomes de Moura, dona Adélia Araújo Barbosa, dr. Sebastião Ferreira, José Hermenegildo, Antonio Macedo Fonseca, dr. Antonio Fialho, dona Estelina Araújo Montenegro, Severino Cabral de Lucena, Josemar Belmont, Manuel Constantino, Carlos Ramos, José Belmont, Luis Marinho, Demócrito Moreira, Pedro Odon de Macedo e os demais que é impossível enumerar.

No mesmo dia, foi inaugurado o novo órgão eletrônico doado por Antonio Gomes Soares e Gilberto Soares, irmãos, filhos desta paróquia. Referência do órgão Gambitt OX 280R no valor de 6.000.000.

A Santa Missa de ação de graças foi celebrada pelo Ex^mo Sr. Bispo Diocesano, Dom Marcelo Pinto Carvalheira.

Araruna, 8 de dezembro de 1992

Mons[10]. Joaquim de Sousa Simões - Pároco

O Padre Francisco de Assis Inácio permaneceu em Araruna pouco mais de quatro anos, quando a 9 de agosto de 1993, atendendo ao convite dos bispos do Nordeste II, foi fazer um curso de pós-graduação na área da catequese, em Roma.

Padre Joaquim fez questão de registrar e interpretar, à luz de sua velha experiência de sacerdote, a passagem e a atuação de seu auxiliar, em Araruna.

Veja o que ele anotou[11]:

O pe. Francisco de Assis durante os 4 anos que tra-

[10] Em 17 de novembro de 1990, pela passagem dos 55 anos de ordenação sacerdotal, o Cônego Joaquim de Sousa Simões recebeu o título de Monsenhor, concedido pelo Papa João Paulo II.

[11] Anotação feita pelo Monsenhor Joaquim de Sousa Simões sobre o Padre Assis, no Livro de Tombo da Paróquia, pp. 86v-87v.

balhou nesta paróquia como vigário paroquial, viveu em perfeita comunhão com o vigário titular morando na mesma casa, apenas no ano de 1992, para ficar mais à vontade, foi morar perto da residência do vigário titular, em uma das casas da Paróquia depois de fazer as adaptações necessárias. Material e espiritualmente o Pe. Assis fez grandes trabalhos na Paróquia. Fez uma garagem segura e ampla para guardar 2 carros. Construiu na casa paroquial uma suíte completa, no seu quarto de estudo e dormida. No lado espiritual, foi uma língua de fogo do Espírito Santo[12]*. Semanalmente, aos sábados, sua missa era irradiada através da rádio local. Como liturgista soube atrair os fiéis ao culto divino. Aproveitando os elementos que já existiam no campo da catequese e liturgia aumentou o número e melhorou a qualidade da pastoral existente. Era um itinerante dando sua presença apostólica não só nesta Paróquia, como em todos os quadrantes da Diocese.*

Arrojado como é por temperamento e mais por amor à missão que abraçou, aceitou o convite dos senhores bispos do Nordeste II para aperfeiçoar-se na catequese com curso de especialização na Itália. Deixou profunda saudade à toda paróquia de Araruna. Sua despedida foi profundamente sentida por todos os segmentos da sociedade. Partiu no dia 9 de agosto para tomar o avião em Recife.

Para abraçá-lo aglomerou-se uma multidão de gente, calculada em 1.500 pessoas para a qual o Mons. Nicodemus deu uma palavra de esperança na felicidade da paróquia e da diocese com o estudo que ia fazer.

O Padre Assis com grande esforço, cortando as palavras não pôde continuar a falar. Houve choro sem ranger de dentes, porque todos esperam o seu retor-

[12] Nota do autor: Referência bíblica à descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos. (At. 2, 3-8).

no na conclusão do curso. "Ninguém erra o caminho da volta."

Na história de Araruna, como Paróquia há 139 anos de fundada, não se registrou nenhum caso desses. Admira um padre jovem haver conquistado tantos corações em pouco tempo. Que tudo isso seja "ad maiorem gloriam Dei".

Araruna, 9 de agosto de 1993

Mons. J. Sousa Simões - Pároco

A posse do novo vigário, Padre Cícero Roberto de Araújo

No dia 19 de agosto de 1993, tomou posse no cargo de vigário paroquial, o Padre Cícero Roberto de Araújo, ex-pároco de Pirpirituba.

O Padre Cícero Roberto é natural da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, onde nasceu a 29 de abril de 1948. Filho de Augusto Antônio de Araújo e D. Maria Freire, ordenou-se em Juazeiro do Norte, a 16 de dezembro de 1977, indo trabalhar como pároco em Belém do Pará. Em 1991, chegou à Paraíba para dirigir a Paróquia de Pirpirituba, onde permaneceu até assumir a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Araruna. Em 1996, foi dirigir a Paróquia de Arara, onde permanece até hoje.

Na administração da paróquia, foi o responsável pela reforma e ampliação da igreja de Tacima e construção de uma capela em Mata Velha.

Para substituir o Padre Cícero Roberto de Araújo, foi nomeado o Padre Christian Muffler (Padre Cristiano), de quem falaremos mais adiante.

Os últimos anos do Padre Joaquim de Sousa Simões

Já assinalamos, linhas atrás, que o Padre Joaquim, a partir de 1989, começou a apresentar problemas de saúde. De fato, naquele ano, depois de uma cirurgia de próstata, viu-se obrigado a se submeter a uma radioterapia que o deixou debilitado por algum tempo.

Passado esse momento difícil, prosseguiu sua atividade de pároco, contando, desde então, com a ajuda de vigários coadjutores.

Em 1994, por recomendação de seu cardiologista, o ararunense Dr. João Bosco Teixeira, fez implante de um marcapasso, a fim de controlar as batidas do velho coração, já cansado.

Em 1995, aos 87 anos de idade, teve a felicidade de comemorar o jubileu dos 60 anos de sua ordenação sacerdotal, em bonita celebração realizada na Matriz de Araruna, com a presença dos bispos D. Marcelo Pinto Carvalheira, D. Manuel Pereira e D. Epaminondas José de Araújo, de vários sacerdotes e seminaristas.

No ano seguinte, 1996, fez suas últimas anotações no Livro de Tombo. A 18 de fevereiro, registrou a visita de Frei Damião a Araruna, por sinal a última visita do velho missionário italiano à freguesia; a 8 de dezembro, registrou a transferência do Padre Cícero Roberto para a Freguesia de Arara, fazendo a seguinte observação:

> *Araruna está para sempre agradecida ao Pe. Cícero Roberto de Araújo. Eu, por minha vez, o abraço com carinho e lhe desejo muito sucesso na caminhada vitoriosa do colega, amigo e Irmão, que soube conviver comigo com tanta caridade sacerdotal*[13].

Em 20 de abril de 1998, ao completar 90 anos de vida, foi

[13] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna pelo Monsenhor Joaquim de Sousa Simões, em 8 de dezembro de 1996, pp. 91v e 92.

celebrada uma missa, em sua homenagem, com a participação de vários sacerdotes.

Por esse tempo, Padre Joaquim dava visíveis sinais de debilidade física. Amiudavam-se suas idas à farmácia em busca das injeções que atenuavam as crises de uma erisipela antiga. Mesmo assim, continuava celebrando e aceitando convites para os sítios e cidades vizinhas.

Tinha consciência de que sua horá estava chegando. Esse pressentimento está muito nítido nas reflexões que escreveu em outubro de 1998, três meses antes de sua morte, e que nos foram passadas por sua secretária, Rita Ana:

De onde venho e para onde vou chegando? Venho da primeira década do século XX e estou trepado no último ano da última década do mesmo século. Uma vida bem comprida e não cumprida. Está bem longe o berço e a sepultura bem perto. Ouço o repique de sino anunciando a morte deste mastodonte.

Para mim foi ontem. Há razão para isto. A vida por mais amarga não deixa de ser "dolce vita".

Trepado nos 91 anos, parece que estou vivendo os dezenove. Engano da peste! Não passo de um saco de peças desacunhadas falando sem língua para o mundo vivo: "fui o que és e serás o que sou".

Esta é a minha realidade atual que me proporciona, ainda, tanta alegria, e que comunicada aos desesperados daria felicidade a multidões de infelizes.

Se bastou uma costela de Adão para que ele tivesse a sua companheira, quantos modelos não dariam os meus e as minhas que conduzo numa sacola de pele.

Com vocês a coisa é outra. Um novo século se abre e sorri, num otimismo completo de criatividade.

Um cheiro de incenso anuncia presenças divinas nas coisas humanas.

No dia 28 de dezembro de 1998, celebrou sua última missa na Matriz de Araruna e, a 3 de janeiro de 1999, celebrou sua última missa, dessa vez, em Riachão. Nessa oportunidade, *celebrou sentado à porta da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Riachão. Não agüentava mais. Já nos anunciava a sua partida, pedia orações para o velho padre que, cansado, entendia próxima a sua "hora".*[14]

A partir de 8 de janeiro, não trabalhou mais. Em casa, recebia a assistência dos paroquianos. Não faltaram as visitas de parentes, amigos e fiéis. Fazia questão de conversar com cada paroquiano.

No dia 6 de fevereiro de 1999, depois de quarenta e oito horas de agonia, faleceu às cinco e dez da manhã, cercado de amigos. Seu corpo foi conduzido para as cidades de Cacimba de Dentro, Tacima e Riachão, onde foi velado por algumas horas. O velório prolongou-se por toda noite na sede da paróquia.

Na manhã seguinte, às dez horas, seu corpo foi sepultado na Igreja Matriz de Araruna, em cerimônia que contou com a presença de D. Antonio Muniz Fernandes, bispo da diocese de Guarabira, da Dra. Vilma Targino Maranhão, representante do Governador do Estado, de D. Epaminondas José de Araújo, do Dr. Benjamim Gomes Maranhão Neto, prefeito municipal, do Padre Cristiano, vigário de Araruna, de vários sacerdotes da diocese, além de outras autoridades da região e de uma multidão de fiéis.

Pela cidade, ecoava o som plangente dos sinos, anunciando a partida do intrépido Padre Joaquim...

---

[14] CÂMARA, Leôncio Teixeira: "Padre Joaquim Simões", *Revista da Associação dos Magistrados da Paraíba*, fevereiro/99, p.15.

Capelas e Padroeiros

Capelas filiais e capelas particulares. A Capela do Riachão. A antiga Capela de Tacima. A Capela de Cacimba de Dentro. Outras capelas filiais. Duas importantes capelas particulares: a Capela do Maquiné e a Capela da Cacimba do Gado.

Além da matriz da padroeira, conta a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Araruna com várias capelas filiais espalhadas pelo território da freguesia, além de algumas capelas privadas, localizadas em propriedades particulares, todas elas com o seu respectivo padroeiro.

Algumas das capelas filiais estão situadas na zona rural, em localidades onde existem pequenos aglomerados humanos. São, essas capelas, ponto de reunião da gente do campo, onde se faz o trabalho de evangelização e, periodicamente, o vigário celebra missas e se encontra com o povo da zona rural.

As capelas particulares falam de um passado já distante. Compunham o triângulo de que falava Gilberto Freyre: casa-grande, capela e engenho. Elas são uma prova do sentimento de profunda religiosidade dos nossos antepassados e exprimem, de forma eloqüente, o espírito de piedade e de fé que plasmaram as nossas famílias ao longo da história.

A existência de algumas delas remonta ao século XIX. É o caso da Igrejinha de Santo Antônio, a mais antiga de todas e da qual já falamos no capítulo inicial desse trabalho, construída na primeira metade daquele século, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, em redor da qual surgiu o povoado de Araruna.

Outra capela centenária é a do Riachão, criada sob a invocação de São Gonçalo[1], mas que adotou, posteriormente, Nossa Senhora da Conceição como padroeira.

Ignora-se a data de sua edificação. Consta no seu frontispício o ano de 1885. Essa data, no entanto, diz respeito a uma ampliação sofrida na antiga ermida. Existe, também, gravada em uma das paredes internas da antiga edificação o ano de 1866, o que sugere a data de sua construção. Embora não seja de toda desarrazoada esta suposição, queremos crer que sua construção seja anterior a 1860, pois há, nos livros de assentamentos da paróquia, registros de vários batizados realizados no Riachão, pelo coadjutor da paróquia, Padre José Morais, a partir de 1857.

Quem primeiro dá notícia do estado dessa capela é o visitador diocesano, Monsenhor José Thomáz Gomes da Silva, que, em janeiro de 1911, esteve no Riachão em visita pastoral, realizando crismas, comunhões e casamentos. É dele a observação contida no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna[2]:

> A *capela do Riachão, bem construída e ampla, está devidamente paramentada.*

Sabemos, por anotação encontrada no Livro de Tombo[3], que o Padre Severino Cavalcanti de Miranda realizou grandes melhoramentos externos na referida capela.

É a única de nossas capelas a conservar, bem a sua frente, o velho cruzeiro, fincado em base de alvenaria, símbolo de nossa religiosidade.

Outras duas capelas filiais do século XIX existiram até bem pouco tempo. A de Cacimba de Dentro, sob a invocação de Santo Antônio,

---

[1] SEVERIANO, Cônego Francisco: *Annuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte.* Parahyba do Norte: Estabelecimento Gráfico Torre Eiffel, s/d, vol. I (1894-1907), p.30.

[2] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna pelo Monsenhor José Thomáz Gomes da Silva, em janeiro de 1911, pp. 44 e 44v.

[3] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna pelo Padre Severino Cavalcanti de Miranda, sobre uma grande reforma externa na Capela de Riachão, p. 58v.

Capela do antigo distrito de Riachão, criada sob a invocação de São Gonçalo, posteriormente, Capela de Nossa Senhora da Conceição. Fotografia de março de 1988.

ainda hoje padroeiro da cidade; e a de Tacima, atual Campo de Santana, construída para o culto à Senhora Santana, sua padroeira.

Infelizmente, não dispomos de notícias oficiais sobre a data de construção dessas capelas. O que não temos dúvidas é que elas já existiam no século XIX.

O ANNUARIO ECCLESIASTICO DA PARAHYBA DO NORTE[4], entre outras informações sobre a Paróquia de Araruna, diz o seguinte:

> *Além do templo parochial, de boa construcção, possue um outro de tamanho regular e mais ou menos asseado. São cappelas filiaes: Sant'Anna, distante 3 leguas, na povoação de Tacima; S. Antonio, a 4 leguas, em Cacimba de Dentro; S. Gonçalo, a 3 leguas, no povoado Riachão. Possue as irmandades do Sagrado Coração de Jesus e N. Senhora da Conceição.*

O outro templo *de tamanho regular e mais ou menos asseado*, a que se refere o ANNUARIO, é, com certeza, a Igrejinha de Santo Antônio, na sede da paróquia, já descrita.

A capela erigida a Senhora Santana que deu origem ao povoado de Tacima, era, a princípio, uma modesta ermida de taipa, que sofreu ampliação no final do século XIX.

Localizada nas imediações do velho sobrado pertencente à família do Sr. Lula Cruz, entre as duas fileiras de casas que formam a atual Rua Joaquim Lins de Albuquerque, a velha capela, defeituosa na sua construção e modestamente provida, só foi demolida por volta de 1968.

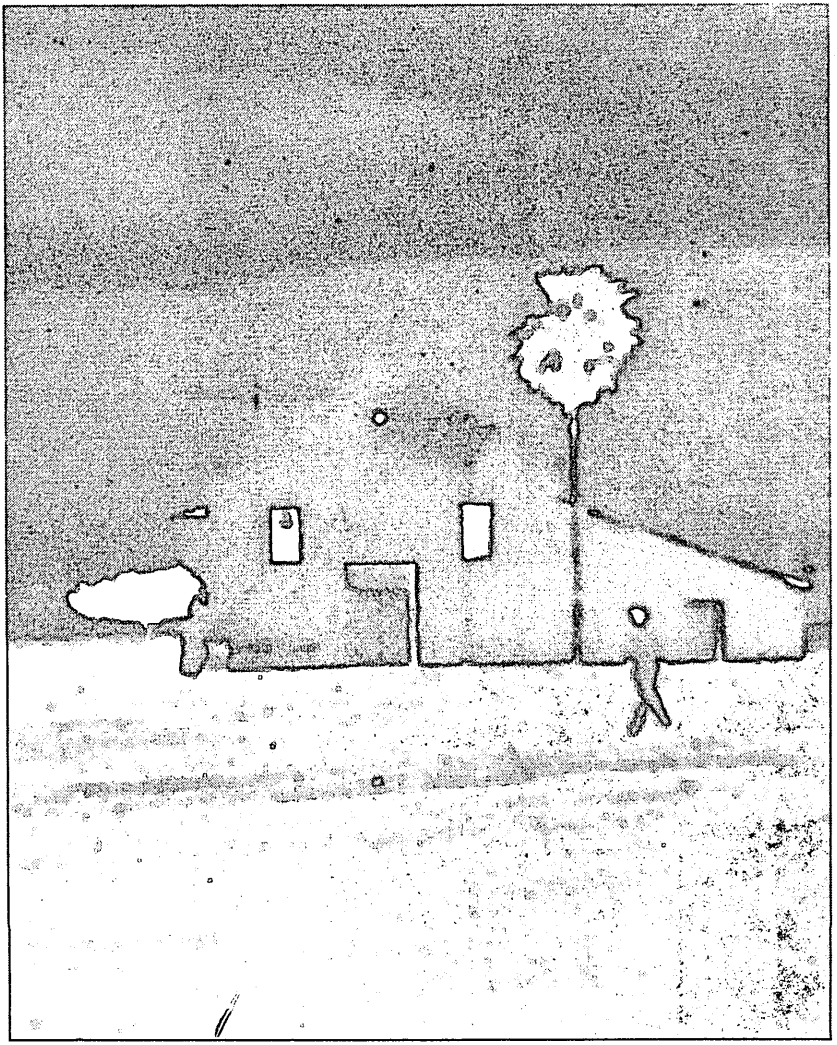
Em 1952, o Padre Severino Cavalcanti de Miranda, ao sair de Araruna, deixou quase concluída, em outro local, a nova Igreja de Tacima[5]. A inauguração da nova igreja se deu nos anos 60, durante o vicariato do Padre Joaquim de Sousa Simões.

---

[4] SEVERIANO, Cônego Francisco: *Annuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte.* Parahyba do Norte: Estabelecimento Gráfico Torre Eifflel, s/d, vol. I (1894-1907), p.30.

[5] Anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna pelo Padre Severino Cavalcanti de Miranda, p. 58v.

Aspecto do antigo.distrito de Tacima, nos anos 50, vendo-se à direita, a Capela de Santana, demolida por volta de 1968. Fotografia gentilmente cedida por Zilma Ferreira Pinto.



Capela de Santana no antigo distrito de Tacima, construída no Século XIX e demolida por volta de 1968.

A Capela de Santo Antônio, em Cacimba de Dentro, foi demolida em 1962. Nesse mesmo ano, a 1º de outubro, foram iniciados os trabalhos de construção da nova capela, no mesmo local da antiga, cuja inauguração se deu a 10 de fevereiro de 1963, com a presença do Arcebispo Metropolitano, D. Mário de Miranda VilasBoas, que fez a bênção litúrgica.

Com a criação da Paróquia de Cacimba de Dentro, desmembrada da Paróquia de Araruna por D. Marcelo Pinto Carvalheira, em 16 de abril de 1995, a capela foi elevada à dignidade de matriz, continuando Santo Antônio como padroeiro. Ficou regendo a nova paróquia o Padre Pedro Gomes Bezerra.

Outras capelas filiais

A Capela de Boa Vista.

Outra velha capela da Freguesia de Araruna é a de Nossa Senhora dos Remédios, localizada no Sítio Boa Vista.

Foi, a princípio, um templo humilde, de taipa e mal construído. Ameaçando ruir, o Padre Severino Cavalcanti de Miranda fez levantar em seu lugar uma nova igreja, cuja construção, em forma de cruz, estava concluída em 1950.

A notícia religiosa mais importante desse templo é a realização da tradicional Festa de Boa Vista. Para lá, no dia 15 de agosto, se deslocam, todo ano, romeiros de várias cidades a fim de pagar promessas, um acontecimento de mais de cinqüenta anos de tradição. Atualmente pertence à Paróquia de Cacimba de Dentro.

A Capela do Bola

Bem mais nova que as anteriores é a Capela de Nossa Senhora da Conceição, na comunidade do Bola, a 6 quilômetros de Tacima, cuja

construção foi concluída em 20 de dezembro de 1981, pelo Padre Joaquim de Sousa Simões.

A CAPELA DA PEDRA DO LETREIRO

As primeiras celebrações no Sítio Água Fria aconteceram em maio de 1954, na própria Pedra do Letreiro - situada nos limites da Paróquia de Araruna com o Estado do Rio Grande do Norte - onde foi feito um pequeno altar com uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, que tinha sido adquirida pelo Sr. Celso Lisboa, em pagamento a uma promessa. As missas, entretanto, durante quase trinta anos, eram celebradas na residência do casal Celso Lisboa e D. Aparecida.

Em 13 de outubro de 1984, foi inaugurada a Capela de Nossa Senhora de Fátima de Água Fria, em terreno doado pelo casal José Gomes de Araújo e Maria das Neves Soares de Araújo. A capela foi construída com a ajuda de toda a comunidade que também colaborou para a aquisição de uma nova imagem de Nossa Senhora de Fátima[6].

São ainda capelas filiais, a Capela de Santa Rita, localizada no Varelo de Baixo; a Capela de Santa Isabel, no Varelo de Cima, construída pelo Padre Luís Pescarmona, depois de um grave conflito de terra; a Capela de Santo Antônio e São Pedro, no assentamento do Baixio, no Riachão; a Capela de Nossa Senhora Aparecida, em Mata Velha, construída pelo Padre Cícero Roberto de Araújo e inaugurada em 14 de abril de 1995; e a Capela de Santa Luzia, na comunidade Carnaúba do Limão, inaugurada em 13 de dezembro de 1998, pelo Bispo D. Antônio Muniz, da Diocese de Guarabira.

[6] Essas informações sobre a Capela de Água Fria nos foram passadas, em parte, pela acadêmica de Geografia, Lúcia Macedo. Outros dados estão anotados no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna pelo Padre Joaquim de Sousa Simões, p. 82v.

Capelas particulares

Embora não mais apresentem movimentos religiosos, apenas duas capelas particulares podem ser incluídas no patrimônio histórico-arquitetônico-religioso de Araruna: a Capela do Maquiné e a Capela da Cacimba do Gado.

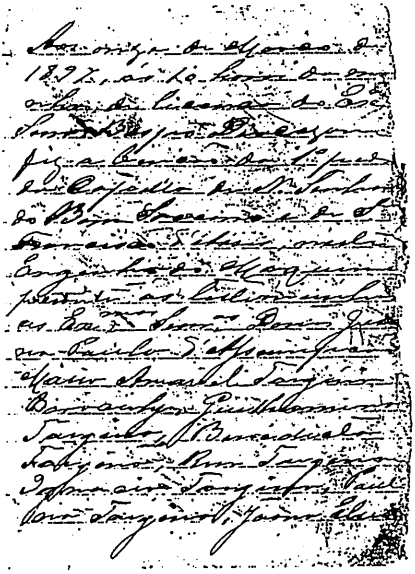
A Capela do Maquiné

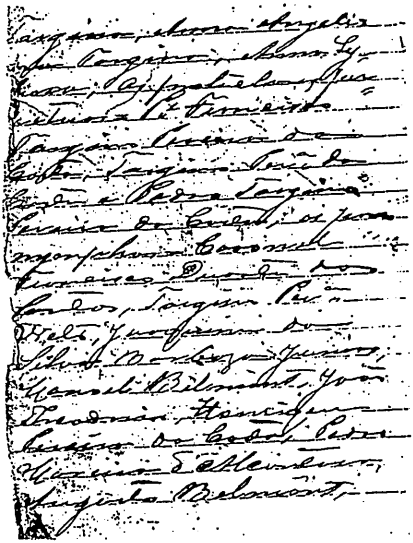
A mais antiga delas é a Capela de Nossa Senhora do Bom Socorro e de São Francisco d'Assis, erguida no antigo Engenho Maquiné, cuja proprietária era D. Jesuina Paula d'Assumpção, viúva de Targino Pereira da Costa, patriarca da família Targino e pai do Padre Francisco Targino Pereira da Costa, construtor da referida capela, no ano de 1897.

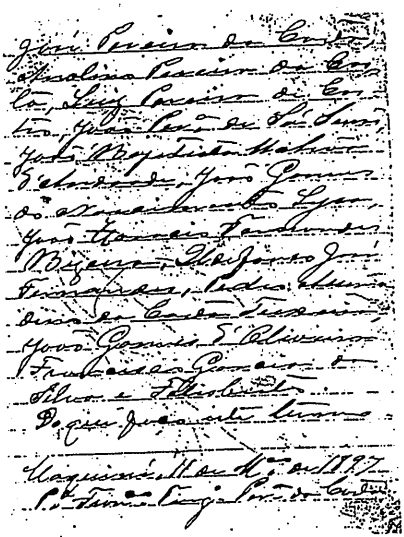
Sobre a construção dessa capela, tivemos a sorte de encontrar, casualmente, algumas anotações feitas pelo próprio Padre Targino, em uma velha caderneta de sua propriedade. Bastante surrada, com poucas páginas intactas, a velha caderneta nos foi passada pelo amigo Zé Fonsêca, que a encontrara, há muitos anos, entre antigos papéis de seu pai, Targino Fonsêca, sobrinho do Padre Targino.

Pelo valor histórico, reproduzo as anotações feitas pelo padre:

> *Aos onze de Março de 1897, às 10 horas da manhã, de licença do Ex^mo Sr. Bispo Diocesano, fiz a bênção da 1ª pedra da Capela de N. Senhora do Bom Socorro e de S. Francisco d'Assis, neste Engenho do Maquiné, perante as testemunhas, as Ex^mas Senhoras Donas Jesuina Paula d'Assumpção, Maria Amavel Targino Baracuhy, Guilhermina Targino, Benedicta Targino, Rosa Targino, Ignacia Targino, Paulina Targino, Joana Elvira Targino, Anna Angelina Targino, Anna Lyliosa; os protetores perpétuos = Padre Francisco Targino Pereira da Costa, Targino Pereira da Costa e Pedro Targino Pereira da Costa; os paraninfos — Coronel Francisco Duarte dos*







Anotação feita pelo Padre Targino , em 11 de março de 1897, quando da bênção da primeira pedra da Capela do Maquiné.

Santos, Targino Pereira Neto, Joaquim da Silva Barboza Junior, Manoel Belmont, João Theodosio, Henrique Pereira da Costa, Pedro Moreira d'Alcantara, Augusto Belmont, José Pereira da Costa, Anolino Pereira da Costa, Luiz Pereira da Costa, João Pereira de Sá Serrão, João Baptista d'Andrade, João Gomes do Nascimento Lyra, João Horácio Fernandes Bezerra, Ildefonso José Fernandes, Pedro Assendino da Costa Teixeira, João Gomes d'Oliveira, Francisco Garcia da Silva e Felisberto.

Do que faço este termo.
Maquiné, 11 de março de 1897
Pe. Francisco Targino Pereira da Costa

Situada a dois quilômetros do centro urbano de Araruna, a Capela de Nossa Senhora do Bom Socorro e São Francisco d'Assis faz parte do conjunto arquitetônico da atual Fazenda Maquiné, formado pela casa-grande, capela, casa dos moradores e armazém.

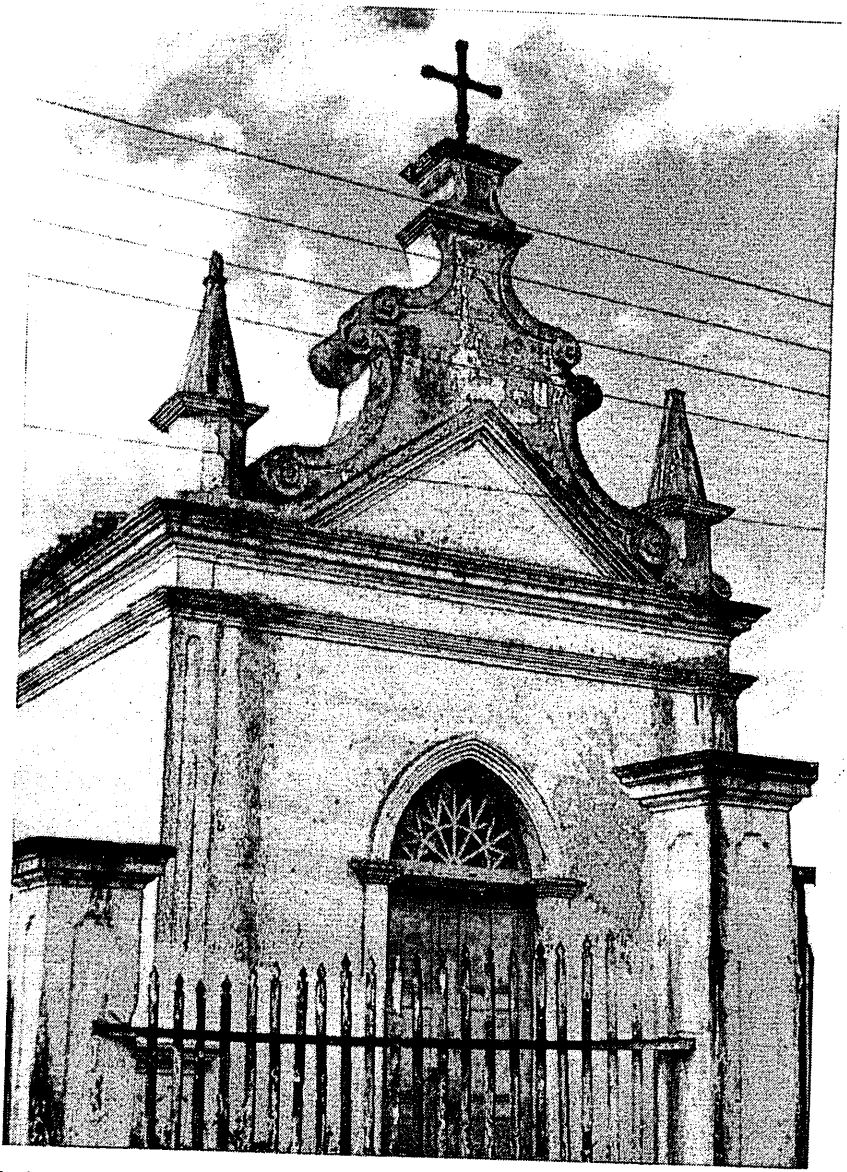
Embora mal conservada, a Capela do Maquiné é a mais bonita de todas as capelas da paróquia. Reflete o estilo barroco rural, apresentando outras influências, como os arcos ogivais do neogótico, além de um frontão triangular de características neoclássicas[7].

Nela estão sepultados os restos mortais do Padre Francisco Targino Pereira da Costa, seu construtor, e de outros membros da família Targino.

Atualmente, a Capela do Maquiné pertence ao Dr. Durval Falcão, casado com a Dra. Maud Targino Falcão, bisneta de Targino Pereira da Costa, falecido em 30 de agosto de 1887 e primeiro proprietário do Engenho Maquiné.

[7] Relatório do Projeto *Resgate Histórico, Arqueológico e Arquitetônico da Região do Curimataú -PB, (Conjunto Arquitetônico Fazenda Maquiné).* Governo do Estado da Paraíba, Secretaria de Educação e Cultura, Fundação Casa de José Américo, 1998.

Capela de Nossa Senhora do Bom Socorro e de São Francisco d´Assis, construída em 1897 pelo Padre Francisco Targino Pereira da Costa, no antigo Engenho Maquiné. Fotografia do acervo da Fundação Casa de José Américo.



Fachada da bonita capela da atual Fazenda Maquiné. Fotografia do acervo da Fundação Casa de José Américo.

A CAPELA DA CACIMBA DO GADO

Uma outra capela particular, de construção simples e bem mais recente, está situada na Fazenda Cacimba do Gado e tem como padroeiro São Francisco.

Construída em 1932 por D. Chiquinha Gomes, viúva do Major João Gomes de Oliveira, a capelinha, em toda a sua singeleza, traduz a herança de nossa cultura rural tradicional.

Bem conservada e preservando, ainda hoje, toda a sua originalidade, a Capela da Cacimba do Gado encontra-se localizada em frente à casa-grande da fazenda, distante uns 50 metros, bem no sopé da Serra de Araruna, um local de rara beleza cênica e importância ambiental.

O pedreiro encarregado de sua construção foi o ararunense Mestre Dila, o mesmo construtor da Capela de Boa Vista e de alguns dos antigos altares da matriz da paróquia.

A Capela de São Francisco da Cacimba do Gado pertence hoje ao Dr. João da Silva Furtado, casado com a Dra. Vanda de Moura Furtado, neta de D. Chiquinha Gomes.

Capela de São Francsico, construída em 1932, por D. Chiquinha Gomes, na Fazenda Cacimba do Gado.

O Padre Christian Muffler e o caminhar de uma nova Igreja

A estrutura paroquial implantada pelo novo vigário. Dados biográficos do Padre Christian Muffler. As atividades desenvolvidas pelo Padre Christian.

Sem querer fazer uma interpretação, no sentido doutrinal, das atividades pastorais que o Padre Christian Muffler vem desenvolvendo desde que chegou a Araruna, em dezembro de 1996, não podemos desconhecer o modelo de Igreja que vem emergindo da estrutura paroquial implantada pelo novo pároco, totalmente modificada nos seus quadros e nos seus métodos.

Nenhum outro vigário introduziu, de uma só vez, tantas atividades diferentes em relação à prática católica tradicional, quanto o Padre Christian Muffler - Padre Cristiano para os paroquianos - quer no campo da liturgia, quer nos campos da evangelização e da catequese.

A atual estrutura paroquial está organizada em uma rede de comunidades, privilegiando a evangelização, a formação de lideranças leigas e promovendo o trabalho em equipe.

Para usar uma expressão já conhecida desde os idos de Medellin[1], é *o novo modo de ser da Igreja,* que já havíamos identificado, em Araruna, durante a passagem do Padre Assis Inácio, entre 1989 e 1993.

É visível em todos os quadrantes da freguesia, quer nos sítios ou na cidade, a presença da *nova Igreja* pelos seus grupos de catequese e de

[1] Medellín, Colômbia. Local da II Conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano, 1968.

liturgia; pelas Pastorais da Terra e do Menor; pelos agentes missionários e pelos diversos movimentos da paróquia.

É verdade que o Padre Cristiano, em termos de evangelização, segundo ele mesmo registrou no Livro de Tombo, já encontrou, em Araruna, um grupo de liturgia, um grupo de catequese, o Apostolado da Oração assumindo o início do dízimo, um grupo apoiando as Obras das Vocações Sacerdotais e Religiosas, a Pastoral da Terra, a Pastoral do Batismo, um grupo do movimento Focolare, além de um pequeno grupo dando início à Renovação Carismática. Mas foi ele quem ampliou e fortaleceu esses grupos, dando uma nova dinâmica de ação.

Impõe-se relatar, aqui, os trabalhos desenvolvidos pelo Padre Cristiano, para que se possa fazer uma avaliação equilibrada do seu vicariato, que vem aprofundando e reforçando a opção pelos pobres. Antes, alguns dados de sua biografia.

DADOS BIOGRÁFICOS DO PADRE CHRISTIAN MUFFLER

Christian Karl Albert Muffler nasceu na Alemanha, a 20 de junho de 1935. Filho de Victor Muffler e Hiltrud Muffler, ordenou-se em 30 de junho de 1962, aos 27 anos de idade.

Chegou ao Brasil no dia 18 de janeiro de 1964, na cidade de Tubarão, Santa Catarina, permanecendo até 1967 na Paróquia de Capivari, também do Estado de Santa Catarina. Em janeiro de 1968, veio para o Nordeste, assumindo a Paróquia de Petrolândia, da Diocese de Floresta, em Pernambuco, onde coordenou a catequese e deu curso de canto. De janeiro a maio de 1974, esteve na Diocese de Ilhéus, na Bahia.

Em 1974, chegou à Paraíba. Durante dez anos, atuou nas paróquias de Pirpirituba, Serra da Raiz, Jacaraú, Lagoa de Dentro, Duas Estradas, Caiçara e Logradouro. De fevereiro de 1984 até 1991, assumiu a Paróquia

Padre Christian Karl Albert Muffler — Padre Cristiano — vigário da Paróquia de Araruna desde 14 de dezembro de 1996.

de Mari, atuando em Mulungu, Alagoinha e Cuitegi. No mesmo ano, esteve em Pilõezinhos e Guarabira. A 1º de setembro de 1991, assumiu a Paróquia de Bananeiras, de onde saiu, a 14 de dezembro de 1996, para dirigir a Freguesia de Araruna.

A CHEGADA DE PADRE CRISTIANO A ARARUNA

Uma das primeiras providências do Padre Cristiano, ao chegar a Araruna, foi fazer mudanças no quadro de pessoal burocrático que servia à paróquia e modernizar toda a sua estrutura funcional.

A princípio, trouxe de Bananeiras uma equipe de leigos, contando com a presença da agente de pastoral Rosimere Alves e dois jovens missionários alemães. Rosimere assumiu com grande competência e criatividade o acompanhamento dos grupos e das várias pastorais, na cidade e nos sítios. Foi ela a responsável pela introdução da Escola da Fé, um tipo de aulas sobre a Bíblia que eram ministradas todas as terças-feiras com grande aceitação da comunidade. Hoje, essa Escola da Fé funciona às sextas-feiras com as aulas sendo ministradas pelo seminarista Paulo, que chega a Araruna todos os fins de semana.

Os dois missionários alemães, Marius e Sebastião, se entregaram a projetos de cacimbões e cisternas, sendo acompanhados pelo Irmão Urbano, redentorista de Campina Grande.

Motivada pelo tema da Campanha da Fraternidade de 1997, Rosimere criou a Pastoral Carcerária, recebendo muito apoio do Juiz da Comarca.

Foi ainda em 1997 que Padre Cristiano tentou implantar, em Araruna, o movimento Amigos da Bíblia, contando com a presença de 250 homens, quase todos vindos de Bananeiras e municípios vizinhos.

Naquele ano, a Semana Santa foi muito movimentada nos sítios, com a presença de uma equipe de professores e jovens do Colégio Pio X, da capital. Uma experiência que vinha dando certo nos anos anteriores na Paróquia de Bananeiras.

Outra grande obra do Padre Cristiano foi a criação da Associação Semente da Esperança e a Pastoral do Menor, ambas para dar assistência aos menores de rua.

Para transformar o mês de maio num mês missionário, foram criados, sob a orientação da missionária Irmã Vera, de Santa Fé, seis grupos, um para cada bairro, que rezam o Mês de Maria e se encontram aos sábados e domingos na matriz, animando as noites de maio. A Irmã Vera conseguiu motivar também os sítios para uma nova maneira de rezar o mês de maio.

No campo material, o vigário ampliou e fez grandes reformas na casa paroquial. Para amenizar o grave problema de água, cavou um poço no quintal da casa.

Comprou um terreno que servia de depósito de lixo, por trás da casa paroquial, onde foi construído um *container* para guardar as doações, em roupa, que vêm da Alemanha.

No mesmo ano, adquiriu seis terrenos à Rua Luiz Targino, medindo, cada terreno, 10 metros de frente por 22 de largura. Nesse espaço, deverá ser erguida uma capela.

Uma outra obra que merece destaque foi a fundação do Colégio Sagrada Família, ainda em 1997, funcionando no Centro Pastoral. A manutenção do prédio do Centro Pastoral, construído pelo Padre Assis, estava sendo assumido pelo grupo dos trabalhadores ligados à Pastoral da Terra, o que, aos poucos, vinha se tornando um pesado encargo para os mesmos. Por conta dessa dificuldade, o Padre Cristiano aceitou a proposta de um grupo de professoras do movimento Focolare de ceder o prédio para a criação do Colégio Sagrada Família, sem detrimento das atividades pastorais.

O Padre Egon Born, junto com o Sr. Arnoldo Donath, ambos alemães, da Paróquia de Gifhorn - situada na Diocese de Hildesheim - que estavam passando suas férias em Araruna, deram um forte incentivo e muito ajudaram nas despesas da implantação do projeto do colégio.

Antes de encerrar 1997, a paróquia adquiriu, no Conjunto Marizete Dutra, uma pequena casa para atividades de evangelização e catequese daquele bairro.

Durante o ano de 1998, o Padre Cristiano repetiu algumas experiências efetuadas no ano anterior. Promoveu, durante o carnaval, um retiro para os Amigos da Bíblia e mais uma vez trouxe, para a Semana Santa, alunos do Colégio Pio X e seminaristas para as solenidades na matriz e em Tacima.

Distribuiu entre muitas pessoas carentes, vítimas da seca, três caminhões de alimentos recebidos da cidade de Cristina, Minas Gerais. Iniciou a distribuição de um sopão, com a ajuda dos amigos da Alemanha, em todos os sítios, onde constatou desnutrição entre as crianças que não eram contempladas pela merenda escolar. Em cada sítio, onde a situação era mais crítica, foi criado um Comitê da Fome, encarregado de tomar providências para evitar que alguém morresse por falta de alimento.

Em janeiro de 1999, em face do agravamento do estado de saúde do Monsenhor Joaquim de Sousa Simões, chegou para servir como cooperador o padre alemão Rainer Kröger.

Outros trabalhos no campo social foram realizados pelo Padre Cristiano. Junto à Arquidiocese de Natal e à Pastoral Social, conseguiu dois projetos de perfuração de poços artesianos nas comunidades de Barbaço e Serra Bonita, ambas pertencentes ao vizinho município de Japi, no Rio Grande do Norte.

Dentro dessa linha de atuação, tem sido notável o trabalho desenvolvido pelo vigário de Araruna. No ano de 1999, de grande seca, conseguiu cavar doze poços nas comunidades da paróquia, com a ajuda de alguns amigos da Alemanha.

Em outubro de 1999, no auge da seca, o missionário Afrânio com as pessoas da comunidade de Serra Bonita fizeram um mutirão para cavar uma barragem subterrânea, *uma experiência que deu certo para a alegria de todos*[2].

Tem sido assim a atividade do Padre Cristiano à frente da administração da Freguesia de Araruna.

Não faltam missionários, seminaristas, cooperadores, agentes de

[2] Expressão usada na anotação feita no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, p. 99v.

pastoral, sem falar na ajuda que a paróquia tem recebido do Sr. Bispo da Diocese de Guarabira, o frade carmelita D. Antonio Muniz Fernandes, que tem participado de várias solenidades em Araruna, como na festa de Nossa Senhora dos Remédios, no Sítio Boa Vista, na inauguração da Capela de Santa Luzia, da comunidade Carnaúba do Limão, e na visita à Pedra do Letreiro, este ano, onde presidiu a uma celebração eucarística, com a presença de uma multidão de romeiros.

O Padre Cristiano tem conseguido aprovação de vários projetos junto à Adveniat, Ação Episcopal das Dioceses da Alemanha que, no período do Advento, arrecada donativos para os programas de evangelização na América Latina.

Várias casas pertencentes à paróquia têm sido reformadas pelo dinâmico pároco. Numa delas, está funcionando a Pastoral do Menor.

Nos últimos meses, Padre Cristiano adquiriu para o patrimônio da paróquia, vários terrenos na cidade. Em um deles, localizado no Conjunto Helder Targino Maranhão, será erguida a Capela de Santa Vitória, no local onde foi assassinada uma menina de rua.

Uma outra capela se levantará no Bairro do Cemitério, em um dos terrenos de propriedade da paróquia[3].

É precisamente esse o caminhar da Igreja de Araruna que temos observado nos últimos tempos.

Embora invísiveis a muitos, fenômenos novos sopram sobre a vida dessa pequena cidade, encravada em território de miséria do Nordeste, e dão sinais de significativas transformações.

Paralelamente a tudo isso que vem ocorrendo, é preciso registrar que o poder público estadual também vem, nos últimos anos, procurando superar históricas limitações, a começar pela crucial questão do suprimento de água, ou fazendo importantes incursões no campo social, dotando a cidade de alguns equipamentos públicos indispensáveis, como casas populares, postos e programas de assistência à saúde e à pobreza, infra-estrutura de eletricidade, algumas escolas, reformas de próprios municipais, estaduais e religiosos.

[3] Todas as atividades do Padre Cristiano, aqui relatadas, estão registradas no Livro de Tombo da Paróquia de Araruna, pp. 92-110v.

Neste contexto particular, até podemos atestar que a cidade vem melhorando.

Mas o que mais surpreende, porque foge ao convencional, são os *ares renovadores da participação,* indutores da verdadeira cidadania, que por ali se passou a respirar.

Sob inspiração de novos atores sociais, liderados pela Igreja Católica, grande parte da gente de Araruna vem se transformando em *sujeito engajado* dessas mudanças.

É a Igreja inspirando e estimulando uma nova ordem de justiça social, fazendo suas as ansiedades dos menos favorecidos.

Nasce um povo novo, um povo que tem voz e fala, que sofre, mas que tem esperança, solidariza-se, participa, cresce...

As obras de recuperação e os melhoramentos introduzidos na igreja matriz

A proposta de construção de torres. O projeto elaborado pela Fundação Casa de José Américo. As obras de recuperação da igreja matriz. A solenidade de entrega da matriz.

Para encerrar este documento sobre a Freguesia de Araruna, um documento que obedeceu, na sua seqüência, à ordem cronológica dos acontecimentos, dou notícias sobre as obras que foram realizadas, entre outubro de 1999 e setembro de 2000, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, pelo Governo do Estado.

Em outras ocasiões, tive oportunidade de manifestar a minha preocupação em relação à preservação da memória da cidade, sua história, sua cultura, e com a conservação dos seus bens patrimoniais e dos seus valores de um modo geral. Foi assim quando falei do Velho Mercado. Foi assim quando falei de Pereira da Silva e Perylo d'Oliveira, e, também, quando aplaudi a restauração do Grupo Escolar Targino Pereira.

Sobre a recuperação da igreja matriz, fico muito à vontade para falar do assunto. Graças à prestimosidade da presidenta da Fundação Casa de José Américo, Dra. Ivanice Frazão de Lima e Costa, pude acompanhar o andamento do projeto, desde o seu nascedouro até o momento final da execução. Sou testemunha do trabalho e do desvelo da Dra.Ivanice e dos técnicos daquela Fundação, na elaboração dos estudos e na execução dos criteriosos trabalhos necessários à preservação daquele bem patrimonial.

Na minha opinião, fez muito bem o Governo do Estado em tomar para si a execução das obras de recuperação e de melhoria da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Araruna. Há muito que aquele templo estava a carecer de reparos e melhoramentos.

A iniciativa do Governador José Targino Maranhão, um filho da terra, de promover melhorias naquela igreja, surgiu há três anos, mais ou menos. A princípio, o Monsenhor Joaquim de Sousa Simões levou ao governador a idéia de construir duas torres onde pudesse ser instalado um campanário, de que carece aquela matriz.

A proposta de construção dessas torres mereceu a atenção daquela autoridade, que mandou fazer os estudos necessários.

Técnicos do IPHAN, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; do IPHAEP, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba; da FCJA, Fundação Casa de José Américo; e da SUPLAN, Superintendência do Plano de Desenvolvimento do Estado, levando em conta os aspectos técnico, estético e histórico, se pronunciaram contrários à proposta.

Para aqueles especialistas, a ausência de torres conferia à Igreja Matriz de Araruna uma singularidade que a distinguia de outras análogas. Portanto, a inserção de novos elementos seria uma descaracterização na sua originalidade.

Para a Dra. Ivanice Frazão, *a peculiar característica de ser desprovida de torre, antes de ser um elemento empobrecedor, confere àquele edifício religioso um valor excepcional, e a proposta de construção da torre só irá vulgarizá-lo.*

Inviabilizada essa intervenção, o Governador José Targino Maranhão recomendou à Fundação Casa de José Américo proceder estudos para a elaboração de um projeto de recuperação daquela igreja matriz.

A FCJA, por uma equipe de arquitetos e restauradores, com a colaboração da SUPLAN, dirigida pelo ararunense Dr. Carlos Roberto Targino Moreira, realizou visitas ao local, estabeleceu um diagnóstico da situação e empreendeu ações para o desenvolvimento do projeto.

Naquela oportunidade, foi estabelecido, como prioritário, o tombamento daquele templo pelo IPHAEP. No dia 3 de maio de 1999, pelo

Decreto nº 20.358, assinado pelo Governador José Targino Maranhão, foi tombada a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Araruna.

As obras de recuperação da igreja

No *Projeto Arquitetônico para Recuperação da Igreja Matriz de Araruna,* não se planejou fazer fortes intervenções na estrutura da edificação. Para usar as palavras dos próprios técnicos, *o principal objetivo da intervenção foi revitalizar o imóvel, restaurando a integridade dos seus elementos arquitetônicos tradicionais e bens móveis, eliminando e neutralizando interferências agressivas e estranhas à sua originalidade.*

Destacaram-se na elaboração e supervisão desse projeto, os arquitetos Gilberto Guedes, Marta de Luna Malheiros Feliciano, Flávia Tolentino de Carvalho e Eliane de Castro Machado Freire.

Para atender às atuais necessidades, tanto as litúrgicas, como as da comunidade, foram introduzidos os seguintes melhoramentos:

Criação de um novo altar-mor (retábulo e mesa do altar, em madeira).

Criação de sacristia e sala de apoio.

Substituição da escada de acesso ao coro.

Substituição do antigo forro, em precário estado de conservação.

Substituição do piso.

Implantação de novas instalações elétricas, hidro-sanitárias e de sonorização.

Padronização das esquadrias, das quais 50% eram originais remanescentes. As demais (alumínio e vidro) foram substituídas por outras de acordo com o modelo existente.

Recuperação do vigamento e assoalho do coro.

Recuperação dos detalhes e dos ornamentos na massa.

Complementação da estrutura de suporte do forro. (Em ferro galvanizado).

Nova iluminação.
Calçada externa.
Pinturas interna e externa.
Restauração da imaginária.
Recuperação dos móveis.
Introdução de um novo acionamento de sinos.
Construção do túmulo do Monsenhor Joaquim de Sousa Simões, no local onde existia a pia batismal, deslocada para o corredor lateral, do mesmo lado.

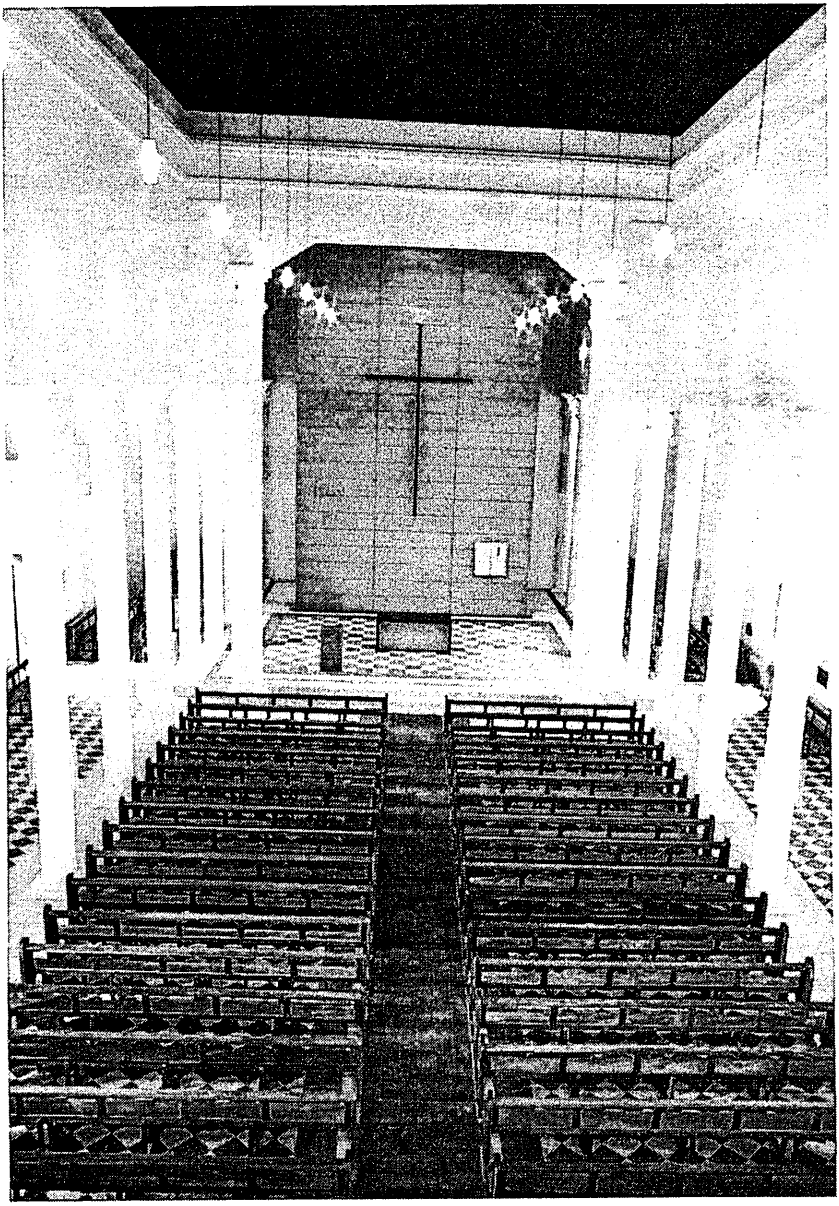
Com recursos próprios do Governo do Estado, a SUPLAN, por intermédio da Construtora Simetria, executou as obras no período compreendido entre 2 de outubro de 1999 e 6 de setembro de 2000, quando a igreja foi entregue ao público.

Durante esse tempo, nas minhas periódicas viagens a Araruna, acompanhei, com entusiasmo, todas as etapas da execução dos trabalhos, o que me valeu descobrir curiosidades e poder apreciar alguns aspectos da arquitetura original daquela centenária matriz: os detalhes do frontispício, os detalhes dos vãos da fachada e dos vãos laterais, os capitéis das pilastras e colunas, os detalhes das bases das pilastras e outros ornamentos que o mestre de obras, o ararunense Lourival Nicolau dos Santos, da Empresa Simetria, ia apontando e chamando a minha atenção.

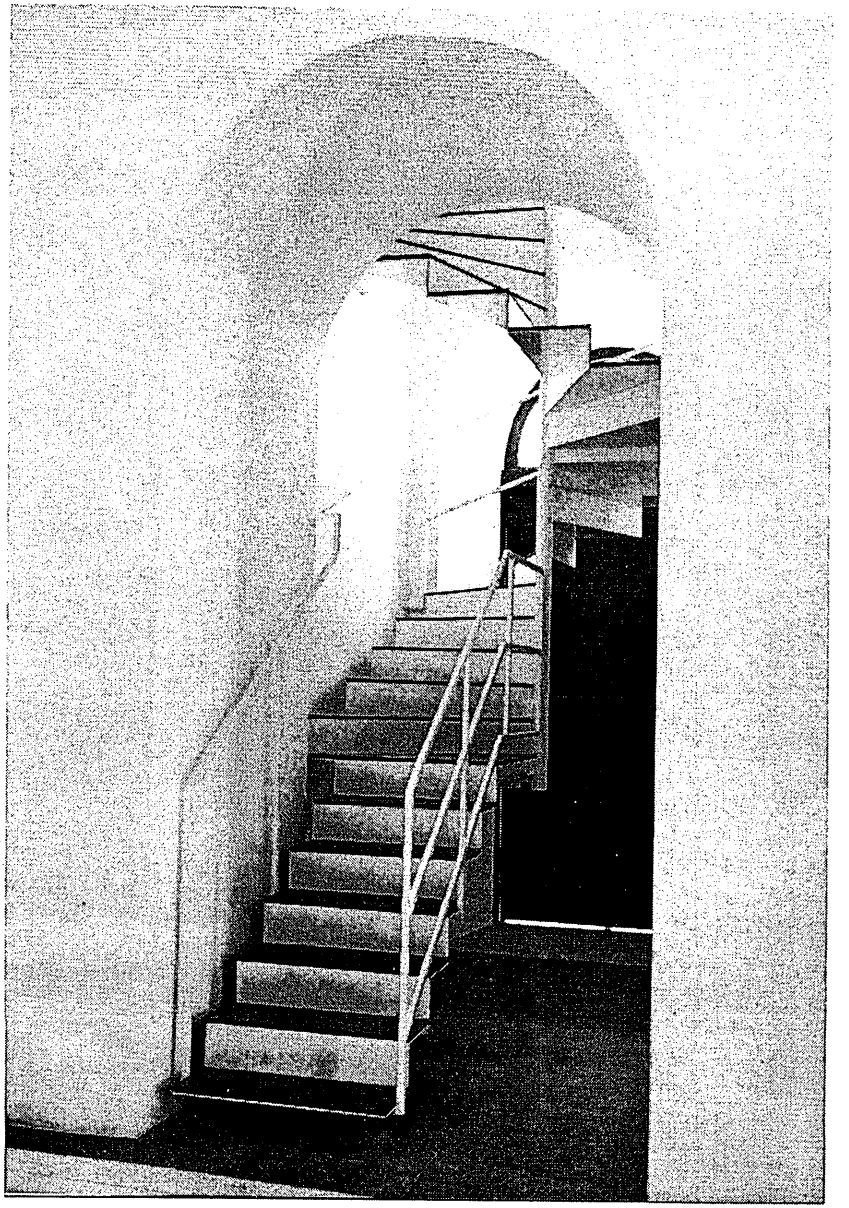
Entre as curiosidades aponto uma: os nomes de batismo dos sinos da matriz. O menor, com 28 quilos, que pertencera à Capela de Santo Antônio, tinha o nome de *Maria;* o outro, com 38 quilos, chamava-se *Manoel.*

Embora surpreendido com essa informação, colhida em conversas com pessoas mais velhas, o fato não me causou estranheza.

Eu sabia que na Catedral de Notre Dame, em Paris, existe o famoso sino *Emanuel,* de treze toneladas; também sabia que na Catedral de St. Paul, em Londres, um dos sinos se chama *Tom* e um outro, *Paul.* Se alguns sinos de catedrais famosas tinham nome, por que os da igreja de minha terra não podiam ter?



Interior da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, recuperada pelo Governador José Targino Maranhão e entregue ao público em 6 de setembro de 2000. Fotografia de autoria de Altair Castro, gentilmente cedida para este documento.



Nova escada de acesso ao coro da matriz, construída pelo governo do Estado, quando da recuperação da Igreja, em setembro de 2000. Fotografia de autoria de Altair Castro, gentilmente cedida para este documento.

Tomando conhecimento dessa notícia, o Padre Cristiano fez questão de dar nome ao novo sino que viria marcar a restauração da igreja. Teria o nome de *Antônio*, uma homenagem ao Dr. Antônio Fialho Moreira, um benemérito da paróquia, que tinha feito a doação do novo sino.

Pesando 58 quilos, o novo sino tem duas inscrições que tive o cuidado de anotar:

Uma delas é o lema do Jubileu do ano 2000: *Cristo, ontem, hoje, sempre. Ano Santo 2000.*

A outra faz referência aos trabalhos na matriz: *Louvo a Deus pela Matriz Restaurada.*

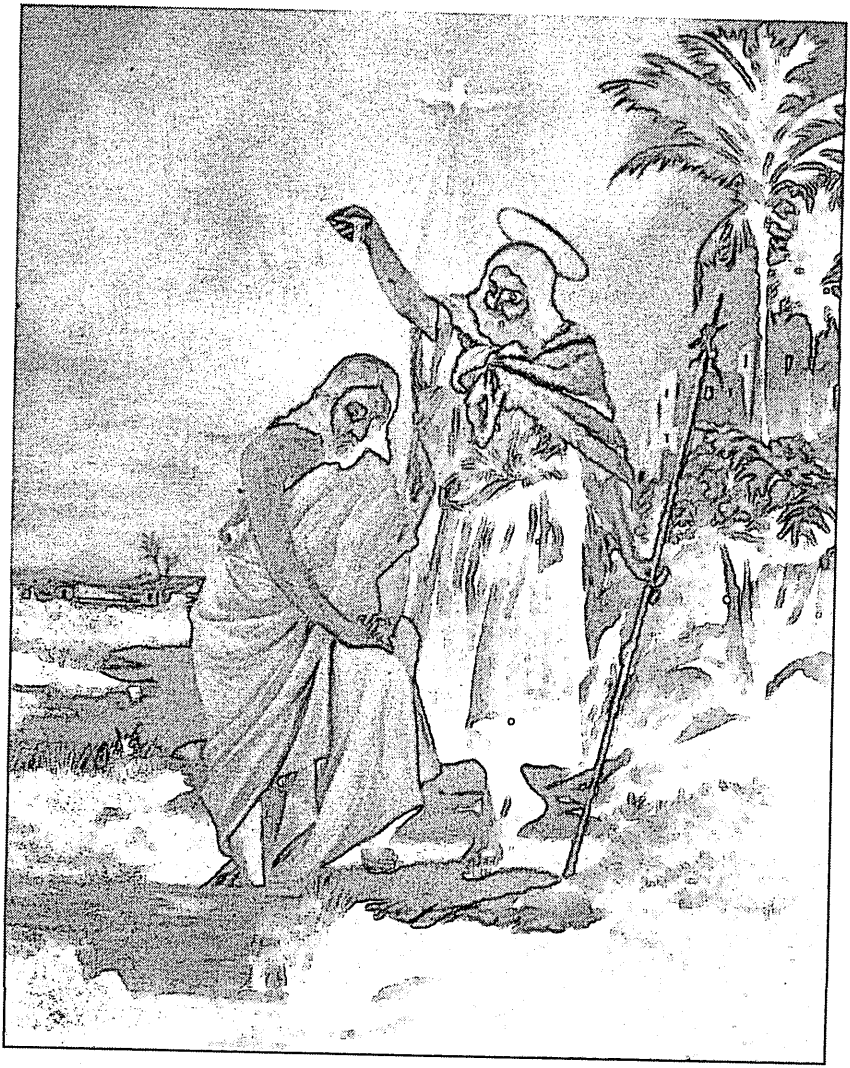
A bênção dos sinos, colocados agora do lado de fora do templo, foi feita no dia 3 de setembro, três dias antes da entrega da matriz.

Foi também durante a execução desses trabalhos, que pude apreciar a beleza das imagens que fazem parte do acervo da matriz, cuja relação e descrição me foram passadas pelos restauradores da Fundação Casa de José Américo, Fernando Antônio Nascimento Diniz e Maria Dulce Enrique Silva, quando estiveram em Araruna restaurando o painel *Batismo de Jesus*, localizado ao lado esquerdo da matriz, logo à entrada.

A respeito desse painel, em alvenaria policromada, medindo 1,50m x 1,50m, tenho conhecimento de que foi pintado por volta de 1945, a pedido do Padre Severino Cavalcanti de Miranda, pelo pintor conhecido pelo nome de Manoel do Padre, que veio da cidade de Bananeiras, para trabalhar em Araruna com o referido sacerdote. Esse painel substituiu o antigo quadro *Batismo de Cristo*, adquirido em 1919, pelo Padre Bandeira.

Em 1949, por encomenda do próprio Padre Severino, foi colocado sobre o painel uma tela a óleo, pintada pelo renomado pintor paraibano, Castor do Rego, que na época, como capitão, exercia a função de Delegado da Polícia, em Araruna.

Nos trabalhos da matriz, a tela de Castor do Rego foi retirada para



Tela a óleo "Batismo de Jesus", pintada em 1949, pelo paraibano Castor do Rego, recuperada pela Fundação Casa de José Américo e que se encontra, agora, na nova sacristia construída. Fotografia do acervo da Fundação Casa de José Américo.

ornamentar a nova sacristia, permanecendo, no local original, a obra de Manoel do Padre, totalmente restaurada.

Dou a seguir, a relação e a descrição das imagens pertencentes ao acervo da matriz, que começaram a ser restauradas pela Fundação Casa de José Américo:

Nossa Senhora da Conceição

Madeira policromada, provavelmente do século XIX.

A imagem encontra-se com descolamentos e perdas na policromia, com sujidades. Dimensão: 0,93m x 0,43m.

Sagrado Coração de Jesus

Gesso policromado. Dimensão: 0,92m x 0,14m. A imagem encontra-se sem a mão direita, com perdas e descolamentos na policromia e com sujidades.

Cristo na Cruz

Madeira policromada, provavelmente do século XIX. Dimensão: 0,90m x 0,30m. Encontra-se com perdas, descolamento na policromia e sujidades.

São Sebastião

Madeira policromada. A imagem encontra-se repintada. Dimensão: 1,19m x 0,13m.

Santa Teresinha

Gesso policromado. Dimensão: 0,62m x 0,21m. Encontra-se com perdas, descolamentos na policromia e sujidades.

Nossa Senhora do Carmo

Madeira policromada. Dimensão: 0,80m x 0,35m. Encontra-se com sujidades em toda sua policromia.

SÃO JOSÉ

Gesso policromado. Dimensão: 0,72m x 0,10m. Encontra-se com sujidades, perda total do pé do menino.

CRISTO DE ROCA

Madeira policromada. Dimensão: 1,20m x 0,50m. Encontra-se com sujidades e perdas na policromia.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Gesso policromado. Dimensão: 1,00m x 0,33m. Sujidades na policromia.

NOSSA SENHORA DAS DORES

Madeira policromada. Dimensão: 1,00m x 0,46m. Encontra-se com descolamentos, perdas na policromia e sujidades.

NOSSO SENHOR MORTO

Gesso policromado. Dimensão: 1,80m x 0,55m. Encontra-se com perdas, descolamentos na policromia e sujidades.

***

A solenidade de entrega da matriz, pelo Governador José Targino Maranhão, ao povo de Araruna, aconteceu no dia 6 de setembro de 2000, às 19 horas, data que marcava também o aniversário natalício do governador.

À porta da igreja, depois do repicar dos sinos, foi ouvido o Canto de preparação para entrar na Igreja (Salmo 15):

Senhor, quem entrará no Santuário prá te louvar?
Quem tem as mãos limpas, e o coração puro,
Quem não é vaidoso e sabe amar.

Senhor, eu quero entrar no santuário prá te louvar.
Ó, dá-me mãos limpas, e um coração puro,
Arranca a vaidade, ensina-me a amar.
Senhor, já posso entrar no santuário prá te louvar.
Teu sangue me lava, teu fogo me queima.
O Espírito Santo inunda meu ser.

Em seguida, foi celebrada pelo Exmo Sr. Bispo de Guarabira, D. Antônio Muniz Fernandes, uma missa em ação de graças, concelebrada pelo Padre Cristiano, vigário da paróquia; pelo Padre Rainer, coadjutor da paróquia, e vários padres da Diocese de Guarabira. Depois da homilia, feita por D. Antônio, falou o Governador José Targino Maranhão, dizendo da alegria em entregar à sua terra natal aquele templo totalmente recuperado e prometendo, também, restaurar a Igrejinha de Santo Antônio.

Por último, falou o Padre Cristiano, lembrando que *aquela obra era digna de marcar o Ano Santo e a virada do século e do milênio.* Agradeceu, em nome da paróquia, ao governador e a todos que colaboraram com aquele trabalho de recuperação da igreja.

Membros da Orquestra Sinfônica da Paraíba, entre eles o maestro Osmar Guiseppe Gioia e a solista Ana Gouveia, além do Coral Juvenil da Prefeitura de Araruna, abrilhantaram o acontecimento.

Participaram também das festividades, o Sr. Prefeito Municipal, Dr. Benjamim Gomes Maranhão Neto, Dra. Vilma Targino Maranhão e outros familiares do governador, além de auxiliares, autoridades estaduais e municipais, e um grande público que superlotou a matriz.

Na ocasião, foi distribuída uma revista comemorativa da restauração da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de bela feitura, editada pelo Governo do Estado da Paraíba, Secretaria de Educação, Cultura e Desportos e Fundação Casa de José Américo.

Assisti, da praça, no meio do povo, à toda essa solenidade festiva.

E durante todo o tempo que durou a festa, fiquei fazendo reflexões comigo mesmo.

Alegrava-me ver a matriz como estava. Aquela reforma causara forte repercussão no meu espírito. Felizmente, ainda não era tarde demais quando o Governador José Targino Maranhão decidiu tomar providências para proteção daquele bem patrimonial. Aquela obra representava uma dádiva do governador à Paróquia de Araruna.

Já não eram dois os sinos que repicavam, como nos tempos de minha infância.Um período da história de Araruna havia passado.

Quem sabe se, naquele momento, enquanto o governador entregava a matriz recuperada, o Padre Joaquim Simões não estava repetindo o salmo que alguém deixara escrito no livro da saudade, quando do seu falecimento:

Por isso meu coração se alegra, minhas entranhas exultam e minha carne repousa em segurança. (Sl. 16,9).